

**Universidade Federal do Rio de Janeiro.
Instituto de Filosofia e Ciências Sociais.
Departamento de História.
Programa de Pós-Graduação em História Social (PPGHIS).**

**Um monumento ao negro: memórias apresentadas ao Primeiro
Congresso Afro-brasileiro do Recife, 1934.**

Por: Clilton Silva da Paz.

Rio de Janeiro, 2007.

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

Um monumento ao negro: memórias apresentadas ao Primeiro Congresso Afro-brasileiro do Recife, 1934.

Por: Clilton Silva da Paz.

Dissertação submetida ao corpo docente do Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre.

Examinado por:

Prof.^a. Dr.^a. _____.

**Juliana Beatriz.
Presidente da Banca.**

Prof.^a. Dr.^a. _____.

Marta Campos de Abreu.

Prof. Dr. _____.

Marcos Luiz Bretas.

Prof.^a. Dr.^a. _____.

**Ana Lugão Rios.
Suplente.**

Prof.^a. Dr.^a. _____.

**Heloisa Gestera.
Suplente.**

Rio de Janeiro – 2007.

Um monumento ao negro: memórias apresentadas ao Primeiro Congresso Afro-brasileiro do Recife, 1934 / Clilton Silva da Paz.

Rio de Janeiro: UFRJ/PPGHIS, 2007.

Dissertação de Mestrado em História Social.

1. O congresso do Recife, 2. Os trabalhos apresentados no congresso, 3. Relação dos participantes com Gilberto Freyre, 4. Tabela dos participantes.

Palavras chaves: Congresso do Recife, negro, Gilberto Freyre, mestiçagem, identidade nacional e patrimônio cultural.

Agradecimentos.

Muita gente tenho a agradecer. Poderia levar a dissertação toda agradecendo a muita gente, por ter me ajudado nesta minha caminhada. À minha orientadora a professora

doutora Juliana Beatriz pela paciência e exigência na execução deste trabalho. Mestre, se não fosse pela a senhora, talvez este trabalho não se realizaria. Muito, mais muito obrigado mesmo.

Um agradecimento também para a instituição que me concedeu bolsa, a CAPES, pois sem ela e sem a ajuda financeira não conseguiria, por menor que fosse a realização deste trabalho. Aos funcionários da Biblioteca Édison Carneiro do Museu da República que hoje com todas as dificuldades para se copiar um trabalho, me agradeceram com uma cópia dos anais do Congresso do Recife.

À minha mãe Carmelita por ter tido toda a paciência nos meus momentos de tensão que todo trabalho importante gera. Às minhas irmãs Ingrid e Clintian pela também paciência em entender, ou ao menos entender os meus momentos de irritação. À minha sobrinha Thuanny, idem. Aos meus “filhos”, não biológicos, mas numa forma muito especial de concepção: Juan, Reinaldo (Neto), Carlos Eduardo, Vinicius, André, Marcos Paulo (Bire), Luis Fernando, Brasavile e a todos que estão por vir, obrigado. À dona Regina Lúcia que foi muito mais do que uma amiga dividindo muita coisa e responsabilidades, meu muito obrigado especial. A todos os meus amigos. Valeu gente!, acho que consegui. Á minha mãe Iranir e ao meu pai Marcelino, que nos primeiros momentos da minha vida acadêmica me ajudaram muito meu beijo, gratidão e obrigado.

Não poderia deixar de agradecer a dois amigos especiais que são não materiais, mas que estão presentes na minha vida e de uma maneira tão gostosa, vívida e intrínseca, e que em muitos momentos me deram as respostas que necessitei, mesmo achando que deveria desistir de algumas coisas. A vocês amigos, orgulho de tê-los sempre ao meu lado.

Resumo.

O trabalho aqui apresentado é fruto de pesquisas com o objetivo de desenvolver uma dissertação de mestrado. Esse trabalho tem por objetivo

analisar o que foi o Primeiro Congresso Afro-brasileiro do Recife, realizado em Novembro de 1934. E o trabalho em questão, em parte, apresenta ao público leitor como foi, como transcorreu e como funcionou a elaboração do Primeiro Congresso Afro-brasileiro do Recife.

ABSTRACT.

Otherness fruitfulness dependent on color in the objective of the descriptive ugly disseminated of the message. Essay work tell tales pops objective the what foe the Primacy Congress Afro-brasileiro do Recife,

realized in the November of the 1934. In the dissertation in quest, approval any public image ugly fodder, ugly transacted each ugly fumbled the elaboration of the Primacy Congress Afro-brasileiro do Recife.

Sumário.

Introdução-----	pg. 01.
Capítulo 1-----	pg. 03.
Capítulo 2-----	pg. 22.
Capítulo 3-----	pg. 120.
Conclusão-----	pg. 151.

Introdução.

O Primeiro Congresso Afro-brasileiro do Recife pretendeu contribuir para os estudos sobre o negro e a sua importância para o processo de formação da identidade sócio-cultural do país. O objetivo dessa dissertação é refletir a cerca de como se montou o Congresso, quem dele participou, quais trabalhos foram apresentados, como se pode avaliar o lugar desse Congresso na divulgação, circulação e fomentação de pesquisas que

tomaram os negros sem a marca exclusiva da degeneração. O trabalho se desenvolveu, sobretudo, através de pesquisas junto a jornais, como o periódico “Jornal Pequeno do Recife”, e os anais do Primeiro Congresso Afro-brasileiro do Recife, sob o nome de “Estudos Afro-brasileiros”.

No primeiro capítulo, *O Primeiro Congresso Afro-brasileiro do Recife*, procurarei apresentar as atividades que ocorreram nos dias em que se desenrolou o evento. Buscarei ainda apontar como surgiu a idéia do Congresso e como foi recebida a idéia de um congresso de estudos afro naquele momento. Para isso, será importante perceber a relação de intelectuais, como Gilberto Freyre e Ulysses Pernambucano, primeiro idealizador do Congresso, com as religiões afro-brasileira e seus líderes religiosos, babalorixás e iyalorixás, do Recife, uma vez que era um momento de grande repressão policial a essas festas e rituais. O fato mesmo de o Congresso ter sido realizado em Recife será também objeto de ponderação.

No segundo capítulo, *Gilberto Freyre e os participantes do Congresso*, procurarei mostrar a importância de Gilberto Freyre, abordando sua trajetória de vida. Sua obra *Casa grande & senzala* foi um marco para os estudos das Ciências Sociais, sobretudo, no que se refere à análise do lugar do negro na formação da sociedade brasileira. Procurarei, ainda, relacionar os demais participantes do I Congresso, apontando os trabalhos apresentados e os participantes se relacionavam com Freyre e Ulysses Pernambucano ou como teriam contribuído para o I Congresso. E, no terceiro capítulo intitulado, *Do cientificismo à inserção do negro: os trabalhos apresentados*, procurarei classificar os trabalhos considerando sua ênfase de análise.

Dessa maneira, procurarei oferecer um painel do que foi o Primeiro Congresso Afro-brasileiro do Recife, quem dele participou e como pode contribuir para os estudos afro-brasileiros, considerando o estado da questão na década de 1930.

Capítulo 1.

O Primeiro Congresso Afro-brasileiro do Recife.

As atividades do Congresso

O Primeiro Congresso Afro-brasileiro do Recife teve início no Teatro Santa Isabel¹¹³, no dia 11 de novembro de 1934, às 15 horas. Só pouco antes da sua inauguração,

¹¹³ A idéia de construir o teatro público de Santa Isabel no Recife foi do então presidente da província de Pernambuco, Francisco do Rego Barros, Barão, Visconde e depois Conde da Boa Vista. Foi, então, que, em 30 de abril de 1839, o Conde da Boa Vista assinou um decreto-lei, autorizando a construção de um teatro público para a cidade. O primeiro projeto elaborado pelo engenheiro francês Louis LégerVauthier, , foi rejeitado devido ao seu alto custo (400 contos). O projeto definitivo, estimado em 240 contos, foi aprovado

em 18 de maio de 1850 é que o Teatro recebeu esse nome em homenagem à Princesa Isabel, filha do Imperador Pedro II. A sugestão para a homenagem partiu do então presidente da província de Pernambuco, Hermeto Carneiro Leão. O Teatro de Santa Isabel era a grande casa de espetáculos da cidade e, segundo Joaquim Nabuco, “foi no Santa Isabel que se ganhou a causa da Abolição”, referindo-se aos seus discursos ali proferidos.

No dia 11 de Novembro, houve a sessão de abertura às 15 horas com a apresentação de trabalhos proferidas por um dos organizadores do evento o Dr. Ulysses Pernambucano. Este versou sobre seus estudos etnográficos em andamento e que tinham como objeto de estudo o negro, cujo o título era: “*Doenças mentais entre os negros de Pernambuco*”. Havia muita expectativa de êxito por parte dos participantes e dos organizadores do Congresso. O professor Ulysses Pernambucano, presidente de honra do evento e um dos seus organizadores, participou da sessão de abertura, apresentando seus estudos etnográficos realizados nos Hospital da Tamarineira, quando foi seu diretor de 1931 a 1935, sobre a questão psicológica do negro. Partia da idéia de que raça e questões biológicas não eram apontamentos para a degeneração da sociedade. Em seguida, as idéias de Juliano Moreira foram apresentadas por sua viúva que procurou abordar as pesquisas do médico, na virada do século XIX para o século XX, discutindo a visão a cerca de negros e mestiços como elementos deformadores da sociedade. No mesmo dia, às 20 horas, os participantes se deslocaram para o terreiro do babalorixá Pai Anselmo, de culto jêjê¹¹⁴, para

em fevereiro de 1841, sendo as obras iniciadas no mês de abril. O local escolhido foi o chamado Campo do Erário, onde só havia areia e que atualmente é a Praça da República, no Recife. Durante todo o período de sua construção foi chamado de *Teatro de Pernambuco*. Só pouco antes da sua inauguração, em 18 de maio de 1850, é que o seu nome foi mudado para Teatro de Santa Isabel. A peça apresentada no dia da inauguração foi *O pajem d'Aljubarrata* do escritor português Mendes Leal. Cf. BORGES, Geninha da Rosa. *Teatro de Santa Isabel: nascedouro & permanência*. Recife: Cepe, 2000.

¹¹⁴ A palavra jêjê vem do yorubá “adjeje” que significa estrangeiro, forasteiro. Portanto, não existiu nação Jêjê, em termos políticos. O que é chamado de nação Jêjê é o candomblé formado pelos povos fons (povos que falam o dialeto fon) vindos da região do Dahomé. Jêjê era o nome dado de forma pejorativa pelos yorubás para as pessoas que habitavam o leste e o lado sul, porque os mahins eram uma tribo do lado leste e Saluvá ou Savalu eram povos do lado sul. Assim, os chamados povos jêjês se enumeravam em muitas tribos e idiomas, como: Axantis, Abomei, Gans, Agonis, Popós, Crus, etc. Portanto, Jêjê, também não correspondia a um mesmo idioma, dialeto, mas cultuavam os mesmos voduns (divindades). Os primeiros negros jêjê chegados ao Brasil entraram por São Luís do Maranhão e de lá desceram para Salvador, Bahia, seguindo para Cachoeira de São Félix. Também no Amazonas, Pernambuco e, bem mais tarde, no Rio de Janeiro encontram-se evidências dessa presença. Cf. AMARAL, Rita de Cássia. Awon xirê - A festa de candomblé como elemento estruturante da religião” In: MOURA, Carlos Eugênio Marcondes de (org.). *Leopardo dos Olhos de Fogo*. São Paulo: Atelier Editores, 1998. AMARAL, Rita de Cássia. *Povo-de-santo, povo-de-festa*. O estilo de vida dos adeptos do candomblé paulista. São Paulo: FFLCH/USP. Dissertação de Mestrado, 1992. BARRETTO, Maria Amália P. *Os voduns do Maranhão*. São Luís: FUNC, 1977. BARROS, José Flávio Pessoa de. *O segredo das folhas*. Sistema de classificação de vegetais no candomblé jêje-nagô do Brasil. Rio de Janeiro: Pallas/UERJ, 1993.

participar de uma cerimônia religiosa, na qual houve toque solene aos orixás e ancestrais, pedindo proteção e bênçãos para o evento.

No dia 12 de novembro, dando prosseguimento as atividades do evento, realizou-se, às 15 horas, uma reunião na seção de etnografia sob a presidência de Ulysses Pernambucano. Às 17 horas, ocorreu uma reunião na seção de antropologia, sociologia e etnografia coordenada pelo professor Olívio Montenegro, auxiliar nas pesquisas de Ulysses Pernambucano.

No dia 13 de novembro, às 10 horas, houve uma visita de alguns dos participantes à Assistência a Psicopatas, possibilitando-lhes conhecerem melhor os serviços de profilaxia mental e os materiais utilizados nos estudos de antropologia social. Após essa visita, as atividades só foram retomadas às 20 horas, com uma reunião na seção de folclore e arte, no Teatro Santa Isabel, sob a coordenação do Dr. Rodrigues de Carvalho. Às 21 horas, houve uma manifestação religiosa no Terreiro do babalorixá Pai Oscar, também de culto jêjê, localizado no bairro de Campo Grande, Recife, em que tomaram parte do toque os escritores Mário Marroquino, José Lins do Rego, Adhemar Vidal, Aderbal Jurema, Odorico Tavares, o Comandante da Brigada Militar do Estado, Jurandyr Mamede, os pintores Di Cavalcanti, Noêmia e Cícero Dias, a professora Ida Marinho Rego, o médico psiquiatra e discípulo de Ulysses Pernambucano, Gildo Neto, e família e o jornalista Nóbrega da Cunha. A cada final de dia de evento, um babalorixá, que participou das apresentações, teria em seu terreiro, a presença de convidados para assistirem uma pequena cerimônia de agradecimento pelo bom andamento das apresentações. Assim, se colocava em interação as práticas religiosas e os estudos sobre os negros na tentativa de fazer do Congresso um espaço de reforço da identidade negra no Brasil.

No dia 14 de novembro, houve às 10 horas, visita ao Gabinete de Antropometria da Brigada Militar. Nesta instituição, os participantes e convidados conferiram como eram executados os trabalhos para medir o tamanho do crânio do indivíduo, função muito comum à época para verificar se o indivíduo teria ou não patologias degenerativas. Às 15 horas, houve uma reunião na seção de psicologia social sob a presidência do professor Sylvio Rabello; às 20 horas, ceia com quitutes afro-brasileiros - vatapá, caruru e inhame com mel de engenho - na Escola Doméstica de Pernambuco. Gilberto Freyre esteve

presente e comentou que “no fim da ceia, cantou-se modinhas, das tais em que o inglês Beckford encontrou uma ternura tão grande – a ternura afro-brasileira”¹¹⁵.

No dia 15 de novembro, houve excursão à Ilha do Joaneiro com a presença do professor Geraldo de Andrade. No decorrer do dia, visitas e pequenas excursões; às 21 horas, um toque no terreiro do babalorixá Pai Artur Rosendo de culto Xambá¹¹⁶. E no dia 16 de novembro, último dia do Congresso, às 16 horas, houve uma audição de encerramento no Teatro Santa Isabel, com grande assistência, de músicas afro-brasileiras, sobre a direção dos professores Ernani Braga e Vicente Fittipaldi¹¹⁷. As músicas foram interpretadas pelas alunas do Conservatório Pernambucano de Música. A segunda parte constou das apresentações de toadas também colhidas nos terreiros e cantadas pelo Orfeão do Conservatório. As toadas colhidas foram: “Bamilê Odé, Xuxuaglô, Ogundê-narêrê, Ogun-tóberinan, Ogunde-Xangôdê, Ogun-Kaloxó e ô Kinimba, Kinimba”¹¹⁸.

Para os ouvintes cobrou-se certa quantia para pagar algumas despesas. Arrecadou-se a quantia de 87\$000 (contos de réis) que foi utilizada no pagamento de despesas com correspondência e envio de convites, com transporte dos babalorixás e yialorixás, com a compra de objetos de arte brasileira para decorar o ambiente e a ceia.

Ulysses Pernambucano e a primeira idéia do Congresso.

¹¹⁵ FREYRE, Gilberto. O que foi o Primeiro Congresso Afro-brasileiro do Recife. . In: Congresso afro-brasileiro. (1:1934: Recife). Estudos afro-brasileiros. Apresentação: José Antônio Gonsalves de Mello. Recife: FUNDAJ/Massangana, 1988.

¹¹⁶ Os povos Xambá ou Tchambá habitavam a região ao norte dos Ashanti e os limites da Nigéria com Camarões, nos montes Adamaua, vale do rio Benué. Existem várias famílias com esse nome, nos Camarões, tendo inclusive participado nas lutas pela independência daquele país. Culto vivo e ativo em Olinda, Pernambuco, e iniciado e cultuado por seu Artur Rosendo, filho de Orixalá, natural de Maceió, foi iniciado pelo Mestre Inácio, tendo ido à Costa da África, buscar os axés, em Dakar, no Senegal. Na década de 1930, torna-se um dos grandes babalorixás do Recife, contemporâneo de Pai Adão, Anselmo e Oscar. Ao falecer, em 1950, no Recife, deixou inúmeras casas abertas por suas filhas de santo. Fugindo de Maceió, capital do estado de Alagoas, no início da década de 1920, o babalorixá Artur Rosendo Pereira, devido às perseguições políticas às religiões afro-brasileiras, se estabeleceu no Recife, mais exatamente na Rua da Regeneração, no bairro de Água Fria. Por volta de 1923, seguindo as tradições da nação Xambá e, já em Recife, reiniciou suas atividades de zelador de orixás. Com o passar dos anos e com a violência policial do Estado Novo, cada vez mais rígida, muitas casas foram fechadas. Nesse período de perseguições, juntamente com as outras nações de candomblé cultuadas em Pernambuco, é que todos os terreiros foram fechados e seus fiéis tolhidos de praticar sua crença. Cf: PRANDI, Reginaldo. A dança dos caboclos: uma síntese do Brasil segundo os terreiros afro-brasileiros. São Paulo: EDUSP, 2000. PRANDI, Reginaldo. Herdeiras do Axé In: Deuses africanos no Brasil. São Paulo: Hucitec, 1997.

¹¹⁷ Jornal Pequeno. 1º Congresso afro-brasileiro: a sua instalação, hontem, no Santa Isabel – o programa do congresso. 12/11/1934, 13/11/1934 e 14/11/1934.

¹¹⁸ Jornal Pequeno. 1.º Congresso Afro-Brasileiro: a audição de hontem no Santa Isabel. 17/11/1934.

Alguns intelectuais, como Edison Carneiro, defendiam a realização do Congresso em Salvador, considerando a cidade berço da cultura “afro-brasileira”. Outro grupo, entretanto, no qual se destacava Ulysses Pernambucano, defendia a sua realização em Recife, local onde os primeiros estudos sobre a cultura negra teriam se delineado. Como se viu, a realização do Primeiro Congresso ocorreu em Recife, cabendo, tempos depois, a Salvador, no ano de 1937, ser o local do Segundo Congresso Afro-brasileiro.

A realização do Congresso em Pernambuco esteve relacionada a algumas construções simbólicas em torno deste estado. Segundo Rodrigues de Carvalho¹¹⁹, colunista do *Jornal Pequeno* do Recife, houve “em Recife um centro de atividade patriótica, que foi a Sociedade ‘Ave Libertas’, núcleo de grande eficiência na abolição da escravatura”¹²⁰. Esta Sociedade, fundada em 1884, em Pernambuco, era composta apenas de mulheres abolicionistas, como a poetisa Maria Amélia de Queirós e Leonor Porto, fundadora e primeira presidente. Surgiu em oposição de gênero ao “Clube do Cupim”, sociedade abolicionista pernambucana, fundada em 1884 e formada somente por homens. Depois da Lei Áurea, em 1888, essa sociedade masculina dissolveu-se, mas a Sociedade “Aves Libertas” continuou lutando para encaminhar a educação dos negros libertos, até os anos de 1910¹²¹.

¹¹⁹ José Rodrigues de Carvalho nasceu em Alagoinha, Estado da Paraíba, em 18 de dezembro de 1867. Era filho do casal Manuel Rodrigues de Carvalho e Cândida Maria de Carvalho. Começou a vida como caixeiro, em Mamanguape, Paraíba, trabalhando ao lado do tio, ao mesmo tempo em que freqüentava a escola. Fez o curso de humanidades no Liceu Paraibano mudando-se, tempos depois, para o Rio Grande do Norte. Como não se adaptou àquele Estado, seguiu para Fortaleza e, depois, para Pernambuco. Lá se matriculou na Faculdade de Direito do Recife. Mais tarde, retornou novamente para a sua terra natal e, em 1890, juntamente com Castro Pinto, fundou em Mamanguape o Semanário *A Comarca*. No ano de 1892, criou na capital do Estado da Paraíba o Grêmio Literário *Cardoso Vieira*, instituição que veio contribuir bastante na formação intelectual da juventude paraibana daquele tempo. Ao longo de sua vida, foi professor, jornalista, jurista e poeta, escrevendo nos jornais *A União*, *Gazeta do Comércio*, *O Comércio*, *Estado da Paraíba*, *República*, *Jornal Pequeno* (Recife) e em *A Província do Pará*. Exerceu, ainda, os cargos de Procurador e Secretário Geral do Estado da Paraíba, foi membro do Instituto Histórico do Ceará, do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano, da Ordem dos Advogados do Rio de Janeiro, da Academia Cearense de Letras e do Instituto Arqueológico de Pernambuco. Retornou para Pernambuco, falecendo em Recife, em 20 de janeiro de 1935. Cf. BITTENCOURT, Liberato. *Homens do Brasil*. In: *Parahybanos ilustres*, vol. III. Rio de Janeiro: Gomes Pereira, 1914. CASTRO, Oscar de Oliveira. *Vultos da Paraíba*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1955. PINTO, Luís. *Rodrigues de Carvalho, o jornalista*. Rio de Janeiro: Aurora, 1970.

¹²⁰ CARVALHO, Rodrigues de. *Jornal Pequeno*. 19/10/1934.

¹²¹ SILVA, Jorge Fernandes da. *Vidas que não morrem*. Recife: Secretaria de Educação, Departamento de Cultura, 1982. VILELA, Carneiro. O Clube do Cupim In: SILVA, Leonardo Dantas (org.). *A abolição em Pernambuco*. Recife: Fundaj. Ed. Massangana, 1988. p. 25 - 35. (Abolição, 10). SALES, Maria Leticia Xavier. O Clube do Cupim e a memória pernambucana In: *Revista do Arquivo Público*, Recife, v.40, n.43, p. 101 - 115, out. 1990.

Muitos intelectuais, como o próprio Gilberto Freyre, exaltavam aspectos e traços da natureza pernambucana como forma de engrandecer a importância da cidade para a história da nação e como núcleo para os primeiros movimentos de estudo em relação ao negro. Na Praça da República, antigo Jardim das Princesas, havia um baobá árvore secular dos negros trazidos d'África. Nas palavras de Rodrigues de Carvalho: “é o baobá, de poucas folhas, sem nenhuma admiração dos contemporâneos; mas na muda expressão de sua lenda, significa a dor muitas vezes secular da raça africana”¹²².

Desta forma, o autor chama a atenção para a importância do baobá, não mais vista como uma simples árvore, mas revestida de uma simbologia que marcava não apenas traços sagrados, mas também de resistência e da identidade de um grupo, dando a tônica do lugar como parte importante para a formação do patrimônio nacional e o fortalecimento de movimentos em relação ao negro. “Esse baobá de Pernambuco está a merecer uma placa comemorativa do Congresso. A estátua de Nabuco deve ser engrinaldada no dia inicial do original certame”¹²³. Tal citação apontava, segundo Rodrigues de Carvalho, redator do *Jornal Pequeno*, para a importância da obra de Joaquim Nabuco. Para ele, Joaquim Nabuco teria sido um brilhante orador e escritor na luta pelo fim da escravidão, ao verificar a grande participação do elemento negro na formação da identidade nacional. O pensamento de Joaquim Nabuco foi incorporado e reinterpretado por Gilberto Freyre que verificou a necessidade de desenvolver novos estudos sobre o negro no Brasil e exigir, junto aos poderes públicos, uma maior assistência aos negros, como nos mostra Rodrigues de Carvalho:

“E como ao lado da fantasia deve primar sempre um cunho de senso prático, ao Congresso cumpre bater se perante os poderes públicos pela fundação de um asilo para a velhice africana que mendiga por toda parte, como um trapo esquecido quando foi ela o braço da raça amargurada que desbravou os nossos campos, que tirou da terra pernambucana os primeiros frutos, que ensaiou as primeiras conquistas de nosso progresso! Os canaviais verde-mar de nossas várzeas ainda estão a ondular como um grito de reivindicação!”¹²⁴

¹²² CARVALHO, Rodrigues de. *Jornal Pequeno*. 19/10/1934.

¹²³ *ibid.*

¹²⁴ *ibid.*

O Congresso Afro-brasileiro do Recife teve um caráter aglutinador, reunindo desde intelectuais nacionais e estrangeiros a babalorixás e iyalorixás do velho Recife. E a participação destes chefes e sacerdotes religiosos recifenses só foi possível graças à atuação do primeiro idealizador do evento, o médico Ulysses Pernambucano.

Ulysses Pernambucano de Melo Sobrinho nasceu no Recife, Pernambuco, no dia 06 de fevereiro de 1892. Era oriundo de uma família tradicional do Recife e de importantes relações sociais e políticas. Seu pai, José Antônio Gonçalves de Mello, era muito respeitado na cidade por ter sido um excelente advogado. Sua mãe, Maria da Conceição de Mello, era prima de segundo grau do próprio marido. Ulysses, muito jovem, optou pela carreira médica, formando-se em medicina no Rio de Janeiro, por não haver o curso em sua terra natal, no ano de 1912, com a apresentação de um trabalho de final de curso intitulado *Algumas manifestações nervosas da Heredo-Sífilis*. Escolheu a psiquiatria para se especializar, conseguindo, nos últimos anos de estudo, estágio como acadêmico interno no Hospital Nacional de Alienados, na Praia Vermelha, Rio de Janeiro. Seu supervisor na época foi o professor Juliano Moreira¹²⁵, um precursor dos estudos de psiquiatria no Brasil, a quem Ulysses muito deveu por ter lhe dado a oportunidade de presenciar vários estudos médicos no campo da psiquiatria.

Juliano Moreira nasceu em Salvador, Bahia, no dia 06 de janeiro de 1873 e faleceu no Rio de Janeiro no dia 02 de maio de 1932. Foi médico e, até hoje, é considerado como um dos pioneiros da psiquiatria brasileira. Apesar de ser negro e de família pobre, dois anos antes da abolição oficial da escravatura, ou seja, em 1886, entrou para a Faculdade de Medicina da Bahia, formando-se aos dezoito anos. Em 1891, tornou-se professor da Faculdade. Viajou para Paris, no ano de 1900, para representar o Brasil no Congresso Internacional de Paris. Neste mesmo ano, foi eleito Presidente Honorário do 4º Congresso Internacional de Assistência a Alienados, em Berlim, local onde conheceu sua futura esposa, a enfermeira alemã, Augusta Malta, que iria contribuir significativamente para os estudos de Juliano Moreira. Em 1903, após ter exercido a clínica psiquiátrica na Faculdade da Bahia, mudou-se para o Rio de Janeiro. Representou o Brasil em diversos congressos, tanto fora quanto dentro do Brasil. Durante seu trabalho na direção do Hospício Nacional

¹²⁵ ALMEIDA, Ricardo Cariello de - A Higienização da Psicanálise: um projeto dos leitores de Freud no Rio de Janeiro dos anos 20 e 30. Dissertação de mestrado apresentada ao curso de Pós Graduação em História da Universidade Federal Fluminense, 1995. PEIXOTO, Afrânio. À memória de Juliano Moreira. Fundador e Presidente da Academia. Ata da sessão Ordinária de 23 de maio de 1933 (p. 18-36). In: Anais da Academia Brasileira de Ciências. Tomo V. n 2, junho 1933, p. 81 - 97.

dos Alienados do Rio de Janeiro, humanizou o tratamento junto aos doentes e acabou com o aprisionamento dos pacientes, além de ter sido um árduo defensor das idéias de que a origem das doenças mentais se devia a fatores físicos e situacionais, como a falta de higiene e a falta de acesso à educação, contrariando o pensamento racista e arianista, muito em voga no meio acadêmico da época, que atribuía os problemas psicológicos do Brasil à miscigenação. Foi um importante representante internacional da Psiquiatria brasileira.

Ulysses Pernambucano, após formar-se, voltou para Pernambuco e abriu um consultório médico psiquiátrico na cidade de Santo Antão. Em 1914, segue para a cidade da Lapa no interior do Paraná. Em 1915, retorna para Pernambuco para casar-se com sua prima e também médica, a doutora Albertina Carneiro Leão. Desta união nasceram dois filhos: José Antônio Gonçalves de Melo Neto¹²⁶ e Jarbas Pernambucano¹²⁷. No ano de 1918, após já estar estabelecido profissionalmente, concorreu para a vaga de docente na cadeira de “psicologia e pedagogia” na Escola Normal Oficial do Estado de Pernambuco. Para o exame de seleção apresentou a dissertação *Classificação das crianças anormais: a parada do desenvolvimento intelectual e suas formas; a instabilidade e a astenia mental*. Foi classificado em primeiro lugar, mas por questões políticas perdeu a vaga para um indicado do, então, governador de Pernambuco, Manoel Borba. Neste mesmo ano, abria vaga para professor catedrático no Ginásio Pernambucano na área de lógica, psicologia e história da filosofia. Ulysses fez a prova e passou novamente em primeiro lugar, sendo, desta vez, empossado.

A década de 1920 seria uma virada profissional na vida deste médico. Foi nomeado, em 1923, pelo então governador Sérgio Loreto para ser diretor da Escola Normal. Sua atuação junto a esta instituição foi de extrema relevância por ter adotado uma

¹²⁶ José Antônio Gonçalves de Melo Neto nasceu no bairro recifense da Jaqueira, no dia 16 de dezembro de 1916, na casa do seu avô materno, Virgínio Marques Carneiro Leão, professor e diretor da Faculdade de Direito do Recife. Era primo por parte de mãe de João Cabral de Mello Neto, e por parte de pai de Gilberto Freyre. Ver: OLIVEIRA, Elza Régis de. Documentos para a história da Paraíba. In: Arquivo Histórico Ultramarino, João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba – Núcleo de documentação e informação histórica regional, 1978, 2 vols.

¹²⁷ Jarbas Pernambucano de Melo nasceu no dia 01 de dezembro de 1917, na cidade do Recife, Pernambuco. Irmão caçula de José Antônio Gonçalves de Melo Neto, era primo de Gilberto Freyre e João Cabral de Mello Neto. Foi alfabetizado, junto com irmão, pelos padres do Colégio Marista e, depois, prosseguiu os estudos no Ginásio Pernambucano. Seguindo a trajetória acadêmica e profissional do pai, formou-se em medicina pela Faculdade de Recife, na década de 1930, sucedendo-o através de concurso na cadeira de Clínica Neurológica na Faculdade do Recife. Em 1943, após a morte de seu pai, assumiu a direção do hospital particular para tratamento de doenças mentais no Recife, fundado por Ulysses, em 1936, permanecendo no cargo até 1956, quando faleceu. MEDEIROS, Adailson. Ulysses Pernambucano, psicólogo In: ROSAS, Paulo (org.), Memórias da psicologia em Pernambuco. Recife: UFPE, editora Universitária/Conselho Regional de Psicologia, 2001. p. 67 – 81.

série de medidas que mudaria todo o parâmetro curricular do estado. Sua gestão foi marcada por reformas de caráter social ao introduzir o exame de seleção para admissão nesta instituição, pois, segundo Adailson Medeiros, “o ingresso nesse estabelecimento obedecia a critérios de amizade ou apadrinhamento”¹²⁸. Instituiu também a merenda escolar, os exames de promoção por média em conjunto e outras medidas que beneficiaram as bases da educação. No ano de 1925, criou o Instituto de Psicologia – instituição voltada, especialmente, para preparar jovens médicos na área da psiquiatria. Neste mesmo ano, conseguiu junto as autoridades governamentais, criar a primeira escola para crianças portadoras de deficiência mental no país, sendo este empreendimento um marco para os estudos das ciências mentais. Para dar prosseguimento a esta nova função, desligou-se do comando da Escola Normal para dedicar-se totalmente a dirigir o Ginásio Pernambucano.

Em virtude da sua competência, foi nomeado pelo senhor Sérgio Loreto para ser diretor do Instituto de Seleção e Orientação Profissional, função esta que passou a desenvolver em conjunto com a direção do Ginásio Pernambucano e com as aulas de neuropsiquiatria infantil, na Faculdade de Medicina do Recife. Na década de 1930, ao deixar a direção do Ginásio nas mãos do médico Olívio Montenegro, foi convidado pelo Interventor Carlos de Lima Cavalcanti a dirigir os serviços de assistência aos psicopatas do Hospital das Tamarineiras. Recebeu a instituição em condições muito precárias em termos de equipamentos e métodos de tratamento aos doentes. Efetuou uma enorme mudança também nesta instituição, acabando com os calabouços, com as camisas de força e expandindo ali os estudos científicos sobre os psicopatas em Pernambuco. Em virtude deste trabalho, criou os *Arquivos de assistência a psicopatas de Pernambuco* e a *Revista Neurobiológica*. Observava que o seu trabalho deveria sempre estar voltado para as minorias, marginalizadas socialmente como as crianças excepcionais, doentes mentais, negros e adeptos das seitas afro-brasileiras pernambucanas. Para muitos, ao assumir tal posição, foi, por vezes, interpretado equivocadamente e acusado de comunista, causando-lhe desgastes com a política repressora de Vargas. Segundo Jorge Fernandes da Silva¹²⁹, sua postura gerava conflitos e muitas dificuldades para suas ações administrativas, principalmente, pela redução das verbas para a execução e manutenção das pesquisas e dos atendimentos dado aos pacientes da Tamarineira.

¹²⁸ *ibid.*, p. 67.

¹²⁹ SILVA, Jorge Fernandes da. Ulysses Pernambucano In: *Vidas que não morrem*. Governo do Estado de Pernambuco: Recife, 1982. p. 447 – 449.

Após vários desgastes e muito doente, conseguiu idealizar o Sanatório do Recife, instituição destinada ao aprimoramento dos estudos e tratamentos dos doentes mentais do Recife, fundado no dia 12 de julho de 1936. Neste lugar, muitos alunos, recém saídos da Faculdade de Medicina do Recife, conseguiram estágio, aprimorando as técnicas de pesquisa médica sobre o tratamento das doenças mentais em Pernambuco. O Sanatório acolheu muitos de seus discípulos como Arnaldo di Lascio, René Ribeiro e tantos outros que viriam tempos depois, a se tornarem expoentes na psiquiatria pernambucana.

Fundador da Escola de Medicina do Recife e na época responsável pelo Departamento do Serviço de Higiene Mental, Ulysses Pernambucano cumpriu um papel importante para a realização do Congresso do Recife e da participação dos pais e mães-de-santo ao evento, pois foi responsável por conseguir, desde 1932, o afastamento da polícia estadual do licenciamento e fiscalização dos terreiros em Recife. “Recordo-me que a casa de Ulysses Pernambucano (e não apenas a sua sala de Diretor da Tamarineira) vez por outra era visitada por algum babalorixá em dificuldade com a polícia ou com algum colega de culto”, dizia seu filho José Antonio Gonçalves de Mello¹³⁰. Gilberto Freyre, tempos depois, daria depoimento a respeito de Ulysses Pernambucano afirmando ter sido “com o apoio inteligente e corajoso de Ulysses” que ousara “organizar, auxiliado por um pequeno grupo de amigos [...] o primeiro Congresso Afro-Brasileiro”¹³¹.

Babalorixás como Pai Anselmo e Pai Oscar de Almeida, tradicionais na cidade do Recife, de grande influência e importância à época, foram alguns dos colaboradores para a realização do Congresso. Apenas o babalorixá Pai Adão¹³² de culto jêjê, localizado na

¹³⁰ MELLO, José Antônio Gonçalves de. Uma reedição necessária In: Congresso afro-brasileiro. (1:1934: Recife). Estudos afro-brasileiros. Apresentação: José Gonçalves de Mello. Recife: FUNDAJ/Massangana, 1988. v. 6. p. 2.

¹³¹ ibid., p. 2.

¹³² Felipe Sabino da Costa, conhecido como Pai Adão, nasceu em 1877 na Paraíba e faleceu em 1936 em Pernambuco e foi o segundo babalorixá do Sítio de Pai Adão que antes se chamava “Ilê Obá Ogunté”. A história desta casa começa por volta de 1875, quando chega ao Brasil uma negra africana de etnia não identificada de nome Inês Joaquina da Costa – tia Inês, “Ifá Tinuké”. Ela fundaria a casa no Sítio de Água Fria, em Recife. Ao vir para o Brasil, trouxe consigo várias divindades, sob a forma de símbolos, imagens, objetos e inclusive sementes para plantar um imenso pé de gameleira, existente até hoje, o qual é venerado como a divindade Ìròkò, divindade de culto jêjê que representa a morada de espíritos infantis. Possui fortes ligações com os orixá chamados Iji, de origem daomeana: Nana – divindade das chuvas, senhora da morte, e responsável pelos portais de entrada (reencarnação) e saída (desencarne); Obaluaiyê – divindade da varíola e de todas as doenças de pele, tanto pode provocá-las quanto curá-las; e Oxumarê – divindade que ora se mostra serpente e ora se mostra arco-íris, é a mobilidade e a atividade e uma de suas funções é a de dirigir as forças que simbolizam o movimento. Para outros, está estreitamente ligado a Xangô – divindade que teria sido o terceiro Alááfin Oyó, "Rei de Oyó". é viril e atrevido, violento e justiceiro; castiga os mentirosos, os ladrões e os malfeitores. Com a morte de Ifá Tinuké, tia Inês, em 1910, a casa passou a ser liderada por

Estrada Velha da Água Fria, não participou do evento. Embora tivesse participado de algumas reuniões preparatórias justificava a não adesão ao evento por não considerar os outros babalorixás como iguais, pois observava que estes não tiveram suas iniciações na África, como ele. Para os demais babalorixás, o Primeiro Congresso Afro-brasileiro do Recife foi visto como uma primeira tentativa de resgate e preservação da cultura africana, bem como um evento importante para a formação da identidade brasileira e do patrimônio cultural brasileiro.

A idéia do Congresso surgiu de fato a partir do trabalho que Ulysses Pernambucano havia realizado em relação às seitas africanas do Recife. Freyre havia relatado, nos anais do Congresso, que, a princípio, o evento não seria de estudos panorâmicos de assuntos afro-brasileiros, mas “um congresso de ‘seitas’ ou ‘religiões’ de origem africana, que reunisse babalorixás ou delegados das principais seitas chamadas africanas existentes no Brasil”¹³³. Com a não concretização do evento sobre as seitas africanas recifenses é que se realizou o Primeiro Congresso Afro-brasileiro do Recife.

“Sobre esse fracasso é que se desenvolveu a idéia do Congresso Afro-Brasileiro do Recife, tornado possível pelo trabalho de higiene mental e, ao mesmo tempo, de investigação científica, realizado em Pernambuco por Ulysses Pernambucano e por seus colaboradores em torno das sobrevivências religiosas de cultura africana”¹³⁴.

Na virada do século XIX para o século XX, no Brasil, autores como Sílvio Romero, Euclides da Cunha e Raymundo Nina Rodrigues debruçaram-se sobre variadas formas de manifestação cultural, preocupados em encontrar a nossa identidade nacional. A questão racial foi elevada ao patamar de elemento fulcral da identidade brasileira, passando a ser tema dentre a intelectualidade da época. Ademais, os trabalhos desenvolvidos

Felipe Sabino da Costa “Ope Watanan”, conhecido por Pai Adão, que foi possivelmente a maior personalidade da história do Xangô de Recife. (Xangô do Nordeste também conhecido como Xangô do Recife, Xangô de Pernambuco). No Xangô, como são conhecidos na Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Candomblé na Bahia, “Tambor de Mina” no Maranhão destacam-se, entre outros talentos, poderes espirituais, conhecimento profundo dos fundamentos rituais, estéticos e mitológicos da tradição e domínio do idioma yorubá. Cf. GONÇALVES, Fernandes. Xangôs do Nordeste. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1937. FERRETI, Mundicarmo Maria Rocha. De segunda a domingo, etnografia de um mercado coberto: Mina uma religião de origem africana. São Luis: SIOGE, 1985. FERRETI, Sérgio Figueiredo. Querebatan de Zomanodu: etnografia da Casa das Minas. São Luis: Editora da Universidade de São Luis do Maranhão, 1986. SANTOS, Juana Elbein dos. Os nagô e a morte: padé, asèsè e o culto égun na Bahia. Petrópolis: Vozes, 1976.

¹³³ MELLO, José Antônio Gonçalves de, op. cit., p. 2 - 3.

¹³⁴ ibid. p. 3.

possibilitaram o surgimento de instituições voltadas para os estudos etnológicos e antropológicos. A religiosidade neste caso pode ser vista como forma de manifestação cultural que serviu para atenuar as disparidades entre dominantes e dominados, a partir da formação de vários candomblés (angola, congo, efon, etc.). Dessa forma, o culto aos orixás passou a ser praticado como se fosse na sua forma mais pura nestes velhos templos de matriz africana, mantidos como espaços sagrados onde práticas e ritos yorubás, jêjês, nagôs e bantus eram conservados. Casas como o Ilê Axé Airá Intilé Iyá Nassô Oká da Casa Branca do Engenho Velho, o Ilê Axé Opô Afonjá, o Ilê Asé do Gantois, em Salvador, Bahia; o Sítio do Pai Adão, em Pernambuco; o Axé Ashanti, no Maranhão são exemplos de casas consideradas pelos seus participantes como a nascente da religião afro no Brasil, onde os negros teriam conseguido reconstruir uma identidade própria, na medida em que estas comunidades ao formarem suas casas acabavam por criar um espaço ao mesmo tempo de prática do sagrado, de práticas políticas e de sociabilidade, sobretudo, de negros e mestiços pobres.

João José Reis¹³⁵, analisando as negociações e conflitos no mundo da escravidão, considerou as atitudes de negros ou mestiços, escravos ou livres, tentando afirmar seus direitos de cantar, brincar e homenagear seus deuses sem a profunda intromissão policial. Segundo o autor, desde 1828, havia protestos legais, por parte dos adeptos do candomblé, contra as investidas policiais nos templos. Em muitos casos, tais protestos, efetuados por negros e mulatos, encontravam reforços nas alianças realizadas com os libertos e mesmo políticos e poucas “instituições negras desenvolveram e aperfeiçoaram como o candomblé a sabedoria da negociação escrava”¹³⁶. Assim, pode-se considerar a importância destas casas de culto africana no processo de construção de uma identidade étnica e cultural que pudesse inserir o negro “marginalizado” em uma sociedade ainda excludente, através de práticas constantes de negociação e conflito.

Desse modo, considerando a religiosidade como uma forma de manifestação da identidade, as tradições vivenciadas pelos negros na África eram, então, parte essencial do processo de inserção deles na América. Arthur Ramos ao analisar tal questão estava ainda preso a idéias de pureza e sobrevivência culturais, no entanto, não deixou de perceber como o aspecto cultural tornou-se importante para o processo de inserção do negro na

¹³⁵ SILVA, Eduardo & REIS, João José. Negociação e conflito: a resistência negra no Brasil escravista. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

¹³⁶ ibid., p. 9.

sociedade brasileira¹³⁷. Diz o autor que tal fato havia “impressionado todos os africanistas brasileiros, desde Nina Rodrigues”. E segue afirmando que, por isso, os estudos africanistas no Brasil se referiam com maior insistência aos aspectos culturais, “sobrevivências culinárias e sociais e até os vários traços da cultura material, como fabricação de instrumentos de música, esculturas, indumentárias e ornamentação”. Assim, segundo ele, práticas culturais estariam tão ligadas às práticas religiosas que, a rigor, não poderiam ser estudadas isoladamente¹³⁸. Os estudos feitos pelos africanistas no Brasil, como Nina Rodrigues, Arthur Ramos¹³⁹ e Edison Carneiro, apontaram para uma idéia de que as variadas referências culturais dos africanos tornar-se-iam a base para a construção de laços de identificação dos negros no Novo Mundo. Ainda que ponderando, à luz dos estudos atuais, a dificuldade em sustentar essa posição nas mesmas bases, talvez seja importante cogitar o papel dessa interpretação para avaliação da recepção do Primeiro Congresso no seu momento.

As críticas em relação ao Congresso.

É possível perceber a repercussão do Congresso do Recife mesmo no momento de sua realização. O periódico Pequeno Jornal noticiou que ia “despertando o maior interesse o projetado Congresso Afro-brasileiro a realizar-se nesta cidade”¹⁴⁰. O interesse do Congresso levou à adesão do proprietário da Revista Nacional, o escritor pernambucano Affonso Costa, homem de grande prestígio. O encerramento do Congresso foi marcado pela leitura de um manifesto lido pelo presidente do evento, Gilberto Freyre:

“Com a audição de hoje, encerra-se o 1.º Congresso Afro-Brasileiro, reunido nesta cidade e que alcançou brilhante êxito.

Hontem, à tarde, houve uma reunião movimentadíssima, tendo sido lidos as conclusões de várias theses e lidos, pelo sr. Gilberto Freyre, diversas moções, entre as quaes a seguinte:

¹³⁷ RAMOS, Arthur. As culturas negras. Rio de Janeiro: Editora da Casa do Estudante Brasileiro, 1946. p. 76.

¹³⁸ ibid., p. 76.

¹³⁹ Para Ramos, os africanos contribuíram significativamente com a sua cultura, religião e idioma, em especial pela variedade dos grupos étnico-lingüísticos, sendo os mais importantes: os Egba (Euba) da região de Abeokuta; os Ilesha (Ijesha); os Ijebu (Ije-bu-ode); os Ketu, o reino mais importante da sociedade yorubá e o grande fornecedor de escravos para o Brasil, entre os séculos XVIII e XIX; os Ondo; os Eko de Lagos; os Oyó, do reino de Alafin; os Ifé de Onin; os Ibadan; os Beni, do Benin e tantos outros povos das várias regiões da África. ibid.

¹⁴⁰ Jornal Pequeno. Congresso afro-brasileiro. 26/10/1934.

Sendo as classes trabalhadoras do Brasil, em grande parte, gente de sangue negro, e herdeira de elementos valiosos de cultura negra, o 1.º Congresso Afro-Brasileiro manifesta sua solidariedade a essas classes contra toda forma de opressão.

O 1.º Congresso Afro-Brasileiro protesta contra a attitude da Comissão de Censura Esthetica do Recife querendo fazer desta capital uma cidade de cores chamadas delicadas isto é, cinzentos e etc, e proibindo os encarnados e amarellos, as cores vivas mais do gosto da nossa população e mais de accordo com as nossas tradições, neste ponto, como em tantos outros, impregnados de influência africana.

O 1º Congresso Afro-Brasileiro protesta contra toda a espécie de discriminação contra negros ou mestiços ainda que se verifique no Brasil”¹⁴¹.

O manifesto encerrava as apresentações do Congresso, apontando que muito ainda se tinha por fazer em relação ao negro, a sua participação no processo de construção da identidade nacional e a todo o seu patrimônio cultural, ainda que levando em conta a contribuição do evento para os estudos sobre a cultura negra no Brasil, a partir de uma visão positivada da sua participação na formação nacional.

Os Anais do evento registraram seus participantes e os trabalhos reunidos, a maioria, inéditos à época. Nas palavras de Roquette Pinto, os Anais não precisariam de um prefácio, pois:

“O negro esperou bastante; mas valeu a pena. Consagra-lhe um pequeno monumento – singelo como a própria verdade, sem retórica e sem lantejoulas – alguns dos maiores espíritos do Brasil de hoje. Para os que passaram a vida embrenhado no delicioso e árduo trabalho de pesquisar e recolher documentos antropológicos e etnográficos da sua terra – é uma alegria boa e sincera ver que as ciências do seu trato dileto vão agora fecundando almas de elite, empenhados numa obra de conhecimento e gratidão, de simpatia e humanidade”¹⁴².

José Antônio Gonçalves de Mello exaltou a importância do evento para uma análise mais densa em relação ao papel do negro na formação da identidade brasileira. Ao prefaciар o primeiro volume dos Anais, concluiu que a idéia do Congresso foi de Gilberto Freyre que

¹⁴¹ Jornal Pequeno. 1º Congresso Afro-Brasileiro: o seu encerramento. 16/11/1934.

¹⁴² PINTO, Edgar Roquette. Prefácio. In: Congresso afro-brasileiro. (1:1934: Recife). Estudos afro-brasileiros. Apresentação: José Gonsalves de Mello. Recife: FUNDAJ/Massangana, 1988. Volume: 6.

pretendia dar prosseguimento às discussões do livro que acabara de publicar, *Casa grande & senzala*¹⁴³. Nesta obra, publicada em 1933, Freyre procurou estudar a participação do negro na vida e na cultura do país. “A extraordinária repercussão que teve esse grande livro e o entusiasmo que despertou entre homens de letras do país explicam a pronta aceitação de tantos cientistas sociais de participar com colaboração para o projetado Congresso”¹⁴⁴.

Mas não foram só com exaltações que o Congresso foi recebido ou mesmo reavaliado posteriormente. José Correia Leite, dissidente da Frente Negra Brasileira e um dos fundadores da Frente Negra Socialista, em 1940, efetuou uma série de críticas negativas em relação aos congressos existentes no nordeste: o Primeiro Congresso Afro-brasileiro do Recife de 1934 e o Segundo Congresso Afro-brasileiro de Salvador de 1936. Apontava José Correia que ambos apenas se preocuparam com a afirmação de uma cultura afro-brasileira e desdenhando a sua integração social. Observava que havia uma falta de sintonia entre as lideranças negras do sul e do nordeste; pois enquanto em São Paulo a luta centrava-se na inserção social deste indivíduo, no Nordeste a ênfase era para o enrijecimento de uma identidade cultural. “Esse foi diferente daqueles que fizeram no Norte e nem dizem respeito a nós, né? Foi lá um Congresso que os brancos fizeram... Foi o Gilberto Freyre, o Edison Carneiro, não sei que mais, para discutir folclore, comidas, mas não o interesse propriamente negro”¹⁴⁵.

¹⁴³ MELLO, José Antônio Gonçalves de, *op. cit.*

¹⁴⁴ *ibid.* p. 1- 2.

¹⁴⁵ LEITE, José Correia. Depoimento. In.: QUILOMBHOJE. São Paulo: Fundo Nacional de Cultura, 1998. Pg. 80. Ainda sobre este caso muitos estudiosos como Maria do Carmo Gregório observou que, o intelectuais que tiveram participações nos dois certames do nordeste, estavam muito mais voltados para as manifestações populares e conseqüentemente para o nascimento e a preservação de uma identidade brasileira e descobrindo assim, uma identidade mestiça. E segue a autora afirmando que tanto os intelectuais envolvidos nos Congressos do Recife e de Salvador, bem como os artistas modernistas eram em sua maioria brancos e membros das classes dominantes. “Tudo o que os negros paulistas desejavam era superar os estigmas, os estereótipos que os marginalizavam socialmente, que os distanciavam do status econômico e político conquistado pela metrópole paulista; a identificação com o mundo branco, com os valores sociais estabelecidos, era visto como a única saída para a integração social da ‘massa de cor’”. Ver: GREGÓRIO. Maria do Carmo. Solano Trindade: raça e classe, poesia e teatro na trajetória de um afro-brasileiro (1930 – 1960). Rio de Janeiro: UFRJ/IFCS, Dissertação de mestrado, 2005.

Guerreiro Ramos¹⁴⁶, também, apontou o Congresso como um aglutinador de trabalhos sobre o negro, ressaltando a sua importância e a sua contribuição apenas para arrefecer qualquer tipo de tendência e mantendo a sua visão como algo exótico ou como um estranho na comunidade. Desse modo, o Congresso serviu apenas como um evento academicista ou descritivo. “Explorou o que se pode chamar de temas de africanologia, bem como o pitoresco da vida e das religiões de certa parcela de negros brasileiros”¹⁴⁷. Foi para o estudioso, um evento de cor “branca”, pelo caráter que assumiu e pelos temas enfocados que, na maioria, foram “temas de interesse remoto do ponto de vista prático”¹⁴⁸. Todavia, observou que foi um evento que, em conjunto com outras atividades ligadas ao negro, foi feliz por desbravar caminhos para os eventos atuais. “Nina Rodrigues, Oscar Freyre e Arthur Ramos e esses congressos ilustraram com nitidez o que, no domínio das ciências sociais e da crônica histórica, se chamou, entre nós, de ‘o problema do negro’”¹⁴⁹.

Mas Gilberto Freyre, ao falar do seu empreendimento em parceria com Ulysses Pernambucano, observou que as reuniões foram marcadas as apresentações dos intelectuais por um pensamento de vanguarda que procurou opor-se ao velho e arcaico pensamento que permeava os centros letrados e que tinha no cientificismo, em uma biologia evolucionista e em uma antropologia física as bases do seu saber. Observou ainda que o Congresso teve uma boa repercussão nacional e internacional, pois muitos eram os intelectuais voltados aos estudos africanistas e que queriam participar de um evento que discutisse o papel do negro na sociedade. Desse modo, não faltaram intelectuais estrangeiros, como o americano Melville J. Herskovits, pois a partir da década de 1930, o intercâmbio entre antropólogos,

¹⁴⁶ Alberto Guerreiro Ramos nasceu em Santo Amaro da Purificação, no estado da Bahia, no dia 13 de setembro de 1915 e era filho de Vítor Juvenal Ramos e de Romana Guerreiro Ramos. Em 1942, diplomou-se em ciências pela Faculdade Nacional de Filosofia do Rio de Janeiro, no, então, Distrito Federal, bacharelando-se um ano depois pela Faculdade de Direito da mesma cidade. Entre os anos de 1950 a 1954, assessorou o presidente Getúlio Vargas. Tempos depois, atuou como diretor do departamento de sociologia do Instituto Superior de Estudos Brasileiros (Iseb). Gozando de autonomia administrativa e de plena liberdade de pesquisa, de opinião e de cátedra, o Iseb destinava-se ao estudo, ao ensino e à divulgação das ciências sociais, cujos dados e categorias seriam aplicados à análise e à compreensão crítica da realidade brasileira. Tinha também como objetivo a elaboração de um instrumental teórico que permitisse o incentivo e a promoção do desenvolvimento nacional. Constituiu um dos núcleos mais importantes de formação da ideologia “nacional-desenvolvimentista” que impregnou todo o sistema político brasileiro no período compreendido entre a morte de Vargas, em 1954, e a queda de João Goulart, em 1964. Casou-se com Clélia Guerreiro Ramos, com quem teve dois filhos. Faleceu em Los Angeles, Califórnia, EUA, no ano de 1982. Cf. Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro pós 1930. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2001. 5v.

¹⁴⁷ RAMOS, Guerreiro. O problema do negro na sociologia brasileira In: Cadernos do nosso tempo. São Paulo, USP – FFLCH, Jan. - Jun. de 1954. p. 206.

¹⁴⁸ ibid. p. 206.

¹⁴⁹ ibid. p. 207.

etnógrafos e africanistas brasileiros e estrangeiros crescia consideravelmente. Estudar a manifestação e a preservação da cultura africana no Brasil era um tema corrente nas universidades americanas e canadenses e, por isso, é que estudiosos como Melville Herskovits, Ruth Landes e Donald Pierson se dedicaram aos estudos africanistas em terras brasileiras e demonstraram interesse pelo Congresso. Segundo José Antônio Gonsalves de Mello, “Nuno Simões, ilustre escritor português, apontou naquela altura a reunião do Recife como exemplo a instituições do seu país para o estudo das populações da África portuguesa”¹⁵⁰.

É importante observar que foi somente a partir do século XIX que as ciências naturais, tidas como antropológicas, começaram a interessar, no Brasil, aos intelectuais. Anteriormente, a prevalência era de uma ciência médica e jurídica que tiveram nas universidades de medicina e de direito do Recife e Salvador dois centros importantes. Tal mudança deveu-se a intelectuais, como Gilberto Freyre, ao contribuírem para uma nova forma de análise nos estudos sociais. “De sorte que hoje a palavra de fé e de cultura, articulada superiormente por Gilberto Freyre, encontra a réplica dos pertinazes e talentosos trabalhadores que ele conseguiu reunir no ótimo Congresso Afro-Brasileiro do Recife”¹⁵¹.

Freyre não foi o primeiro ao analisar a importância do negro para a nossa formação nacional, mas foi o primeiro a vê-lo enquanto agente social. Para Roquette Pinto:

“Ao estudar as características antropológicas dos brasileiros, para delimitar, tanto quanto possível, objetivamente, os tipos que vem emergindo da grande massa dos mestiços, considere que os nomes vulgares preto, caboclo, mulato, etc., estavam secularmente consagrados a todo indivíduo pertencente aos contingentes raciais, sem qualquer definida caracterização antropológica sistemática”¹⁵².

Arthur Ramos, ao prefaciando o segundo volume que reuniu o restante dos trabalhos apresentados ao Primeiro Congresso do Recife, apontou que o evento trouxe para os estudos sobre a participação do negro na formação social do Brasil novos métodos de pesquisa. Mesmo não participando diretamente do evento, no prefácio que

¹⁵⁰ MELLO, José Gonsalves de. p. 3.

¹⁵¹ PINTO, E. Roquette. Prefácio. In: Congresso afro-brasileiro. (1:1934: Recife). Estudos afro-brasileiros. Apresentação: José Antônio Gonsalves de Mello. Recife: FUNDAJ/Massangana, 1988. p. 8.

¹⁵² ibid. p. 8.

escreveu, Arthur Ramos trava uma pequena discussão com Roquette Pinto a respeito da trajetória sobre os estudos afro-brasileiros. Apontou que, desde 1926, na Bahia, o nome do médico e estudioso dos negros, Nina Rodrigues, havia sido retomado com o propósito de uma reinterpretação de sua obra. Este trabalho, segundo Ramos, ficaria sobre sua responsabilidade. Porém, observou que foi o “grupo do Recife”, nome que classificou os participantes do Congresso do Recife, os primeiros a reinterpretarem o problema do negro, a partir do que Nina Rodrigues havia estudado. Coube a estes homens, encabeçados por Gilberto Freyre, o dever de zelar pela herança deixada por Nina Rodrigues. Foi, então, a partir deste momento que as obras do médico baiano começaram a serem reeditadas por Afrânio Peixoto e cabendo à Biblioteca de Divulgação Científica, dirigida por Arthur Ramos, a tarefa de imprimi-las, bem como a publicação dos volumes que reuniram os trabalhos apresentados no Congresso.

Rodrigues de Carvalho, no “Jornal Pequeno” do Recife, destacou que o Congresso teve a importância de ter sido o primeiro do Brasil, principalmente pela tarefa de reverter a visão geral sobre o negro mantida com o fim da escravidão. O evento, realizado e organizado por Gilberto Freyre, se pensava, deveria primar pela valorização do negro na sociedade brasileira. “Devemos sistematizar em programa alguma coisa que dignifique a raça sofredora de que fazemos parte”¹⁵³. Em nota, o colunista exaltava a importância do negro na formação social, cultural, política e econômica, desde os tempos da colonização e deixando entender a existência de uma enorme dívida dos brasileiros para com estes, que tinham sido de grande contribuição para a formação da identidade brasileira. E o princípio de sanar esta dívida estaria no Congresso do Recife.

“A sua influência étnica, os efeitos de sua cooperação no trabalho da lavoura, a emotividade negra na formação da mentalidade patriciana; o seu contingente patriótico na elaboração política da nacionalidade; as emulações artísticas do mestiço; em suma, a reivindicação de uns tantos direitos que até hoje passam como condições negativas da sub-raça”¹⁵⁴.

Para Gilberto Freyre, o Congresso, o evento não foi somente para intelectuais, mas também para o povo comum, procurando analisar a presença do negro em cada indivíduo, trabalhador e popular que pudesse identificar o homem brasileiro daquele

¹⁵³ Jornal Pequeno. O congresso africanista. 19/10/1934.

¹⁵⁴ ibid.

momento. No seu discurso final, já citado ele diria que em cada classe de trabalhadores brasileiros havia sangue negro. Dessa forma, Freyre procurou criticar toda forma de opressão em relação ao negro, representada no manifesto lido, na figura da Comissão de Censura Estética do Recife que defendia a idéia de uma cidade de “cores delicadas”, de brancos e alguns mestiços de pele clara, aludindo ainda a um pensamento cientificista do final do século XIX, de valorização do embranquecimento. Nesta visão, o negro, o mestiço e o asiático não deveriam ter espaço no processo de construção da identidade do povo brasileiro, pensamento e atitude que rivalizavam com a proposta do Primeiro Congresso Afro-brasileiro do Recife.

“Sentaram-se em volta da velha mesa, na cabeceira da qual se sucederam os presidentes, conforme o assunto do dia, não só doutores, com grande erudição de gabinete e de laboratório, como iyalorixás gordas, cozinheiras velhas, pretas de fogareiro, que trouxeram do fundo de cozinhas de mocambos receitas de quitutes afro-brasileiros quase ignorados”¹⁵⁵.

Dessa forma, o Primeiro Congresso Afro-brasileiro do Recife cumpriu um papel importante para a época, por pretender estudar a trajetória do negro e a sua importância para o processo de formação da identidade sócio-cultural do país, principalmente no desenvolvimento de discussões sobre o papel do negro no pós-abolição. E fazer tal afirmação não significa desconsiderar às críticas ao Congresso, nem tomá-lo como um verdadeiro marco de ruptura dos estudos afro-brasileiros. Mas tão somente considerar o lugar desse Congresso na divulgação, circulação e fomentação de pesquisas que tomaram os negros sem a marca exclusiva da degeneração.

Capítulo 2. **Gilberto Freyre e os participantes do Congresso.**

Gilberto Freyre: o homem, o intelectual.

¹⁵⁵ FREYRE, Gilberto. op. cit., p. 351.

Gilberto Freyre nasceu no Recife, em 15 de março de 1900, no Recife - Pernambuco, na antiga Estrada dos Aflitos (hoje Avenida Rosa e Silva), esquina de Rua Amélia (o portão da hoje residência da família Costa Azevedo está assinalado por uma placa), filho do Dr. Alfredo Freyre - educador, Juiz de Direito e catedrático de Economia Política da Faculdade de Direito do Recife - e Francisca de Mello Freyre. A sua primeira experiência da morte se deu com a da avó materna, que muito o mimava por supor ser o neto retardado, pela dificuldade em aprender a escrever. Essa perda só foi superada com uma temporada no Engenho São Severino do Ramo, pertencente a parentes seus. Foi nesse engenho que teve suas primeiras experiências rurais de menino de engenho. Mais tarde escreveria sobre essa temporada em “Pessoas, Coisas & Animais”.

Ao entrar para o Colégio Americano Gilreath, onde fez seus primeiros anos de estudos, leu as “Viagens de Gulliver” com entusiasmo. Ao se interessar pela leitura, embarca nas obras de Lê José de Alencar, Machado de Assis, Gonçalves Dias, Castro Alves, Victor Hugo, Emerson, Longfellow, alguns dramas de Shakespeare, Milton, César, Virgílio, Camões e Goethe. Ainda adolescente, ensina latim para alguns colegas de escola, que aprendeu com o próprio pai, conhecido humanista recifense. Toma parte ativa nos trabalhos da sociedade literária do colégio. Torna-se redator-chefe do jornal impresso.

Com 16 anos, corresponde-se com o jornalista paraibano Carlos Dias Fernandes, que o convida a proferir palestra na capital do Estado da Paraíba. Como o Dr. Freyre não apreciava Carlos Dias Fernandes, pela vida boêmia que levava, viaja autorizado pela mãe e lê no Cine-Teatro Pathé sua primeira conferência pública, dissertando sobre Spencer e o problema da educação no Brasil. Mais tarde, o texto foi publicado no jornal O Norte, com elogios do próprio Carlos Dias Fernandes. Influenciado pelos mestres do colégio, que observavam a sua inteligência, e tanto quanto pela leitura do Peregrino de Bunyan e de uma biografia do Dr. Livingstone, toma parte em atividades evangélicas e visita a gente miserável dos mucambos recifenses. Todo esse processo fez com que se interessasse pelo socialismo cristão. Adquiriu várias leituras sobre o assunto, em especial autores como Spencer e Comte, mas fazendo-o como uma espécie de antídoto a seu misticismo.

Em 1916, foi eleito presidente do Clube de Informações Mundiais, fundado pela Associação Cristã de Moços do Recife. Mesmo assim, continuou a ler nesse período, autores clássicos como: Rui Barbosa, Joaquim Nabuco, Oliveira Lima e Nietzsche. Concluiu o curso de Bacharel em Ciências e Letras do Colégio Americano Gilreath, fazendo-se notar pelo discurso que profere como orador da turma, cujo paraninfo é o historiador Oliveira

Lima, que se tornara seu amigo. Após formar-se, começa a estudar grego e torna-se membro da Igreja Evangélica, desagradando à mãe e a família.

Com 18 anos de idade, segue para os Estados Unidos autorizado pelos pais, fixando-se em Waco (Texas) para matricular-se na Universidade de Baylor. Nessa universidade, inicia sua colaboração no “Diário de Pernambuco”, enviando de lá uma série de cartas intituladas "Da outra América". Ainda na Universidade de Baylor, auxilia o geólogo John Casper Branner no preparo de textos em português sobre a geologia do Brasil. Para se manter, ensina francês a jovens oficiais norte-americanos convocados para lutarem na Primeira Guerra Mundial. Com todas essas funções, continua dando prosseguimento aos seus estudos. Escreve os primeiros artigos em inglês e que foram publicados por um jornal acadêmico da Universidade de Waco.

Após formar-se em artes pela Universidade de Waco, segue para Nova Iorque e se matricula no curso de ciências sociais na Faculdade de Ciências da Universidade de Colúmbia. Nessa instituição assiste a aulas nos cursos de graduação e de pós-graduação. A partir de então, conhece cientistas famosos que visitam a Universidade de Colúmbia e a cidade de Nova Iorque. Tempos depois, segue para a Universidade de Princeton, nessa instituição é eleito representante dos estudantes da América Latina que ali se reúnem em congresso. Torna-se editor associado da revista *El Estudiante Latino-Americano*, que seria publicada mensalmente em Nova Iorque pelo Comitê de Relações Fraternais entre Estudantes Estrangeiros. Nesse periódico publica diversos artigos.

Após concluir seus estudos nos Estados Unidos, segue na década de 1920, para Portugal. Nesse país conhece João Lúcio de Azevedo, o Conde de Sabugosa e tantos outros intelectuais portugueses. Depois de tanto tempo fora do Brasil, deseja regressar para o Brasil e ao voltar, continua a colaborar com artigos para o “Diário de Pernambuco” e para a “Revista do Brasil”, com sede em São Paulo, a pedido de Monteiro Lobato. Em 1924, regressa para o Recife, onde conheceu José Lins do Rego¹⁵⁶ através das andanças desse estudioso da cultura e do folclore brasileiro, em busca de manifestações culturais. Freyre, após ler seus escritos, incita o mais novo amigo a escrever romances em vez de artigos políticos. Nesse mesmo período ajuda a fundar no Recife o "Centro Regionalista do Nordeste", com Odilon Nestor, Amaury de Medeiros, Alfredo Freyre seu primo, Antônio

¹⁵⁶ Ver referências ao encontro e início da amizade entre o sociólogo e o futuro romancista do "Ciclo da Cana-de-Açúcar" no prefácio que este escreveu para o livro *Região e tradição*. Cf. FREYRE, Gilberto. *Região e tradição*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1942.

Inácio, Morais Coutinho, Carlos Lyra Filho, Pedro Paranhos e Júlio Bello entre outros, todos intelectuais. A partir de então, faz excursões pelo interior do Estado de Pernambuco e pelo Nordeste com Pedro Paranhos, Júlio Bello (que a seu pedido escreveria as Memórias de um senhor de engenho) e seu irmão Ulysses Freyre.

Conhece a Bahia e o Rio de Janeiro, onde faz amizade com o poeta Manuel Bandeira, os escritores Prudente de Moraes Neto (Pedro Dantas), Rodrigo M. F. de Andrade, Sérgio Buarque de Holanda e o compositor Villa-Lobos. Por intermédio de Prudente de Moraes Neto, conhece Pixinguinha e Donga. Escreve um poema longo, modernista ou imagista e ao mesmo tempo regionalista e tradicionalista, do qual Manuel Bandeira dirá depois que é um dos mais saborosos do ciclo das cidades brasileiras.¹⁵⁷ De volta a Pernambuco, promove no Recife o 1º Congresso Brasileiro de Regionalismo (1926). Em 1927, por questões familiares, assume o cargo de oficial de gabinete do novo Governador de Pernambuco, Estácio de Albuquerque Coimbra, que era casado com a prima de Alfredo Freyre, Joana Castelo Branco de Albuquerque Coimbra.

Em 1928, é indicado diretor A. Carneiro Leão, para professor da Escola Normal do Estado de Pernambuco, instituindo a primeira cadeira de Sociologia que se estabelece no Brasil, com uma moderna orientação antropológica e pesquisas de campo. Com o fim da Primeira República (1930), através de um golpe militar encabeçado por Getúlio Vargas, é exilado junto com Estácio Coimbra. Dessa forma, visita novamente a Bahia e conhece parte do continente africano (Dacar e Senegal). Depois parte para Lisboa, onde iniciaria as primeiras pesquisas e estudos em que se basearia *Casa-grande & senzala*. "Em outubro de 1930 ocorreu-me à aventura do exílio. Levou-me primeiro à Bahia: depois a Portugal, com escala pela África. O tipo de viagem ideal para os estudos e as preocupações que este ensaio reflete"¹⁵⁸.

Após passar algum tempo no exílio, retorna a pedido de intelectuais e políticos amigos ao Brasil, em 1932. No Rio de Janeiro continuou suas pesquisas para a elaboração de *Casa-grande & senzala*, em bibliotecas e arquivos. Para dar prosseguimento a essa obra, Recusou inúmeros convites para empregos que lhe foram feitos pelos membros do novo governo brasileiro. Passou a viver, então, com grandes dificuldades financeiras, hospedando-se em casas de amigos e em pensões baratas do Distrito Federal. Estimulado

¹⁵⁷ O poema se chama: "Bahia de todos os santos e de quase todos os pecados" publicado no Recife em 1926 em edição da Revista do Norte e reeditado em 1942, na revista O Cruzeiro.

¹⁵⁸ Cf. FREYRE, Gilberto. Prefácio *In*: *Casa grande & senzala*.

pelo seu amigo Rodrigo M. F. de Andrade, contrata com o poeta Augusto Frederico Schmidt - então diretor da editora Schmidt a publicação do livro por 500 mil reis mensais, que recebia com irregularidades constantes. Efetua várias viagens ao Recife para dar continuidade a Casa-grande & senzala. Em 1933, conclui o livro, enviando os originais ao editor Schmidt, que o publica em dezembro.

Em 1934, aparecem em jornais do Rio de Janeiro os primeiros artigos sobre Casa-grande & senzala, escritos por Yan de Almeida Prado, Roquette Pinto, João Ribeiro e Agrippino Grieco, todos elogiosos. Nesse mesmo ano organizou no Recife, em parceria como seu primo Ulysses Pernambucano,¹⁵⁹ o 1º Congresso de Estudos Afro-Brasileiros, tendo a adesão de inúmeros intelectuais e artistas modernistas da época. Pela genialidade de “Casa grande & senzala”, que na época causou um espanto no meio intelectual pela metodologia empregada e pelos assuntos que abordou: sexualidade, culinária e paixões (tudo muito inovador), recebeu o prêmio da Sociedade Felipe d'Oliveira. Na mesma Sociedade leu uma conferência intitulada: "O escravo nos anúncios de jornal do tempo do Império"¹⁶⁰. Com uma vida intelectual praticamente solidificada, a pedido dos alunos da Faculdade de Direito do Recife inicia na referida escola superior um curso de Sociologia com orientação antropológica e ecológica. Após concluir o curso da Faculdade de Direito do Recife, para o Rio de Janeiro, onde, a convite de Anísio Teixeira, dirige na Universidade do Distrito Federal o primeiro curso de Antropologia Social e Cultural da América Latina¹⁶¹.

No Recife lê uma conferência política no Teatro Santa Isabel, a favor da candidatura de José Américo de Almeida à presidência da República, sem ter a repercussão que desejava. Após essa conferência, dá prosseguimento de conhecer o Brasil e a partir desse propósito o de colher vestígios, documentos e pistas sobre o passado brasileiro e a formação da nossa identidade étnica. Viaja para o Rio Grande do Sul a fim de continuar esses estudos. Nessas viagens que fez pelo país conhece a senhorita Maria Magdalena Guedes Pereira, com quem se casa no Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro, no ano de 1941. Nesse mesmo ano, prefacia o livro: “Memórias de um Cavalcanti”, do seu parente Félix Cavalcanti de Albuquerque Melo. Em 1942, é preso no Recife, por ter denunciado,

¹⁵⁹ Sobre Ulysses Pernambucano já se encontra no primeiro capítulo desse trabalho a sua biografia, não precisando fazê-lo novamente.

¹⁶⁰ Esse artigo foi publicado tempos depois na revista “Lanterna Verde”. Pernambuco, fevereiro de 1935.

¹⁶¹ Ver texto das aulas no livro “Problemas brasileiros de antropologia”, publicado em 1935.

em artigo publicado no Rio de Janeiro, atividades nazistas e racistas no Brasil, inclusive as de um padre alemão a quem foi confiada, pelo governo do Estado de Pernambuco, a formação de jovens escoteiros. Juntamente com seu pai, reage à prisão, quando levado para "a imunda Casa de Detenção do Recife", sendo solto, no dia seguinte, por interferência direta do seu amigo o General Góes Monteiro.

Em 1943, morreria seu primo e grande colaborador dos estudos sobre o negro, Ulysses Pernambucano, de problemas no coração. No ano seguinte viaja para Alagoas e Paraíba, a convite de estudantes desses estados, a fim de ler na Faculdade de Direito de Alagoas uma conferência sobre Ulysses Pernambucano. Nesse mesmo ano é publicado o livro "Gilberto Freyre".¹⁶² Tempos depois inicia vocação política e é eleito deputado federal no ano de 1946, seguindo para o Rio de Janeiro após tomar posse, a fim de participar dos trabalhos da Assembléia Constituinte. Em novembro desse mesmo ano, a Comissão de Educação e Cultura da Câmara dos Deputados indica, com aplauso do escritor Jorge Amado, amigo pessoal de Freyre e membro da Comissão, o nome de Gilberto Freyre para o Prêmio Nobel de Literatura para o ano de 1947, com o apoio de numerosos intelectuais brasileiros.

Como representante do Brasil em vários congressos no mundo, segue para os Estados Unidos, a fim de tomar parte, na categoria de ministro como delegado parlamentar do Brasil, na 4ª Conferência Internacional da Organização das Nações Unidas. Em conjunto a essa atividade é publicado em Paris, pela editora Gallimard, a primeira edição de *Casa-grande & senzala* em francês, traduzido pelo professor Roger Bastide e com prefácio de Lucien Febvre. Ao longo de sua vasta carreira acadêmica e a cima de tudo intelectual Gilberto Freyre foi um grande colaborador dos estudos sobre o negro, sobre a formação da nossa identidade intelectual e sobre as nossas origens. Foi louvado por muitos, em especial pela sua grande contribuição aos estudos das ciências sociais, em primeiro lugar com "Casa grande & senzala" e depois com o Primeiro Congresso Afro-brasileiro do Recife.

A contribuição de Casa grande & Senzala

A relação entre "cor" e posição social sempre foi importante no Brasil, desde os estudos iniciados por Nina Rodrigues até os dias atuais. Todavia, essa discussão adquiriu uma maior operacionalidade entre as décadas de 1930 e 1950, quando houve um alvorecer

¹⁶² Para maiores detalhes ver MENEZES. Diogo Melo. Gilberto Freyre. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1944. Prefácio de Monteiro Lobato.

de trabalhos e análises que tinham por base desassociar a relação entre “raça” e inferioridade social. Vários foram os estudiosos do assunto, dentro e fora do Brasil, como: Donald Pierson, Thales de Azevedo, Marvin Harris e tantos outros, que se debruçaram em analisar algumas hipóteses sobre a relação entre “cor” e posição social no Brasil. Essas investidas tinham por base, compreender e entender de como era a construção e a trajetória da discriminação racial em nossa sociedade e mais ainda, verificar esse processo discriminatório nas relações entre classes.

Para Antônio Sérgio Alfredo Guimarães¹⁶³ o conceito de “cor” no Brasil, desde a abolição até a década de 1930, foi associado a uma noção de raça. Para o autor essa associação torna-se clara quando analisados alguns clássicos como os “Sertões”, em que se verifica a idéia do embranquecimento do mestiço. A partir dessa visão, composta no final do século XIX, durante muito tempo defendeu-se a tese de que o mestiço, o caboclo, o mulato brasileiro eram oriundos de uma raça cruzada, o que se pode verificar a partir do censo de 1872, quando foram colocados nas fichas censitárias quatro grupos de cor: o branco, o caboclo, o negro e o pardo. A partir desses grupos, a população brasileira passou a ser classificada em quatro categorias: o branco, o caboclo, o negro e o pardo. Podemos observar, então, que a caracterização do brasileiro como sendo uma sociedade multirracial de classes, foi à base e o objeto de muitos estudos durante muito tempo. Esses estudos foram reveladores de que na sociedade brasileira “raça” não seria definida apenas por traços fenóticos como “cor”, por exemplo, mas também por outros critérios como a formação de um patrimônio financeiro e principalmente pelo grau de instrução e escolaridade. “Essa é a construção teórica que sustenta a intuição de uma democracia racial, na qual mais que a “cor” das pessoas (ou seja, suas características ascrividas) importaria o seu desempenho (riqueza e educação)”.¹⁶⁴

Para o autor o processo de construção do refinamento e do processo civilizatório do indivíduo se daria através de quatro requisitos básicos, a saber: “competição”, “conflito”, “acomodação” e “assimilação”. Essas etapas foram à base, segundo Alfredo Guimarães, utilizadas pela sociedade norte-americana, em especial, após a Segunda Guerra Mundial, para absorver e integrar uma ampla população migratória. Esses quatro elementos

¹⁶³ GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. Cor, classe e *status* nos estudos de Pierson, Azevedo e Harris na Bahia 1940 – 1960 In: MAIO, Marcos Chor & SANTOS, Ricardo Ventura (orgs.). Raça, ciência e sociedade. Rio de Janeiro: FIOCRUZ/CCBB, 1996.

¹⁶⁴ ibidem, p. 145.

apontados pelo autor, num primeiro momento foram vistas e analisadas pelo estudioso Donald Pierson e pela Escola de Chicago, que defendiam a teoria da “interação social” como forma de organizar e estudar o processo de construção e evolução das culturas em países multiétnicos. O autor conclui que são as redes pessoais e as boas maneiras aristocráticas, associadas à origem familiar e a “cor”, elementos primordiais para indicar se um indivíduo pode ou não ascender socialmente.

Gilberto Freyre em um artigo publicado no diário “Folha de Minas”¹⁶⁵ efetuou uma crítica sobre a questão da tendência dos intelectuais, do final do século XIX, em embranquecer o mestiço. Observou que os estudos de antropologia e sociologia durante muito tempo estavam muito atrelados a uma visão sociológica médica que associava a idéia de “raça” a uma visão biológica e higienista. Daí pensar e associar que a questão de uma sociedade atrasada ter como causa explicativa uma questão biológica ou algum traço de hereditariedade. Segundo Freyre, esse pensamento só pode ter sido mudado quando a antropologia e a sociologia se apartaram definitivamente da visão médica de outrora. Em segundo lugar, a partir de estudos sociais modernos que passaram a valorizar menos a questão da “raça” como um indicativo de subdesenvolvimento e uma maior atenção ao meio e a cultura. “Até que ponto os traços indesejáveis do negro serão inatos?”¹⁶⁶, nos indaga Freyre.

Não apenas pela sua condição de escravo, o autor nos chama à atenção de que o negro teve que reagir contra a inferiorização econômica e socialmente. Observou que a contribuição desse povo foi importante, desde o período colonial, para a formação social do país por verificar que foram com as índias e com as negras que os primeiros colonizadores portugueses formaram suas famílias, por não existirem quase mulheres brancas. Dessa forma, em muitos dos seus trabalhos refletiu sobre a ausência do negro no processo constitutivo da identidade cultural e social do país, mesmo observando que:

“Contribuindo, ele e, em muitos casos, o seu descendente mulato ou cafuso, para a cultura nacional com valores estheticos dos mais ricos e com elementos moraes e materiaes nada inferiores aos recebidos do portuguez e do índio. Contribuindo também – e

¹⁶⁵ FREYRE, Gilberto. Raça e cultura In: Folha de Minas. Belo Horizonte, 1940.

¹⁶⁶ ibidem.

notavelmente – para a beleza e o vigor physico do brasileiro”.¹⁶⁷

Segundo Lívio Sansone¹⁶⁸ a questão do racismo presente na sociedade brasileira deve-se não somente as questões recentes, mas também ao seu passado histórico que teve nas relações raciais, bem como nas relações de poder uma ineficácia das regras em relação à idéia de cidadania. Em relação aos negros, o que ocorreu foi à instituição de soluções individuais que pudessem burlar o preconceito racial. Todo esse processo de opressão em relação ao negro, que ocorreu ao longo da história, levou-os a se rebelarem em alguns momentos e em outros a formarem lutas de resistências. Para Lívio Sansone:

“Esta situação produziu no Brasil, de forma semelhante aos outros países da variante ibérica do colonialismo, um sistema racial não polar, caracterizado por um alto grau de miscigenação; uma tradição sincrética no campo da religião e cultura popular; um *continuum* de cor e uma norma somática hegemônica que têm historicamente colocado os fenótipos negros na escala inferior da noção de ‘boa aparência’”.¹⁶⁹

Daí observou-se o surgimento daquilo que Lívio Sansone denominou de “habitus racial”, ou seja, o conjunto de relações raciais que ao se constituírem transformaram-se em um conjunto de regras. Ainda parafraseando o autor, esse sistema de regras refletia uma relação dual para as relações existentes entre os negros: conflito e negociação elementos que sempre coexistiam ao redor da “cor”. As mais variadas formas como esse processo se configurava é que ditava as maneiras como as formas de viver se processariam.

No Brasil, esse pensamento, durante muito tempo, refletiu os discursos de instituições oficiais, como: o Estado, a Igreja Católica, os políticos e o desenvolvimento de uma identidade negra, que também influenciou consideravelmente para o aumento do sistema racial. Lívio Sansone a partir dessas observações analisou que a obra de Gilberto Freyre “Casa grande & senzala”, estaria recheada dessas relações raciais presentes em uma sociedade escravista. Ora, não é de se estranhar que o Brasil descrito por Freyre é aquele em que as relações raciais se faziam numa economia de base escravista e baseada em

¹⁶⁷ ibidem

¹⁶⁸ SANSONE, Lívio. As relações em *casa grande & senzala* revisitadas à luz do processo de internacionalização e globalização In: MAIO, Marcos Chor & SANTOS, Ricardo Ventura (orgs.). Raça, ciência e sociedade. Rio de Janeiro: FIOCRUZ/CCBB, 1996.

¹⁶⁹ ibidem, p. 207.

relações de status, hierárquica e de afirmação dos escravos e dos não brancos de um modo em geral.

“Freyre não poupa críticas irônicas a aspectos do comportamento e da personalidade dos senhores: a moleza e a preguiça feitas arte, a tendência para o deboche sexual e culinário, a perversidade, a violência, a crueldade inútil e substancialmente sádica para com os escravos”¹⁷⁰.

Todavia outros aspectos estariam no seio desse “caldeirão racial”, que seria o Brasil de Gilberto Freyre, como: adaptação ao meio, processo de elasticidade social e plasticidade étnica, seriam elementos que formariam uma nova sociedade, a que Lívio Sansone classificou de “lusu-tropical”, ao analisar a obra de Freyre.

Havia também, uma grande hibridez tanto na composição do indivíduo brasileiro quanto na composição da sua cultura. O autor observa que a visão do Brasil por Gilberto Freyre passou a ser definido pelos estudiosos, antropólogos e cientistas sociais da atualidade, como um país “creóle” ou seja, como um contingente populacional que vem do velho mundo, mas que cresce no novo mundo e apresentando novas nuances. Esse Brasil seria caracterizado pela miscigenação e pelo sincretismo e capaz de englobar e transformar símbolos oriundos de outras áreas. Um outro ponto importante existente da obra de Freyre, é a formação de um sistema patriarcal que tem como objetivo o favorecimento e o desenvolvimento de laços que uniam senhores, homens livres e escravos, numa rede trocas desiguais para a escravaria. Essa rede de relações levaria ao desenvolvimento de uma relação “paternalista”, que consistia no apadrinhamento de alguns escravos por seus senhores. Nesse momento a “cordialidade” entre ambos os lados era a mola propulsora que movia toda essa engrenagem.

“Para Freyre, como mais tarde para Jorge Amado e muitos outros, na realidade a cultura negra ou afro-brasileira, mais do que como uma (sub) cultura de resistência, pode ser vista como a espinha dorsal da cultura brasileira, com as ‘maneiras’ dos negros figurando como um componente essencial do ‘ser brasileiro’”¹⁷¹.

Lívio Sansone observou que a ênfase na coexistência de diferentes formas de estratégias utilizadas pelos negros escravizados em relação aos seus senhores, na

¹⁷⁰ *ibidem*, p. 208.

¹⁷¹ *ibidem*, p. 209.

construção de um caminho que vai da negociação ao conflito pela busca e preservação da liberdade, pode ser percebido tempos depois em trabalhos como o do norte-americano E. Genovese¹⁷² e do brasileiro João José Reis¹⁷³. Uma outra questão que observou foi que na obra de Freyre, há a existência de um quadro onde a cultura nem sempre existe. Essa percepção ocorre devido ao fascínio recíproco que existe na relação entre senhor e escravo, ou melhor dizendo, entre opressor e oprimido e que deve ser alimentado dia-a-dia para lubrificar todo o aparato das relações existentes no mundo escravista. Nesse jogo havia regras bem específicas.

Percebe-se então, que a “hibridez” étnica e cultural sempre existiu no Brasil. E essa é a grande tese de Gilberto Freyre em “Casa grande & senzala”, pois em outras terras, comparando-se ao sistema escravista norte-americano, o que houve foi uma forte demarcação bem nítida e bem definida entre brancos e negros, senhores e escravos, opressores e oprimidos. No Brasil, a pluralidade dos discursos e das práticas relacionais, nas quais cordialidade e sincretismo puderam se desenvolver plenamente ao lado de conflitos que existiam na construção da identidade negra.

Darcy Ribeiro¹⁷⁴ ao prefaciá-la uma edição de Casa grande & senzala evoca a importância da obra de Gilberto Freyre para os estudos sociais e culturais brasileiros. E como ele, tantos outros intelectuais verificaram e afirmaram a importância da obra para a literatura nacional, como nos mostra o autor no trecho a seguir:

“Astrojildo Pereira, nosso principal crítico marxista de letras e idéias, assinala que Casa grande & senzala aconteceu em 1933 como algo explosivo, de insólito, de realmente novo, a romper anos e anos de rotina e chão batido. Suas novidades principais seriam a de um livro de ciências escrito numa linguagem literária de timbre inusitado, numa linguagem atrevidamente nova mas muito nossa; um livro que dava categoria literária a muita palavra vulgar; e, sobretudo um livro que tomava por protagonista central não aos heróis oficiais, mas a massa anônima”¹⁷⁵.

¹⁷² GENOVESE, E. *Roll, Jordan, roll: the world the slaves made*. Pantheon: New York, 1972.

¹⁷³ Cf. REIS, João José. *Negociação e conflito: a resistência negra no Brasil escravista*.

¹⁷⁴ RIBEIRO, Darcy. Gilberto Freyre: uma introdução a Casa grande & senzala In: *Casa grande & senzala*. 46ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

¹⁷⁵ *ibidem*, p. 12.

O estilo seco da obra provou uma verdadeira crise de exasperação para muitos intelectuais, pela exploração de expressões tidas como: chulas, obscenas, mas também irreverente. E o mais importante, tudo e todas as expressões sempre assentadas na melhor documentação. Para Darcy Ribeiro o livro de Freyre fez com que em plena década de 1930, momento de construção da nossa identidade nacional, pudemos nos encontrar com nossos antepassados portugueses e africanos e atribuir ao africano características que poderiam ser aplicadas ao índio, objeto que Freyre não gostava de trabalhar.

O protagonista central de toda a sua obra é o colonizador português cheio de mandonismo. “Como se vê, para Gilberto Freyre, o despotismo – que viabiliza a preservação da ordem numa sociedade brutalmente desigualitária e injusta como a brasileira do passado e do presente – não seria mais do que um atavismo social”.¹⁷⁶ O despotismo, presente numa sociedade desigualitária como a que Freyre analisa, torna-se-ia necessária pelo gosto do sofrimento presente no brasileiro. A descoberta desse mandonismo estaria encoberto pela necessidade de preservação da ordem e da autoridade, muito presente na sociedade colonial.

Mas ao mesmo tempo em que “Casa grande & senzala” descortina as relações de poder e de “masoquismo” entre senhores e escravos, a obra também nos revela explicitamente da necessidade de se construir um lugar, uma sociedade, um tempo em que o negro pudesse ser visto enquanto agente ativo social. Freyre compôs a rotina dos fatos que ocorriam naturalmente na colônia, as coisas do cotidiano e da vida de um povo. “Através desta reconstituição, o que nos dá Gilberto é uma compreensão da instância presente, como resultado necessário do nosso passado real”.¹⁷⁷ De caráter etnográfico a obra de Gilberto Freyre era descrever e explicar um contexto sociocultural novo e específico, ajudado por uma metodologia científica.

Ricardo Benzaquen de Araújo¹⁷⁸ verificou que a obra de Gilberto Freyre publicada em 1933, oferecia uma nova visão de passado colonial e escravista ao leitor. Analisou que Freyre havia descartado toda e qualquer visão de hierarquia racial e substituindo por uma visão culturalista do cotidiano e do dia-a-dia dos indivíduos que viveram nesse período, como a relação da casa grande e da senzala, de como essas relações se davam e como era a

¹⁷⁶ *ibidem*, p. 17 - 18.

¹⁷⁷ *ibidem*, p. 20.

¹⁷⁸ ARAÚJO, Ricardo Benzaquen. Guerra e paz: Casa grande & senzala e a obra de Gilberto Freyre nos anos 30. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

relação senhor e escravo. A partir dessa visão, pode compreender a formação da identidade nacional do brasileiro, de onde ela partia e de como era constituída, valorizando igualmente as contribuições indígena, africana e européia à formação da nossa identidade nacional. *Casa grande & senzala* mostrou-nos interpretações que, até então, não povoavam as páginas de um livro de sociologia: relações de paixão, sexualidade, alimentação e vida doméstica são elementos se fazem presente na obra, compondo um retrato complexo da formação da sociedade brasileira.

Gilberto Freyre, Ulysses Pernambucano e alguns dos participantes do Congresso

Ulysses Pernambucano¹⁷⁹, um dos organizadores e presidente de honra do evento, participou de várias mesas do I Congresso e apresentou seu trabalho que já vinha realizando há muito tempo, desde que assumiu a direção do Hospital das Tamarineiras, *As doenças mentaes entre os negros de Pernambuco*. Nesse artigo, o autor analisava a questão das doenças mentais entre os negros pernambucanos e concluía que a maior percentagem de doentes mentais negros só se comparava ao número de entrada dos mesmos no Hospital de Alienados das Tamarineiras. Além disso, analisou que a relação entre a população geral do estado de Pernambuco e as doenças mentais estava dividida em 3 grupos: psicoses constitucionais, psicopatias orgânicas e psicoses tóxicas e infecciosas. Mais tarde, este trabalho foi publicado nos Arquivos da Assistência a Psicopatas de Pernambuco.

Neste mesmo evento apresentou, em parceria com os médicos Arnaldo di Lascio, Jarbas Pernambucano, seu filho, e Almir Guimarães¹⁸⁰, um trabalho intitulado *Alguns dados antropológicos da população do Recife*. Nesse artigo, os autores analisaram que a quantidade de problemas que eram atribuídos ao subdesenvolvimento da nação, durante muito tempo, girava em torno de fatores biológicos como a hereditariedade. A mestiçagem era vista como causadora do atraso nacional. Essas indagações quando foram respondidas a partir da observação de que era o meio social que gerava o subdesenvolvimento social e não a questão biológica passaram a dar todas as soluções para os problemas da higiene mental de indivíduos tidos como loucos.

¹⁷⁹ PERNAMBUCANO, Ulysses. *As doenças mentaes entre os negros de Pernambuco*. In: Congresso afro-brasileiro. (2:1936: Recife). Estudos afro-brasileiros. Apresentação: José Gonçalves de Mello. Recife: FUNDAJ/Massangana, 1988. v. 7.

¹⁸⁰ PERNAMBUCANO, Ulysses & DI LASCIO, Arnaldo & PERNAMBUCANO, Jarbas. *Alguns dados antropológicos da população do Recife*. In: Congresso afro-brasileiro. (2:1936: Recife). Estudos afro-brasileiros. Apresentação: José Gonçalves de Mello. Recife: FUNDAJ/Massangana, 1988. Volume: 7.

José Antônio Gonçalves de Melo Neto¹⁸¹ era primo por parte de mãe de João Cabral de Mello Neto. Estudou junto com seu irmão, Jarbas Pernambucano, no Ginásio Pernambucano, colégio em que seu pai, Ulysses Pernambucano, ensinou as cadeiras de História da Filosofia e Psicologia, sendo também seu Diretor. Adolescente, seguiu para o Rio de Janeiro onde fez, no Colégio Anglo Brasileiro, o ginásio e os dois anos de preparatório para ingressar na Faculdade de Direito do Recife. No ano de 1933, regressou definitivamente a Pernambuco para fazer o vestibular para a Faculdade de Direito, graduando-se em 1937, como o avô homônimo o fizera no século anterior. Por volta do ano de 1929, sofreu influências do seu primo e amigo Gilberto Freyre que o convidou para colaborar na elaboração da primeira edição de *Casa grande & senzala*, publicado pela primeira vez em 1933. Neste trabalho, José Gonçalves contribuiu reunindo anúncios e notícias dos jornais *Diário de Pernambuco*, *A Província*, *Jornal do Recife*, entre outros, conservados na Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco.

No alvorecer da década de 1930, publicou o seu primeiro texto no jornal *A Província* sobre o explorador norueguês Fridtjof Nansen por ocasião de sua morte. Nesse período, seu pai realizava a reforma da assistência a psicopatas em Pernambuco, além de atuar na descriminalização das seitas e cultos afro-brasileiros junto aos órgãos políticos e repressivos da época, o que marcou as primeiras memórias do jovem José Antonio.

Em 1944, concluiu a sua obra *Tempo dos Flamengos*, publicada somente em 1947 pela Editora José Olympio, com prefácio de Gilberto Freyre e dedicado à memória do pai que havia falecido em dezembro de 1943 e à sua mãe Albertina. Em 1949, por indicação de Gilberto Freyre, então deputado constituinte por Pernambuco e autor do projeto de lei que criou o Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais (IJNPS), assumiu a direção desta instituição, tendo como missão a sua instalação e início do seu funcionamento. Ocupou a função de presidente até 1950 quando retornou ao Instituto de Previdência e Assistência dos Servidores do Estado – IPASE.

No ano de 1951, a convite do Reitor da Universidade do Recife, Joaquim Amazonas, realizou diversas pesquisas nos arquivos portugueses de Lisboa, Porto, Coimbra, Évora, Muge - Casa de Cadaval e Funchal, com a finalidade de identificar e mandar microfilmear os documentos de interesse para a história de Pernambuco e do

¹⁸¹ Cf. OLIVEIRA, Elza Régis de. Documentos para a história da Paraíba In: Arquivo Histórico Ultramarino, João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba – Núcleo de documentação e informação histórica regional, 1978. 2 vols.

Nordeste do Brasil, consultando dessa forma a documentação da Companhia das Índias Ocidentais. Retornou ao Recife, em 1952, para preparar uma série de biografias dos restauradores de Pernambuco para a comemoração do Tricentenário da Restauração Pernambucana que se realizaria no ano de 1954. Entre os anos de 1957 e 1958, realizou missão idêntica na Holanda, nas cidades de Haia, Amsterdã e Leiden, na Espanha, em Madri, Sevilha e Salamanca, na França, na capital Paris e na Inglaterra, em Londres. Já em uma terceira oportunidade, consultou a documentação notarial existente no Arquivo Municipal de Amsterdã, onde se conservam vários documentos relativos à Comunidade Judaica do Recife. Em 1958, assumiu a direção de um hospital particular para tratamento de doenças mentais no Recife, criado pelo seu pai. Ficou na direção da instituição até o ano de 1975, quando passou o mesmo para o filho de seu irmão Ulysses Pernambucano de Mello.

Em 1953, ao transferir-se do IPASE para a Universidade do Recife passou a ensinar a cadeira de História da América na Faculdade de Filosofia. Nesta mesma instituição, ensinou também História do Nordeste, Paleografia, Métodos Históricos e Técnicas de Pesquisa. Em 1964, assumiu o cargo de Diretor do Instituto de Ciências do Homem da Universidade do Recife. Com a mudança de centro de formação de pesquisadores em curso de bacharelado e licenciatura e a transformação do Instituto em Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, continuou ministrando aulas no Curso de Mestrado de História até sua aposentadoria em 1977. Faleceu no Recife no dia 07 de janeiro de 2002.

No I Congresso Afro-Brasileiro do Recife, conheceu Ivone Sara da Cunha Ignácio, nascida na Ajuda, em Lisboa, filha de Elisa da Cunha Ignácio e Veríssimo José Ignácio, estudante-concluente da Escola Doméstica do Recife, dirigida pela professora Carolina Spinola Baltar, e com quem se casaria em 1940. José Antonio dedicou a dona Ivone o seu último livro *Gente da Nação*, lançado em 1989.

José Antônio Gonçalves de Mello prefaciou o primeiro volume dos anais do I Congresso intitulado *Uma reedição necessária*¹⁸². O autor escreveu uma pequena nota onde analisa que a idéia do Congresso foi de Gilberto Freyre e sua iniciativa de realizá-lo. Explicava que o evento vinha na esteira das discussões que nortearam o livro *Casa Grande & Senzala* que acabara de ser publicado, no final de 1933, e que analisava a participação do negro na vida e na cultura brasileira. José Antônio Gonçalves de Mello ainda

¹⁸² Cf. MELLO, José Antônio Gonçalves de. Uma reedição necessária In: Congresso afro-brasileiro.

apresentou o trabalho *A situação do negro sob o domínio holandês*. O trabalho foi posteriormente publicado em *Novos Estudos Afro-Brasileiros* do Rio de Janeiro, em 1937. É interessante observar que o texto indica dois aspectos: em primeiro lugar, o domínio de uma bibliografia histórica publicada até aquele momento sobre o período dos primeiros anos de colonização do Brasil, especialmente o período do domínio holandês no Nordeste do Brasil; e em segundo lugar de uma influência estilística de Gilberto Freyre no texto. Nesse artigo, o historiador procurou analisar a relação dos negros escravos aqui chegados da África a serviço da colonização holandesa para trabalhar nos engenhos de açúcar e, conseqüentemente, a importância desta população para a formação de Pernambuco¹⁸³.

Jarbas Pernambucano de Melo¹⁸⁴ era irmão caçula de José Antônio Gonçalves de Melo Neto. Foi alfabetizado junto com irmão pelos padres do Colégio Marista e, depois, estudou no Ginásio Pernambucano. Seguindo a trajetória acadêmica e profissional do pai, formou-se em medicina pela Faculdade de Recife, na década de 1930, sucedendo-o através de concurso na cadeira de Clínica Neurológica na Faculdade do Recife. Em 1943, após a morte de seu pai, assumiu a direção do hospital particular para tratamento de doenças mentais no Recife, fundado por Ulysses Pernambucano, em 1936, ficando até 1956, quando faleceu prematuramente.

No I Congresso, apresentou um trabalho *A maconha em Pernambuco*. Nesse artigo autor procurou analisar os mais variados nomes que a maconha tinha e quais as suas relações com os elementos provenientes das camadas mais baixa da sociedade, negros e mestiços. Para Jarbas, eram estes elementos, excluídos da sociedade, que se utilizavam das drogas e entorpecentes para poderem esquecer os problemas de desemprego, falta de moradia, pobreza e miséria, gerados após o fim da escravidão.

O médico psiquiatra Pedro Cavalcanti¹⁸⁵ participaria do I Congresso através de Ulysses Pernambucano. O jovem médico trabalhou durante muito tempo como estagiário do médico psiquiatra no Hospital das Tamarineiras, desenvolvendo vários trabalhos, em especial relacionados às seitas afro-brasileiras existentes no Recife. Foi um discípulo de

¹⁸³ MELLO, José Antonio Gonçalves de. A situação do negro sob o domínio hollandez. In: Congresso afro-brasileiro. (2:1936: Recife). Estudos afro-brasileiros. Apresentação: José Gonçalves de Mello. Recife: FUNDAJ/Massangana, 1988. Volume: 7.

¹⁸⁴ Cf. MEDEIROS, Adailson. Ulysses Pernambucano, psicólogo. In.: ROSAS, Paulo (org.), Memórias da psicologia em Pernambuco. Recife: UFPE, editora Universitária, Conselho Regional de Psicologia, 2001. p. 67 – 81.

¹⁸⁵ Cf. Ícones de Pernambuco. In: Jornal do Commercio. Recife, fascículo 5 [encarte], abril de 2004.

Ulysses Pernambucano e, após a sua morte em 1943, levou adiante os seus estudos aprimorando-os cada vez mais. Publicou alguns trabalhos sobre a questão da possessão dos médiuns nos terreiros afro-brasileiros. No I Congresso, apresentou o trabalho *As seitas africanas do Recife*¹⁸⁶. Nesse artigo, o autor procurou analisar a existência de algumas seitas africanas na cidade do Recife, observando que algumas delas eram afastadas dos centros urbanos, escondidas, pelo fato da polícia não permitir o funcionamento delas, por não serem registradas, ou por esconderem comunistas ou porque os moradores faziam reclamações de que a paz que era perturbada pelo barulho das festas.

Também a viúva de Juliano Moreira, Augusta Moreira¹⁸⁷, participou do evento a convite de Ulysses Pernambucano, apresentando o trabalho *Juliano Moreira e o problema do negro e do mestiço no Brasil*. Nesse artigo a autora, dando continuidade aos trabalhos desenvolvidos pelo seu marido, falecido no ano anterior, analisou que em diversos trabalhos de Juliano Moreira, apresentavam muitas referências ao negro e ao mestiço. Observou que muitos estudos desenvolvidos entre o final do século XIX e início do século XX, atribuíam como causa explicativa do subdesenvolvimento nacional, a má influência dos elementos formadores da nossa nacionalidade, ou seja à mestiçagem.

Olívio Montenegro¹⁸⁸ foi diretor do Ginásio Pernambucano. No jornalismo, foi colaborador efetivo do Diário de Pernambuco, de 1940 a 1962, e ainda escreveu para jornais e revistas do Rio de Janeiro, como o Correio da Manhã. Seus artigos, geralmente, tratavam de literatura, exercendo sempre uma postura crítica. Porém não se restringiu a escrever em periódicos. Sempre manteve convívio com grandes personalidades do meio cultural, como Gilberto Freyre, para quem traduziu algumas obras para o inglês, Aníbal Fernandes, Sylvio Rabelo, Vicente do Rego Monteiro, Luís Jardim, Waldemar Cavalcanti, Jorge de Lima, Manuel Bandeira, entre outros. Mas, talvez sua maior amizade tenha sido com um outro escritor paraibano, José Lins do Rego, com quem alimentou vasta correspondência. Olívio Montenegro mostrou ter o “vício da literatura”, conforme expressão de Mauro Mota, tendo uma das maiores bibliotecas particulares do Recife.

¹⁸⁶ CAVALCANTI, Pedro. *As seitas africanas do Recife*. In: Congresso afro-brasileiro. (2:1936: Recife). Estudos afro-brasileiros. Apresentação: José Gonçalves de Mello. Recife: FUNDAJ/Massangana, 1988. Volume: 7.

¹⁸⁷ MOREIRA, Augusta (viúva Juliano Moreira). *Juliano Moreira e o problema do negro e do mestiço no Brasil*. In: Congresso afro-brasileiro. (2:1936: Recife). Estudos afro-brasileiros. Apresentação: José Gonçalves de Mello. Recife: FUNDAJ/Massangana, 1988. Volume: 7.

¹⁸⁸ MONTENEGRO, Olívio. Memórias do Ginásio Pernambucano. Recife: Assembléia Legislativa de Pernambuco, 1979.

Olívio Montenegro¹⁸⁹ participou do evento com o trabalho *O negro e a sua situação atual no Brasil*. Observou o autor que o negro brasileiro começava a ser aceito e inserido pela sociedade brasileira, observando a sua importância para a formação do patrimônio sócio-cultural nacional.

A relação de Sylvio Rebelo com Gilberto Freyre surgiu através de seu primo Ulysses Pernambucano. Em 1926, ganhou o concurso de docente para ocupar a cadeira de Psicologia do Instituto de Educação de Pernambuco, também conhecido como Escola normal, instituição que Ulysses já havia lecionado. Formado em direito na década de 1910, logo percebeu que a sua área de trabalho estava na psicologia infantil. Com Ulysses Pernambucano desenvolveu vários trabalhos, inclusive no Hospital psiquiátrico da Tamarineira, reduto de muitos estudiosos recém formados no assunto. Fruto destas pesquisas foram seus diversos trabalhos realizados sobre o assunto, como *Os testes decrolianos do desenho; Psicologia do desenho infantil e Psicologia da infância*. No I Congresso, o médico Sylvio Rabelo¹⁹⁰ apresentou uma reunião na seção de psicologia social. Neste evento, procurou o médico discutir e apresentar um trabalho sobre o tamanho do crânio, em consonância com os estudos que, durante muito tempo, foram utilizados para demonstrar a capacidade de progresso ou degenerescência de um indivíduo.

Clarival do Prado Valladares¹⁹¹ bem jovem foi estudar no Recife, onde fez o curso médio e parte do curso superior de Medicina. Naquela cidade, ao estagiar no Hospital da Tamarineira, sob a direção de Ulysses Pernambucano, entrou em contato com a escola de Joaquim Cardozo e com o grupo de Gilberto Freyre de quem se tornou grande amigo e admirador, após a publicação de *Casa grande & senzala*, sistematizou sua vocação para estudos de natureza social e, a partir daí, para análise das manifestações artísticas que eram sua objetivação plástica. Com a morte de seu pai, em 1938, voltou para a Bahia, diplomando-se pela Faculdade de Medicina em 1941. Nesse mesmo ano, mudou-se para o Rio de Janeiro, onde viveu grande parte de sua vida.

Defendeu tese de doutoramento na Universidade Federal da Bahia (UFBA), em 1952, e fez curso de pós-graduação em Patologia na Harvard University e de Biologia no

¹⁸⁹ MONTENEGRO, Olívio. O negro e a sua situação atual no Brasil, *Jornal Pequeno*, 1.º Congresso Afro-Brasileiro: a audição de ontem no Santa Isabel, 17/11/1934.

¹⁹⁰ RABELO, Sylvio, *Jornal Pequeno*, 1.º Congresso Afro-Brasileiro: a audição de ontem no Santa Isabel, 17/11/1934.

¹⁹¹ VALLADARES, Clarival do Prado. *Aspectos da Arte Religiosa no Brasil: Bahia, Pernambuco, Paraíba e Rio Barroco*. Núcleo de Cultura Odebrecht, 1985.

Massachusetts Institute of Technology (MIT), ambos em Boston, Massachusetts. De volta ao Brasil, em 1956, tornou-se docente, por concurso, de Anatomia Patológica na UFBA. A partir dos anos de 1960, mudou radicalmente de postura, dedicando-se exclusivamente ao estudo das artes. Efetuou, nesse período, um curso de artes na Faculdade de Belas Artes no Rio de Janeiro. Em 1962, foi indicado pela congregação da Escola de Belas Artes da mesma universidade para o ensino de História da Arte. Um ano após, transferiu-se, pela segunda vez, para o Rio de Janeiro, onde viveu até sua morte. Clarival do Prado Valladares¹⁹² participou do evento do Recife com exposição de um estandarte, bonecas e colares da rainha do maracatu de Pernambuco que, na época do evento, era a senhora Albertina de Fleury, pertencente a uma tradicional família pernambucana. A figura da rainha é cercada de muita magia, pois é ela responsável por levar o estandarte pelas ruas, apresentar a agremiação ao povo e representar a realeza de uma mistura de crenças, costumes e tradições, provenientes da mistura do europeu, do africano e do indígena.

Gilberto Osório de Andrade¹⁹³ começou a trabalhar desde cedo, principalmente, escrevendo alguns artigos sobre a cultura nordestina para o periódico *Jornal Pequeno*, quando conheceu Gilberto Freyre, que, então, escrevia artigos para o mesmo jornal. Tornaram-se, aí, grandes amigos. Diplomou-se em Direito pela tradicional Faculdade de Recife, em 7 de dezembro de 1933. Foi professor, lecionando em vários colégios da cidade, entre os quais o Ginásio do Recife e o Padre Félix Barreto. Ensinou Geografia, História, Francês e Português. Dos colégios passou à Universidade, onde se consagrou como grande professor de Geografia Física. Na mesma Faculdade do Recife, foi professor Livre Docente de Direito Constitucional. Na década de 1940, foi eleito deputado estadual pela UDN e líder de sua banca no quadriênio do governo de Barbosa Lima Sobrinho, ocupando nesse governo, por algum tempo, as pastas do Governo e da Educação e Cultura. Durante os anos de 1950 – 1960, pertenceu à Academia Pernambucana de Letras e ao Conselho Estadual de Educação, do qual foi presidente. A partir da década de 1970 até a sua morte, foi pesquisador do Departamento de Ciências Geográficas da Fundação Joaquim Nabuco.

¹⁹² VALLADARES, Clarival do Prado. In: *Jornal Pequeno*. 1.o Congresso Afro-Brasileiro: a audição de hontem no Santa Isabel. 17/11/1934

¹⁹³ SOUTO, Cláudio. Ciência do Direito e Ciência Social: revisitando Gilberto Freyre em seu centenário In: Revista ciência & trópico. vol. 28, n. 1, jan./jun. 2000.

Renato Almeida de Mendonça¹⁹⁴ observou, a partir dos seus estudos, que o negro fecundou todo o folclore brasileiro, com seus ritmos e coreografia, com seus instrumentos e religiosidade, com suas danças dramáticas e a percussão de seus tambores. Os candomblés e macumbas, os vistosos maracatus, as danças de congos, o lundu, o batuque, o jongo, o samba, o frevo, tudo teria surgido graças à contribuição dos negros nem sempre vinda da África, mas, sim, fruto de criações e adaptações em solo brasileiro.

Ao viajar para o Rio de Janeiro no começo dos anos de 1930, conheceu inúmeros músicos e artistas modernistas, como Pixinguinha, Mário de Andrade, Donga e Heitor Villa-Lobos. Através desses artistas, conheceu Gilberto Freyre, estabelecendo uma boa amizade. Ao voltar para o Recife, em 1933, procurou o amigo Gilberto Freyre que estava concluindo seus estudos para publicar *Casa grande & senzala*. Renato Mendonça prestou-lhe, então, alguns trabalhos de pesquisa para a conclusão do livro.

Renato Mendonça¹⁹⁵ apresentou o trabalho *O negro no folclore e na literatura do Brasil*. Nesse trabalho, o autor procurou analisar um dos problemas que na época interessava a etnologia que era o de saber quais os tipos de crianças negras que vinham da África, nos três séculos que marcaram a escravidão.

Astrojildo Pereira Duarte Silva¹⁹⁶ ainda jovem, iniciou sua militância em organizações operárias de orientação anarquista, tendo sido um dos promotores, no ano de 1913, do II Congresso Operário Brasileiro. Iniciou na imprensa operária sua carreira de jornalista, atividade que se dedicou durante a maior parte de sua vida. Em 1922, participou do congresso de fundação do Partido Comunista do Brasil (PCB), em Niterói, no Rio de Janeiro. Em seguida, foi eleito secretário-geral da nova organização e, nessa condição, fez sua primeira viagem à União Soviética, em 1924. No ano seguinte, o PCB iniciou a publicação do jornal *A Classe Operária* que teve Astrojildo e Otávio Brandão como principais redatores. Foi nesse período que Astrojildo conheceu Gilberto Freyre, a partir de Otávio Brandão, amigo pessoal de Freyre e com quem tinha conversas sobre a situação do Brasil e sobre as doutrinas marxistas. Aos poucos, a amizade entre os dois cresceu gradativamente.

¹⁹⁴ ALMEIDA, Renato. *História da Música Brasileira*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora Schimid, 1942.

¹⁹⁵ MENDONÇA, Renato. O negro no folk-lore e na literatura do Brasil. In: *Congresso afro-brasileiro*. (1:1934: Recife). Estudos afro-brasileiros. Apresentação: José Gonçalves de Mello. Recife: FUNDAJ/Massangana, 1988. Volume: 6.

¹⁹⁶ Cf. SOUTO, Cláudio. p. 10.

Em 1927, foi encarregado pela direção do partido de buscar contato com Luís Carlos Prestes, exilado na Bolívia, para lhe propor entendimentos políticos. Ainda nesse ano, o PCB passou a estimular uma política de frente eleitoral com outros setores de esquerda, o que acabou resultando na criação do Bloco Operário, posteriormente rebatizado de Bloco Operário e Camponês (BOC). Mesmo viajando muito, Freyre procurava manter contatos com o amigo, a fim de adquirir mais informações sobre o assunto. Em novembro de 1930, o processo de proletarização do partido acabou atingindo o próprio Astrogildo que foi afastado da secretaria-geral. No ano seguinte, desligou-se do PCB, após breve período de atuação junto ao seu Comitê Regional de São Paulo. A partir de então, dedicou-se durante muitos anos aos negócios particulares herdados do pai e, já como crítico literário reconhecido, colaborou no jornal carioca *Diário de Notícias* e na revista *Diretrizes*. O convite para participar do Primeiro Congresso Afro-brasileiro do Recife, surgiu logo após o lançamento de *Casa grande & senzala*.

Astrogildo Pereira apresentou o trabalho *O negro e a sua situação atual no Brasil*.¹⁹⁷ Nele, procurou analisar como o negro era tratado anteriormente pela sociedade e pelo governo e como estava a sua situação naquele momento, na década de 1930. Durante muito tempo, desde a chegada dos primeiros colonizadores, os negros serviram para dar sustentabilidade ao seu senhor, fosse financeiramente, trabalhando nos engenhos de açúcar, na mineração ou nas plantações de café, ou, simplesmente, satisfazendo seus donos sexualmente. Com a abolição da escravidão, em 1888, ficou o negro entregue a própria sorte e tendo que ele mesmo lutar para se manter dentro de uma sociedade que o excluía a todo instante. Ser negro, após o fim da escravidão, passou a ser algo degenerativo, péssimo para o desenvolvimento nacional. A partir dos anos de 1930, este pensamento, segundo Astrogildo Pereira, começou a se modificar, houve uma aceitação ainda que muito pequena do negro enquanto agente construtor da identidade nacional e o pensamento degenerativo que lhe era atribuído anteriormente, aos poucos, foi cedendo, dando lugar a um outro tipo de pensamento que o incluía como personagem importante para a construção da nação brasileira.

Alfredo Brandão teve seus primeiros contatos com Gilberto Freyre a partir do seu livro *Viçosa de Alagoas*, publicando em 1912. Tratava-se de um trabalho de sentido

¹⁹⁷ PEREIRA, Astrogildo. O negro e a sua situação atual no Brasil. In: Congresso afro-brasileiro. (2:1936: Recife). Estudos afro-brasileiros. Apresentação: José Gonçalves de Mello. Recife: FUNDAJ/Massangana, 1988. Volume: 7.

regional. Diversos capítulos da obra foram publicados na *Gazeta de Alagoas* e no *Jornal de Alagoas*. Tempos depois, uma edição do livro foi dada de presente para Freyre que observou na obra a presença de um estudo regionalista, análogo ao que vinha executando. Alfredo Brandão era amigo de Adhemar Vidal¹⁹⁸ que fundou, em 1930, a revista *A Novela*, periódico em que Freyre escreveu algumas resenhas e artigos.

No I Congresso, Alfredo Brandão¹⁹⁹ apresentou *Os negros na história de Alagoas*. Nesse artigo, dividido em cinco tópicos, o autor procurou analisar a importância do elemento negro para a formação social e econômica do estado das Alagoas desde a chegada dos primeiros desbravadores na região.

Ascenço Ferreira²⁰⁰, depois da Semana de Arte Moderna e sob a influência de Guilherme de Almeida, Manuel Bandeira e de Mário de Andrade, seguiu novos rumos e achou um caminho que o conduziria a uma situação de relevo nas letras pernambucanas e nacionais. Foi, nesse momento, e sob a influência desses homens das artes, que conheceu Gilberto Freyre. A utilização dos temas regionais foi o que fez a ligação entre o poeta e o autor de *Casa grande & senzala*.

Ascenço Ferreira participou do Congresso do Recife com o trabalho *O que eu devo à influência negra?*²⁰¹ Neste trabalho o autor analisou o que a população brasileira devia à raça negra, pelos anos dolorosos de escravidão forçada e pela retirada também forçada de sua terra natal. Novamente, como a maioria dos participantes, Ascenço Ferreira contribuía para as discussões sobre a miscigenação, abordando o caráter positivo deste processo na formação do brasileiro. Se durante muito tempo à idéia de miscigenação fora vista como negativa para alguns intelectuais e, para outros, um caminho viável para o embranquecimento, Ascenço abordou neste trabalho que a participação do negro para a economia, para a formação social e para a construção de um patrimônio cultural foi de extrema importância.

Cícero Dias, ainda menino, teve os primeiros contatos com a pintura com sua tia Angelina. Em 1925, foi para o Rio de Janeiro, estudar arquitetura na Escola Nacional de

¹⁹⁸ VIDAL, Adhemar. *O outro Eu de Augusto dos Anjos*. José Olympio: Rio de Janeiro, 1967.

¹⁹⁹ BRANDÃO, Alfredo. Os negros na história de Alagoas. In: *Congresso afro-brasileiro*. (2:1936: Recife). Estudos afro-brasileiros. Apresentação: José Gonçalves de Mello. Recife: FUNDAJ/Massangana, 1988. Volume: 7.

²⁰⁰ MORICONI, Ítalo (org.). *Os cem melhores poemas brasileiros do século*. Editora Objetiva: Rio de Janeiro, 2001.

²⁰¹ FERREIRA, Ascenço. O que eu devo à influência negra? In: *Jornal Pequeno*. *1.o Congresso Afro-Brasileiro: a audição de ontem no Santa Isabel*. 17/11/1934.

Belas Artes. Estreou profissionalmente, expondo seus trabalhos, pela primeira vez, em 1928, no saguão de uma clínica médica porque, à época, havia grande desconfiança em torno do tipo de pintura que ele fazia e quase nenhuma galeria carioca tinha interesse pela arte moderna. Como predominava a arte acadêmica, a mostra não fez grande sucesso, mas foi visitada pelos modernistas, entre os quais Villa-Lobos, o poeta Murilo Mendes e o artista plástico Ismael Nery. Em 1933, foi convidado por Gilberto Freyre, de quem era amigo pessoal, a fazer a capa de *Casa grande & senzala*.

Simpatizante do Partido Comunista foi perseguido, várias vezes, em 1937, quando durante o Estado Novo. Era chamado pelas autoridades pernambucanas como “o artista que pinta retratos de Lênin a pedido de estudantes esquerdistas” e, por várias vezes, seu atelier no Recife foi invadido por tropas policiais. Foi aí que ele decidiu viver em Paris. Em 1943, casou-se com a francesa Raymonde que conheceu numa roda de amigos num café parisiense e com quem teve uma filha brasileira chamada Sílvia. Desde que deixou Pernambuco, passou a ir anualmente a sua terra natal para rever amigos, na tentativa de preservar as raízes. Mas sua vida fora do Brasil não foi só de maravilhas. Durante a Segunda Guerra Mundial, por exemplo, depois que o Brasil rompeu relações diplomáticas com a Alemanha nazista e a Itália fascista, ele foi preso num hotel da cidade alemã de Baden-Baden. No grupo, estava também o escritor Guimarães Rosa e o motivo da prisão teria sido apenas o fato de ser brasileiro. Em seguida, numa ação diplomática, o grupo foi trocado por espiões nazistas que se encontravam presos no Brasil. Libertado, seguiu para Portugal. Depois voltou ao Brasil e, no início da década de 1950, partiu definitivamente para Paris.

Ao longo de toda sua vida, tanto no Brasil quanto no exterior, o reconhecimento ao trabalho do pintor pernambucano foi grande. Oswald de Andrade julgava-o o maior pintor brasileiro de todos os tempos.²⁰² Ele participou do Congresso do Recife²⁰³, a convite do seu grande amigo, Gilberto Freyre, apresentando dois trabalhos de xilogravura sobre o negro no Brasil. Cícero Dias verificou a importância do evento, àquele momento, para analisar e estudar a importância do negro no processo de formação da nossa identidade cultural. Os dois trabalhos que havia apresentado no salão de entrada do Teatro Santa Isabel, no último dia de realização do evento, mostravam a importância do negro para o crescimento do país

²⁰² AMARAL, Aracy. Artes plásticas na semana de 22. 4ª edição, Perspectivas: Rio de Janeiro, 1970.

²⁰³ DIAS, Cícero. In: Jornal Pequeno. 1.º Congresso Afro-Brasileiro: a audição de ontem no Santa Isabel. 17/11/1934.

culturalmente e etnicamente, por ter possibilitado a construção de um processo de miscigenação que, segundo Cícero Dias, foi de muita riqueza para a formação de um manancial cultural.

Justino de Oliveira²⁰⁴ era pai do folclorista Câmara Cascudo. Seu estabelecimento comercial era ponto de encontro e troca de informações, pois como era o único que vendia produtos de material de construção. Circulavam ali, portanto, todo tipo de gente, de simples sertanejos a coronéis. Sua relação com Gilberto Freyre foi através de seu filho. Luiz da Câmara Cascudo²⁰⁵ também participou do I Congresso e apresentou o *Notas sobre o catimbó*. Nesse artigo, o autor analisou que o catimbó²⁰⁶, manifestação religiosa desenvolvida no Pará e Amazonas, conservaria em sua essência, as mesmas características do que a macumba afro-brasileira.

Arthur Ramos²⁰⁷ entrou em contato com Gilberto Freyre quando escreveu sua monografia de final de curso, no ano de 1926, após concluir o curso de medicina, intitulada *Primitivo e Loucura*, recebendo grandes elogios de Sigmund Freud, Eugene Bleuler e Lévy Bruhl. Seguiu por essa linha, publicando vários artigos sobre a loucura e tendo como personagens centrais o negro brasileiro. Seus estudos e o seu prestígio junto ao meio acadêmico fizeram com que tivesse contato com Ulysses Pernambucano que, durante a sua especialização no Rio de Janeiro, esteve sob a orientação do prestigiado médico psiquiatra Juliano Moreira. Através desse médico, que revolucionava os métodos ligados à psiquiatria, foi que Ulysses e Ramos teriam entrado em contato.

No Rio de Janeiro, em 1934, ano em que se realizou o Primeiro Congresso Afro-brasileiro do Recife, publicou *O Negro Brasileiro*, parte desse trabalho foi, então, apresentado no evento realizado no Recife, a pedido de Ulysses Pernambucano e de

²⁰⁴ NEVES, Margarida de Souza. Viajando o sertão: Luís da Câmara Cascudo e o solo da tradição. O pequeno texto apresentado é um dos resultados desse projeto de pesquisa.

²⁰⁵ CASCUDO, Luiz da Câmara. *Notas sobre o catimbó*. In: Congresso afro-brasileiro. (2:1936: Recife). Estudos afro-brasileiros. Apresentação: José Gonçalves de Mello. Recife: FUNDAJ/Massangana, 1988. Volume: 7.

²⁰⁶ Os estudos mais recentes nos revelam que catimbó é uma prática de magia baseada no cristianismo e onde apóia toda a sua doutrina religiosa. Não inventa deuses ou os importa da África, porque é uma doutrina que não faz parte das religiões afro-brasileiras. Apesar de católico, é ao mesmo tempo uma prática espírita porque trabalha com a incorporação de almas de pessoas já falecidas. Tem uma raiz índia que foi se perdendo com o passar do tempo. Observamos, então, que é uma manifestação xamanista com muitas práticas da pajelança existente no norte do país, mas que não é baseado em caboclos e sim em mestres, apesar de os caboclos também terem participação. Ver: OLIVEIRA, Naldo. *A força do Catimbó e suas verdadeiras orações*. Editora Pallas: Rio de Janeiro, 2000.

²⁰⁷ ROSA, Teófilo. Elogio Acadêmico. Editora Massangana: Pernambuco, 1969.

Gilberto Freyre. Em 1935, Gilberto Freyre solicitou a Ramos prefaciá-lo o primeiro volume dos anais que reunia parte dos trabalhos apresentados. Nesse período, ele assumiu a cátedra de Psicologia Social, vindo a ser consagrado como o pai da Antropologia Brasileira, área de estudo que mais tarde tomaria boa parte de sua vida.

Ao lado de grandes nomes das Ciências Sociais, no Brasil obteve reconhecimento e respeito de muitos amigos e admiradores, como Jorge de Lima, Rachel de Queiróz, Jorge Amado, Gilberto Freyre, Estácio de Lima, Théó Brandão, José Lins do Rêgo, Aurélio Buarque de Holanda, Graciliano Ramos, Nise da Silveira, Silvio de Macedo, Rita Palmares, Lily Lages e Gilberto de Macedo. Em 1937, durante a ditadura varguista foi preso duas vezes pelo DOPS. Deixou um legado de mais de seiscentas obras, entre livros e artigos, que até hoje, são fontes de estudos para a psiquiatria, o negro, o índio e o folclore brasileiro.

Arthur Ramos²⁰⁸ participou do evento com um trabalho intitulado *Os mythos de Xangô e sua degradação no Brasil*. Nesse trabalho, procurou analisar o valor do termo “Xangô” que de orixá ou santo fetichista, que os negros yorubanos trouxeram para o Brasil e, conseqüentemente, para alguns estados como Alagoas e Pernambuco, passou a designar o local das cerimônias religiosas. Isso, para o autor, seria um fenômeno comum de translação semântica que pode ser percebido também em macumba, instrumento musical, e macumba, centro de fetichismo, assim como em candomblé, termo onomatopaico e candomblé, centro ou terreiro. Observou, então, que o termo Xangô deveria ser um santo ou orixá muito importante para se tornar sinônimo da própria religião. Em dezembro de 1936, prefaciou o 2º volume dos anais do I Congresso do Recife²⁰⁹.

O professor Melville J. Herskovits²¹⁰ foi um dos maiores estudiosos sobre as culturas africanas fora do Brasil. Ajudou e auxiliou vários colegas como a antropóloga Ruth Landes no processo de análise sobre a cultura afro-brasileira e o poder das mães-de-santo na Bahia. O seu contato com Gilberto Freyre ocorreu através do professor Franz Boas, na década de 1920, quando Freyre foi estudar nos Estados Unidos, na Universidade

²⁰⁸ RAMOS, Arthur. Os mythos de Xangô e sua degradação no Brasil. In: Congresso afro-brasileiro. (1:1934: Recife). Estudos afro-brasileiros. Apresentação: José Gonçalves de Mello. Recife: FUNDAJ/Massangana, 1988. Volume: 6.

²⁰⁹ RAMOS, Arthur. Prefácio. In: Congresso afro-brasileiro. (2:1936: Recife). Estudos afro-brasileiros. Apresentação: José Gonçalves de Mello. Recife: FUNDAJ/Massangana, 1988. Volume: 7.

²¹⁰ DORSON. Richard M. Obituary: Melville J. Herskovits, 1895-1963. In: O jornal do Folclore americano. Vol. 76, No. 301 (julho - setembro, 1963), pp. 249-250.

de Columbia. Essa instituição era um dos principais centro de estudos antropológicos e Herskovits já era um grande intelectual por suas idéias e trabalhos publicados.

A partir da década de 1930, criou-se um intercâmbio acadêmico entre instituições norte-americanas e brasileiras, o que fez com que muitos antropólogos americanos viessem para cá, estudar o comportamento dos negros e dos índios brasileiros. Numa dessas viagens ao Rio de Janeiro, inicialmente, por ser a capital do Distrito Federal, Herskovits foi recebido por Édison Carneiro, amigo de Gilberto Freyre e quem indicou para conversar com o amigo pernambucano, a fim de engrossar suas pesquisas sobre cultura, o negro e identidade nacional. Já em 1933, Herskovits tomou ciência e *Casa grande & senzala* e, no ano posterior, participou do I Congresso, a pedido de Gilberto Freyre. Melville J. Herskovits²¹¹, então, apresentou *Procedência dos negros no novo mundo*, artigo em que pretendeu analisar as procedências dos negros no Novo Mundo, utilizando-se de dois métodos confluentes: histórico e etnológico. Apresentou, também, o trabalho *A arte do bronze e do panno em Dahomé*. Nesse artigo, Herskovits procurou analisar a relação cultural entre Daomé, país africano e que muito contribuiu com mão-de-obra escrava para as Américas, e o Brasil, apresentando toda uma técnica de gravura em madeira, trabalho em marfim, fundição de bronze, etc.²¹²

Jorge Amado²¹³ foi, talvez, o intelectual mais parecido com Gilberto Freyre, provavelmente, pela utilização de temas regionalistas, pela valorização do negro e do mestiço em suas obras e pela descrição de uma paisagem “tropicalista”, identificatória da nossa cultura. No ano de 1932, mudou-se para um apartamento em Ipanema com o poeta Raul Bopp. Conheceu José Américo de Almeida, Amando Fontes, Rachel de Queiroz - através de quem se aproximou dos comunistas - e Gilberto Freyre, em relação a quem nutriu grande simpatia e amizade e com quem trabalhou muito, principalmente por publicarem, durante muito tempo, pela mesma editora, a Schmidt. Entre a primeira e a segunda edição de *Cacau*, Jorge Amado teve acesso, através de José Américo de Almeida, aos originais de *Caetés*, romance de Graciliano Ramos. Empolgado com o talento do

²¹¹ HERSKOVITS, Melville J. *Procedência dos negros no novo mundo*. In: Congresso afro-brasileiro. (2:1936: Recife). Estudos afro-brasileiros. Apresentação: José Gonçalves de Mello. Recife: FUNDAJ/Massangana, 1988. Volume: 7.

²¹² HERSKOVITS, Melville J. *A arte do bronze e do panno em Dahomé*. In: Congresso afro-brasileiro. (2:1936: Recife). Estudos afro-brasileiros. Apresentação: José Gonçalves de Mello. Recife: FUNDAJ/Massangana, 1988. Volume: 7.

²¹³ Ver: Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro pós 1930. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2001. 5v.

escritor alagoano, viajou para Maceió só para conhecê-lo, iniciando uma amizade que duraria até a morte de Graciliano. Conheceu também José Lins do Rego, Aurélio Buarque de Holanda e Jorge de Lima.

Jorge Amado foi um personagem à parte na história da literatura brasileira. Foi comunista, deputado federal, teve seus direitos políticos caçados e preso durante a ditadura varguista na década de 1930. Libertado, foi morar em São Paulo com o escritor Rubem Braga. Participou na condição de chefe da delegação baiana, do I Congresso de Escritores, em São Paulo. O encontro terminou com uma manifestação contra o Estado Novo e novamente foi preso por um breve período juntamente com Caio Prado Jr. Nesse mesmo período, assumiu o mandato na Assembléia Constituinte e passou a residir no Rio de Janeiro. Várias de suas emendas, como a da liberdade de culto religioso e a que dispunha sobre direitos autorais, foram aprovadas.

No I Congresso, Jorge Amado²¹⁴ participou com o trabalho *Biblioteca do povo e coleção moderna*. Nesse artigo, analisou que elementos da cultura popular, como poesias sertanejas, trovas populares, modinhas, orações e receitas úteis, eram publicados e vendidos a preços populares para que todos pudessem comprar.

José Lins do Rego²¹⁵ também participou do I Congresso, apresentando o trabalho *Xangô em Alagoas*. Neste trabalho o autor procurou analisar a importância dos cultos afro para a formação do nosso patrimônio cultural, observando a idéia de “hibridação” cultural e de como estes cultos se organizavam para sobreviverem e driblarem o fisco do estado através de uma milícia rigorosa sobre este assunto. O autor procurou também analisar o desenvolvimento dos “Xangôs” no estado das Alagoas.

O etnólogo e antropólogo Edison Carneiro²¹⁶ participou do I Congresso com a apresentação do trabalho *Situação do negro no Brasil*. Nesse artigo, procurou analisar que com a abolição da escravidão em 1888, somente o problema do branco foi resolvido e não o do negro, que durante todo o período da Primeira República, reivindicou por cidadania e por ser aceito enquanto elemento constitutivo da identidade nacional. Em um outro artigo,

²¹⁴ AMADO, Jorge. *Bibliotheca do povo* e ‘coleção moderna. In: Congresso afro-brasileiro. (2:1936: Recife). Estudos afro-brasileiros. Apresentação: José Gonçalves de Mello. Recife: FUNDAJ/Massangana, 1988. Volume: 7.

²¹⁵ REGO, José Lins do. *Xangô em Alagoas*. In: Jornal Pequeno. 1.o Congresso Afro-Brasileiro: a audição de hontem no Santa Isabel. 17/11/1934.

²¹⁶ CARNEIRO, Edison. *Situação do negro no Brasil*. In: Congresso afro-brasileiro. (2:1936: Recife). Estudos afro-brasileiros. Apresentação: José Gonçalves de Mello. Recife: FUNDAJ/Massangana, 1988. Volume: 7.

intitulado *Xangô*²¹⁷, Edison Carneiro procurou analisar a relação do orixá africano Xangô com o santo católico São Jerônimo.

Affonso Costa participou do evento idealizado por Freyre e Ulysses Pernambucano, com o trabalho *Congresso Afro-brasileiro*.²¹⁸ Neste trabalho, procurou analisar a importância do Congresso do Recife e o seu desenvolvimento para o crescimento dos estudos sociais acerca do negro brasileiro, da cultura do negro e toda a sua importância para o processo de formação da identidade nacional.

Edgar Roquete Pinto²¹⁹, no ano de 1907, recebeu convite para participar da Missão Rondon, chefiada pelo marechal Cândido da Silva Rondon, cujo objetivo era promover a integração do território brasileiro. O projeto do Governo consistia em levar as linhas de telégrafo por todo o interior do Brasil, até suas fronteiras. Formado em Medicina pela Universidade do Brasil, em 1905, a viagem pelo interior do País lhe ensejou a possibilidade de aprofundar os conhecimentos sobre a vida e a cultura dos povos indígenas e, assim, desenvolver um profundo aprendizado em antropologia.

No início da década de 1920, instalou o primeiro equipamento radiofônico no Brasil, fundando a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, mais tarde Rádio Ministério da Educação. Tornou-se diretor do Museu Nacional, representando o país em diversos congressos sobre eugenia e mestiçagem. A sua ligação com Gilberto Freyre surgiu através dos seus estudos antropológicos, área em que publicou diversos trabalhos. Seus artigos, fruto dos diversos congressos sobre eugenia em que participou, possibilitou o intercâmbio entre esse estudioso e o autor de *Casa grande & senzala*. A relação foi tão positiva que mesmo não participando do Primeiro Congresso Afro-brasileiro, Roquette Pinto a pedido de Freyre, prefaciou o segundo volume dos anais, publicado em 1937, que reuniam os trabalhos apresentados no evento. Nesse prefácio, Edgar Roquette Pinto²²⁰ verificou que a iniciativa de Gilberto Freyre veio no tempo apropriado. Observou que duas condições

²¹⁷ CARNEIRO, Edison. *Xangô*. In: *Congresso afro-brasileiro*. (2:1936: Recife). Estudos afro-brasileiros. Apresentação: José Gonçalves de Mello. Recife: FUNDAJ/Massangana, 1988. Volume: 7.

²¹⁸ COSTA, Affonso. *Congresso Afro-brasileiro*. In: *Jornal Pequeno*. 1.o Congresso Afro-Brasileiro: a audição de hontem no Santa Isabel. 17/11/1934.

²¹⁹ LIMA, Sérgio. Edgar Roquette Pinto: o primeiro radialista brasileiro. Editora Massangana, Pernambuco, 1996.

²²⁰ Cf. PINTO, Edgar Roquette. Prefácio. In: *Congresso afro-brasileiro*. (1:1934: Recife). Estudos afro-brasileiros.

retardaram o estudo dos elementos africanos: a educação puramente clássica dos intelectuais da época, e a Circular n.º 29 de 13 de Maio de 1891 que determinou a incineração dos documentos históricos da escravidão.

Gilberto Freyre²²¹ apresentou trabalhos no I Congresso. Um deles foi *Deformações de corpo dos negros fugidos*. Nesse artigo, o autor analisou que, através dos anúncios de negros fugidos nos jornais do Império, encontrava-se na forma de descrição do negro fugitivo muitos sinais de deformação do corpo, fosse homem, mulher ou criança, negros escravos, ocasionada pelo excesso de trabalho, doença, tatuagem, condições precárias de higiene e de má alimentação nas senzalas.

Em outro artigo, analisou a importância do Congresso do Recife para os estudos acerca do negro. Em *O que foi o 1º Congresso Afro-Brasileiro do Recife*, Gilberto Freyre analisou a importância do evento em relação às discussões sobre o papel do negro e do mestiço para a formação social e cultural da nossa identidade nacional.²²²

Escritores.	Arthur Ramos. Nasceu, em Pilar, Alagoas no dia 07 de julho de 1903 e faleceu, em Paris, no dia 31 de outubro de 1949.	Luis da Câmara Cascudo. Nasceu em Natal, no Rio Grande do Norte, no dia 30 de dezembro de 1898 e faleceu na mesma cidade, no dia 30 de julho de 1986.	Edison de Souza Carneiro. Nasceu na Bahia no dia 12 de agosto de 1912 e faleceu no Rio de Janeiro no dia 02 de dezembro de 1972.	Mário Raul de Moraes Andrade. Nasceu no dia 09 de outubro de 1893, em São Paulo e faleceu no dia 25 de fevereiro de 1945, na cidade de São Paulo.	Ulysses Pernambucano de Mello Sobrinho. Nasceu no Recife, no dia 06 de fevereiro de 1892, e faleceu na mesma cidade, no dia 04 de julho de 1943.
Trabalhos apresentados ao Congresso do Recife.	<i>Prefácio e os Mitos de Xangô e sua degradação no Brasil.</i>	<i>Notas sobre o catimbó</i>	<i>Situação do negro no Brasil e Xangô</i>	<i>A calunga dos maracatus</i>	<i>As Doenças mentais entre os negros de Pernambuco e alguns dados antropológicos da população de Recife</i>

²²¹ FREYRE, Gilberto. Deformações de corpo dos negros fugidos. In: *Congresso afro-brasileiro*. (2:1936: Recife). Estudos afro-brasileiros. Apresentação: José Gonçalves de Mello. Recife: FUNDAJ/Massangana, 1988. Volume: 7.

²²² FREYRE, Gilberto. O que foi o 1º Congresso Afro-Brasileiro do Recife. In: *Congresso afro-brasileiro*. (2:1936: Recife). Estudos afro-brasileiros. Apresentação: José Gonçalves de Mello. Recife: FUNDAJ/Massangana, 1988. Volume: 7.

Relações familiares e gestão do capital de relações sociais.	O pai era médico e se chamava Manuel Ramos de Araújo Pereira e sua mãe se chamava Ana Ramos.	Filho único e seu pai, Francisco Justino de Oliveira Cascudo - participante também do Congresso - era comerciante e coronel da Guarda Nacional.	Família de classe média;único filho homem, cinco irmãs mais novas, professoras primárias.	Filho de Carlos Augusto de Moraes Andrade e Maria Luísa Leite Moraes Andrade. Tinha um irmão mais novo, Renato de Moraes Andrade, que morreu em 1913, de traumatismo craniano vitimado por uma cabeçada em um jogo de futebol.	Seu pai, formado em Direito pela Faculdade do Recife, era José Antônio Gonsalves de Mello e sua mãe, prima de seu pai, Maria da Conceição de Mello. Foi filho único.
Formação Acadêmica.	Formou-se em medicina pela Faculdade de Medicina da Bahia em 1921.no ano de 1921. Em 1926, defendeu a tese de doutorado denominada "Primitivo e Loucura".	Iniciou o curso de medicina na Faculdade da Bahia e depois no Rio de Janeiro não terminou, cumprindo o destino de ser bacharel em Direito, na Faculdade de Direito do Recife, na década de 1920.	Diplomou-se em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito da Bahia em 1935.	Bacharel em Ciências e Letras, em 1909, pela faculdade de Filosofia e Letras de São Paulo. Em 1917, diplomou-se em piano pelo Conservatório Dramático e Musical de São Paulo.	Formou-se em Medicina pela Faculdade do Recife, em 1917.
Atividades Profissionais.	Assumiu a cátedra de Psicologia Social na Faculdade de Medicina da Bahia. Na década de 1930, foi diretor da UNESCO, onde construiu um Plano de Paz para o mundo, ao lado de Bertrand Russel, Jean Piaget, Maria Montessori e Julien Huxley.	Foi jornalista, historiador e folclorista. Na década de 1920, foi dono do periódico A Imprensa, mantendo uma coluna que chamou de “Bric-a-Brac” e onde exercitava o olho observando a paisagem humana e cultural da cidade e sua gente. Na década de 1930, em combate e contraponto à influência marxista que viria a desaguar na Revolução Comunista de 1935, quando Natal foi palco e sede do primeiro governo marxista da América Latina, Câmara Cascudo aderiu ao	Participou do grupo literário “Academia dos Rebeldes”, no início das suas atividades intelectuais, em Salvador. Fundou no Rio de Janeiro a Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, da qual foi seu primeiro diretor (1961-1964).	Em 1918, escreveu contos e poemas, colaborou ocasionalmente em jornais e revistas como crítico de arte e cronista em <i>A Gazeta e O Echo</i> (São Paulo). Em 1919, tornou-se colaborador do jornal <i>A Cigarra</i> . Em 1920, passou a fazer parte do grupo modernista de São Paulo, além de colaborar nos periódicos: <i>Papel e Tinta</i> (São Paulo), na <i>Revista do Brasil</i> (Rio de Janeiro - até 1926) e na <i>Ilustração Brasileira</i> (Rio de Janeiro - até - 1921). Em 1921, tornou-se professor de	Foi médico psiquiatra, professor catedrático do Ginásio Pernambucano, onde os filhos Jarbas Pernambucano e José Antônio Gonsalves de Mello Neto estudaram. Em 1930, tornou-se diretor da Escola Normal de Pernambuco e do Instituto de Seleção e Orientação Profissional. Em 1932, tornou-se professor de neuropsiquiatria infantil na faculdade de medicina do

		<p>integralismo brasileiro e foi membro destacado e chefe regional da Ação Integralista Brasileira - AIB, exercendo enorme influência com a sua doutrina na elite intelectual potiguar.</p>		<p>História da Arte no Conservatório Dramático e Musical de São Paulo. Fez parte da Sociedade de Cultura Artística. Passou a escrever para o <i>Jornal do Comércio de São Paulo</i>. Em 1922, tornou-se professor catedrático de História da Música e Estética no Conservatório Dramático e Musical de São Paulo. Participou da Semana de Arte Moderna em São Paulo, de 13 a 18 de fevereiro, no Teatro Municipal de São Paulo. Fez parte do grupo da revista <i>Klaxon</i>. Em 1923, participou da revista <i>Ariel</i> e da <i>Revista do Brasil</i> no Rio de Janeiro. Em 1925, colaborou com a <i>Revista Nova</i> de Belo Horizonte e, em 1926, para a <i>Revista de Antropofagia</i>, a <i>Revista do Brasil</i> e para a revista <i>Terra Roxa e Outras Terras</i>. De 1927 a 1932, quando o jornal foi fechado, colaborou no <i>Diário Nacional</i> de São Paulo como crítico de arte e cronista na coluna. Foi cronista também da "<i>Táxi</i>", em 1929. Em 1928, tornou-se membro do Partido Democrático. Em</p>	Recife.
--	--	---	--	---	---------

				<p>1934, diplomou-se professor honorário do Instituto de Música da Bahia. Criou e dirigiu a Coleção Cultural Musical (Edições Cultura Brasileira de São Paulo), e colaborou com a revista <i>Festa</i> do Rio de Janeiro.</p> <p>Nomeado chefe da Divisão de Expansão Cultural e Diretor do Departamento de Cultura de São Paulo, em 1935 e, em 1936, nomeado Chefe do Departamento de Cultura da Prefeitura de São Paulo. Em 1938, nomeado professor-catedrático de Filosofia e História da Arte na Universidade do Distrito Federal. Em 1939, criou a Sociedade de Etnologia e Folclore de São Paulo, sendo o primeiro presidente.</p> <p>Organizou o 1º Congresso da Língua Nacional Cantada, além de projetar a criação do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, SPHAN.</p> <p>Nomeado encarregado do Setor de São Paulo e Mato Grosso e colaborou na <i>Revista Acadêmica</i> do Rio de Janeiro e</p>	
--	--	--	--	--	--

				em <i>O Estado de S. Paulo</i> . A partir de 1941, colaborou na revista <i>Clima</i> . Em 1942, tornou-se sócio-fundador da Sociedade dos Escritores Brasileiros. Colaborou no <i>Diário de S. Paulo</i> e na <i>Folha de S. Paulo</i> .	
--	--	--	--	--	--

Escritores.	Abelardo Duarte. Nasceu no Ceará no dia 15 de julho de 1914 e morreu no mesmo Estado no dia 22 de abril de 1991.	Adhemar Victor de Menezes Vidal. Nasceu no dia 07 de outubro de 1897, na Paraíba e faleceu no Rio de Janeiro no dia 30 de novembro de 1986.	Affonso Costa ²²³ . Nasceu na Bahia em 1910 e faleceu em Pernambuco em 1966.	Alfredo Brandão de Castro Ferreri. Nasceu no município de Viçosa, em Alagoas em 1881 e faleceu em Pernambuco em 1956.	Ascenço Carneiro Gonçalves Ferreira ²²⁴ . Nasceu Aníbal Torres, no município de Palmares, zona da Mata de Pernambuco, a 09 de maio de 1895 e faleceu no dia 05 de maio de 1965, no Recife.
Trabalhos apresentados ao Congresso do Recife.	<i>Grupos sanguíneos da raça negra.</i>	<i>Três séculos de escravidão na Parahyba.</i>	<i>O Congresso Afro-brasileiro do Recife.</i>	<i>O negro na história de Alagoas.</i>	<i>O que eu devo à influência negra?</i>

²²³ Primeiro Congresso Afro-brasileiro, *Jornal Pequeno*, Recife, 31 de outubro de 1934, ano: XXXVII, nº 248.

²²⁴ Ascenço Ferreira foi um dos maiores intelectuais de Pernambuco. PROENÇA, Ivan Cavalcanti. Ascenço Ferreira. In: Azevedo Filho, Leodegário A. (org.) *POETAS do modernismo*: antologia crítica. Brasília: INL, 1972. v. 5, p. 15 - 17. (Literatura brasileira, 9).

<p>Relações familiares e gestão do capital de relações sociais.</p>	<p>O pai se chamava João Camargo Duarte e a mãe Amélia Dias Duarte. Eram primos de primeiro grau.</p>	<p>Seu pai era jornalista e se chamava Francisco de Assis Vidal.</p>	<p>Seu pai era médico. Aderiu ao evento devido à influência do jornalista Mário Melo que escrevia matérias para sua Revista.</p>		<p>Seu pai, Antônio Carneiro Torres, era comerciante e sua mãe, Maria Luiza Gonçalves Ferreira, era professora. Aprendeu a ler e a escrever com sua mãe por ter se tornado órfão de pai aos seis anos de idade. Casou-se com Maria Stela de Barros Griz, filha do poeta pernambucano Fernando Griz. Após o matrimônio, foi morar no Rio de Janeiro e conheceu intelectuais como Mário de Andrade, Cassiano Ricardo, Anita Malfati, Oswald de Andrade.</p>
<p>Formação Acadêmica.</p>	<p>Bacharelou-se em direito pela Faculdade do Recife na década de 1940.</p>	<p>Formou-se em Direito pela Faculdade do Recife, em 1920.</p>	<p>Formou-se em Medicina pela Faculdade da Bahia.</p>	<p>Formou-se em Medicina pela Faculdade do Recife na década de 1920.</p>	
<p>Atividades Profissionais.</p>	<p>Foi jornalista.</p>	<p>Aos 12 anos, começou a trabalhar no jornal <i>A União</i> como revisor, ocupando mais tarde a direção do jornal. Fundou a Revista <i>A Novela</i>, precursora do movimento modernista no Nordeste. Advogou na Paraíba. Aprovado em concurso no Itamaraty,</p>	<p>Médico-psiquiatra e escritor. Proprietário, à época do Congresso do Recife, da <i>Revista Nacional de Pernambuco</i>.</p>	<p>Advogado, poeta, historiador e escritor, médico.</p>	<p>Em 1908, após a morte do pai, trabalhou como balconista na mercearia de um tio materno e padrinho de batismo, Joaquim Ribeiro. Em 1911, publicou no jornal <i>A Notícia de Palmares</i>. Em 1917, na cidade de Palmares – Pernambuco, fundou com</p>

		<p>nomeado adido do Brasil na Holanda, década de 1920. Oficial de Gabinete de Solon de Lucena. Ocupou também o cargo de Procurador da República no mesmo período. Secretário de Justiça e Segurança na Paraíba, no governo de João Pessoa, até 1930. Colaborador assíduo da Revista <i>Era Nova</i>. Membro do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano. Membro efetivo da Academia Paraibana de Letras, empossado em 1979.</p>			<p>Antonio de Barros Carvalho, Antonio Freire, Artur Griz, Barros Lima, Carlos Rios e Fenelon Barreto, a sociedade <i>Hora Literária de Palmares</i>. Em 1920, ao mudar-se para o Recife, tornou-se funcionário público. Neste mesmo ano, colaborou com o Diário de Pernambuco. Em 1922, tornou-se colaborador nos jornais recifenses Diário de Pernambuco e A Província. Em 1924, passou a escrever para os periódicos Mauricéia, Revista do Norte, Revista de Pernambuco, A Pihéria, Revista da Cidade e Revista de Antropofagia. Participou, em 1926, do I Congresso Regionalista do Nordeste. Entre os anos de 1942 a 1944, realizou no Recife conferências e estudos sobre divertimentos populares do Nordeste. Em 1956, é nomeado por JK para a direção do Instituto Joaquim</p>
--	--	---	--	--	--

					<p>Nabuco de Pesquisas Sociais, no Recife, mas a nomeação é cancelada dez dias depois, porque um grupo de intelectuais recifenses não aceitou que um poeta boêmio e irreverente assumisse o cargo. Neste mesmo ano, foi nomeado, então, como assessor do Ministério da Educação e cultura, onde só comparecia para receber o salário. Entre os anos de 1957 a 1959, participou da gravação de 64 poemas escolhidos e 3 historietas populares em álbum de disco.</p>
Outros Trabalhos.		<p>Livros publicados:</p> <p><i>Fome</i>, 1922; <i>O incrível João Pessoa</i>, 1931; <i>1930 – História da Revolução na Paraíba</i>, 1933; <i>Epitácio Pessoa ou o sentimento de autoridade</i>, 1942; <i>Recordações sentimentais de Epitácio Pessoa</i>, 1942; <i>Guia da Paraíba</i>, 1943; <i>Terra de homens</i>, 1945; <i>América, mundo livre</i>, 1945; <i>Espírito de reforma</i>, 1945;</p>		<p>Livros publicados: <i>Viçosa de Alagoas</i>, 1914; <i>Chônicas alagoanas</i>, 1939.</p>	<p>Publicou os seguintes poemas: "Flor Fenecida" de 1911. "Poemas 1922/1951" de 1951. "Poemas, 1922/1953" de 1953. "Catimbó e Outros Poemas" de 1963. "Poemas" de 1981. Publicou também os seguintes livros: "Catimbó" de 1927. "Cana Caiana" de 1939. "Eu Voltarei ao Sol da Primavera" de</p>

		<i>Lendas e superstições, 1950; Europa, 1950; Reparações de guerra, 1952; Organização judiciária dos Estados Unidos do Brasil, 1959; Liquidação dos bens de guerra, 1960; O outro Eu de Augusto dos Anjos, 1967.</i>			1985.
--	--	--	--	--	-------

Escritores	Almir Guimarães. Nasceu no Recife no dia 04 de julho de 1910 e faleceu na mesma cidade no dia 15 de agosto de 1990.	Álvaro de Faria. Nasceu em Alagoas no dia 15 de novembro de 1899 e faleceu na Bahia no dia 15 de fevereiro de 1970.	Apolinário Gomes (babalorixá). Nasceu no dia 02 de janeiro de 1910 no Recife e faleceu na mesma cidade no dia 24 de agosto de 1950.	Arnaldo di Lascio. Nasceu no dia 22 de abril de 1910, em São Paulo e faleceu na mesma cidade no dia 15 de setembro de 1988.	Astrogildo Pereira Duarte Silva. Nasceu no Rio Bonito, no Rio de Janeiro, em 1890, e faleceu no Rio de Janeiro, em 1965.	Augusta Moreira. Nasceu na Alemanha em 1890 e morreu no Brasil em 1950.
Trabalhos apresentados ao Congresso do Recife.	Em conjunto com Ulysses Pernambucano, Jarbas Pernambucano e Arnaldo di Lascio, <i>Alguns dados anthropologicos da população do Recife.</i>	<i>O problema da tuberculose no preto e no branco e relações de resistência racial.</i>	Junto com o babalorixá Oscar Almeida e a iyalorixá Santa, apresentaram <i>receitas de quitutes afro-brasileiros.</i>	Em comunhão com Ulysses Pernambucano, Jarbas Pernambucano e Almir Guimarães apresentou o seguinte trabalho: <i>Alguns dados anthropologicos da população do Recife.</i>	<i>O negro e a sua situação atual no Brasil.</i>	<i>Juliano Moreira e o problema do negro e do mestiço no Brasil.</i>
Gestão do capital de relações sociais, posição na fratria e carreira dos irmãos.	O pai era médico e se chamava Manuel de Araújo Guimarães e sua mãe se chamava Jacinta de Sousa.		Tornou-se amigo do professor Ulysses Pernambucano e de Gilberto Freyre, pelo esforço e trabalho que estes homens	Família de classe média e filho único.		Foi casada com Juliano Moreira

			tinham, em proteger e manter os cultos afro-brasileiros, ora perseguidos pela polícia, da cidade do Recife.			
Formação Acadêmica.	Formou-se em medicina pela Faculdade do Recife em 1933.	Formou-se em medicina pela faculdade da Bahia no ano de 1920.		Formou-se em medicina pela Faculdade do Recife na década de 1930.	Ainda adolescente mudou-se para Niterói e estudou no Colégio Anchieta, dirigido por jesuítas. Depois se transferiu para o Colégio Abílio. Aos quatorze anos, pensou em tornar-se frade e aos quinze, já decepcionado com a Igreja, começou a abraçar o ateísmo. Nesse mesmo período, abandonou o colégio. Sem religião e sem escola, tornou-se um autodidata.	Formou-se em Enfermagem na Alemanha.
Atividades Profissionais.	Trabalhou no Hospital das Tamarineiras com Arnaldo di Lascio, Jarbas Pernambucano e tantos outros estagiários de Ulysses Pernambucano.	Atuou como médico em sua terra natal.		Trabalhou no Hospital das Tamarineiras sob a orientação de Ulysses Pernambucano, após formar-se na faculdade.	Em 1913, foi promotor do II Congresso Operário Brasileiro. Em 1922, participou do congresso de fundação do Partido Comunista Brasileiro, então Partido	Foi enfermeira durante a Primeira Guerra Mundial.

					<p>Comunista do Brasil (PCB). Neste mesmo ano, foi eleito secretário-geral da nova organização. Em 1928, passou a fazer parte do Comitê Executivo da Internacional Comunista, eleito no VI Congresso da entidade. Em 1944, colaborou no jornal carioca Diário de Notícias e na Revista Diretrizes. Em 1945, foi delegado do Estado do Rio ao I Congresso Brasileiro de Escritores, realizado, em São Paulo e um dos redatores da declaração de princípios do encontro, marcada por críticas à ditadura de Vargas. Neste mesmo ano, dirigiu as revistas Literatura, Problemas do Socialismo e Estudos Sociais e colaborou com o jornal Imprensa</p>	
--	--	--	--	--	--	--

					Popular e com a Revista Novos Rumos.	
Outros Trabalhos.					Publicou os seguintes livros: <i>URSS, Itália, Brasil</i> (1935), <i>Interpretações</i> (1944).	

Escritores.	Antônio Austregésilo. Nasceu na Bahia no dia 04 de janeiro de 1911 e morreu no Rio de Janeiro em 1970.	Bastos de Ávila. Nasceu no dia 14 de abril de 1900 na cidade de Escada, Pernambuco e morreu no dia 24 julho de 1984, na cidade do Recife.	Carlos Pontes. Nasceu no Recife no dia 02 de fevereiro de 1901 e morreu na mesma cidade no dia 02 de março de 1980.	Cícero dos Santos Dias. Nasceu no município de Escada Pernambuco no dia 05 de março de 1907 e faleceu em Paris no dia 28 de janeiro de 2003	Clarival do Prado Valladares. nasceu na cidade de Salvador em 26 de setembro de 1918 e morreu no Rio de Janeiro em 1983
Trabalhos apresentados ao Congresso do Recife.	<i>A mestiçagem no Brasil como factor eugênico.</i>	<i>O negro em nosso meio escolar.</i>	<i>Uma escrava original.</i>	Dois trabalhos e xilogravura sobre o negro no Brasil.	Uma exposição de um estandarte, bonecas e colares da rainha do maracatu de Pernambuco que na época do evento era a senhora Albertina de Fleury.
Relações familiares e gestão do capital de relações sociais.				Seu pai era Pedro dos Santos Dias. Foi o sétimo filho de dez; neto do Barão de Contendas pelo lado materno.	Filho único de Antônio do Prado Valladares, médico e professor da Faculdade de Medicina da Bahia, e Clarice Santos Silva Valladares.
Formação Acadêmica.	Em 1941 bacharelou-se em direito pela Faculdade do Recife.	Formou-se em medicina pela Faculdade do Recife na década de 1920.	Formou-se em direito na década de 1930, pela Faculdade de Direito do Recife.	Estuda pintura na Escola de Belas Artes no Rio de Janeiro, na década de 1920.	Formou-se em Medicina pela Faculdade do Recife em 1941. Defendeu tese de doutoramento na Universidade Federal da Bahia

					(UFBA), em 1952, e fez curso de pós-graduação em Patologia na Harvard University e de Biologia no Massachusetts Institute of Technology (MIT), ambos em Boston, Massachusetts.
Atividades Profissionais.	Antropólogo e jornalista.	Atuou como médico em sua cidade natal.	Etnólogo, folclorista, ensaísta, escritor, historiador e jornalista. Na década de 1940, lecionou história na própria Faculdade de Direito do Recife.	Deu aulas de pintura e desenho no seu ateliê em Paris	Em 1956, tornou-se docente, por concurso, de Anatomia Patológica na UFBA e em 1962 foi indicado pela congregação da Escola de Belas Artes também na UFBA.
Outros Trabalhos.				Em 1928, realizou sua primeira exposição, em que expôs o célebre painel "Eu vi o Mundo", de 15 metros de largura. Em 1937, executa o cenário do "ballet" de Serge Lifar e Villa Lobos. Em 1943 participa do Salão	Foi crítico do Jornal do Brasil e editor dos Cadernos Brasileiros e dentre suas principais publicações destacaram-se: <i>Presciliano Silva: um estudo biográfico e crítico</i> (1974), <i>Arte e Sociedade nos Cemitérios Brasileiros</i> , em 2 vols, <i>Aspectos da Arte Religiosa no Brasil</i> (1981), <i>Rio Barroco</i> (1978), <i>Rio Neoclássico</i> (1978), <i>Nordeste Histórico e Monumental</i> , em

				de Arte Moderna de Lisboa. Em 1950 participa da Bienal de Veneza.	4 vols (1982-1983).
--	--	--	--	---	---------------------

Escritores.	Cunha Lopes. Nasceu no Rio Grande do Norte no ano de 1915 e faleceu no dia 31 de dezembro de 1990, no Rio de Janeiro.	Diógenes Junior. Nasceu no Recife, Pernambuco, no dia 23 de outubro de 1914 e faleceu na mesma cidade no dia 05 de novembro de 1989	Edgar Roquette Pinto. Nasceu no Rio de Janeiro, em 25 de setembro de 1884 e faleceu no Rio de Janeiro no dia 18 de outubro de 1954	Ernani Braga. Nasceu em Curitiba, em 1903 e morreu no Rio de Janeiro, em 1973.	Fernando Mota. Nasceu em Recife, em 04 de março de 1906, faleceu em Recife, em 04 de abril de 1960.
Trabalhos apresentados ao Congresso do Recife.	Em parceria com J. Candido de Assis apresentou o seguinte trabalho: <i>Ensaio etno-psiquiátrico sobre negros e mestiços.</i>	<i>O negro na música do nordeste.</i>	Prefacia o primeiro volume dos anais do Primeiro Congresso Afro-brasileiro do Recife de 1934.	<i>Bamilê Odé, Xuxuaglô, Ogundê-narêê, Ogun-tóberinan, Ogunde-Xangôdê, Ogun-Kaloxó e ô Kinimba, Kinimba (toadas de Xangô do Recife), com Vicente Fittipaldi.</i>	<i>Influência do negro na formação religiosa do nosso povo.</i>
Relações familiares e gestão do capital de relações sociais.	O pai era comerciante e a mãe professora primária.	-	Filho único de Manuel Menelio Pinto e de Josefina Roquette Carneiro de Mendonça, mas fora criado por seu avô materno João Roquette Carneiro de Mendonça.	Filho único.	-
Formação Acadêmica.	Formou-se em medicina em 1934 pela Faculdade do Recife.	Formou-se em Direito na Faculdade do Recife, na década de 1930.	Formou-se em Medicina pela Universidade do Distrito Federal em 1905, com 21 anos de idade.	Estudou música no Conservatório Paranaense de Música.	Formou-se em Direito na faculdade de Recife, em 1934.
Atividades Profissionais.	Trabalhou como residente no Hospital das Tamarineiras, sob a orientação de Ulysses Pernambucano.	Professor da antiga Escola de Aprendizes e Artífices de Pernambuco, (atual Escola Técnica). Poeta, escritor, crítico, ensaísta, folclorista,	Foi médico legista, etnólogo, ensaísta, antropólogo, professor de antropologia do Museu Nacional. Em 1912, seguiu para o interior do Mato Grosso, integrando	Diretor do Conservatório Pernambucano de Música, fundou, com as irmãs beneditinas, a Academia Santa Gertrudes de Olinda, em 1912.	Poeta, cronista, romancista, historiador, jornalista. Membro da Academia Pernambucana de Letras, na década de 1930.

		biógrafo, historiador, jornalista, membro da Academia Paraibana e da Academia Carioca de Letras.	uma das comissões do sertanista Marechal Cândido Rondon. Na década de 1920, fundou o Instituto Nacional de Cinema Educativo, a Revista Nacional da Educação, a Sociedade Rádio do Rio de Janeiro e a Rádio Escola do Distrito Federal , atualmente Rádio Roquette Pinto, em 1923. Foi delegado do Brasil no Congresso de Raças, em Londres, em 1928.		Trabalhou como médico estagiário no hospital das Tamarineiras, a convite e sob a orientação de Ulysses Pernambucano.
Outros Trabalhos.	Publicou o livro: <i>Ensaio sobre os mestiços</i> , publicado em 1950.	Livros publicados: <i>Jogo de mora, jogo de bocha</i> , 1986; <i>Rendas e rendeiras da ilha</i> , 1986.	Livros publicados: <i>O exercício da medicina entre os indígenas da América</i> , de 1906; <i>Excursão à região das Lagoas do Rio Grande do Sul</i> , 1912; <i>Guia de antropologia</i> , 1915; <i>Rondônia</i> , 1916; <i>Elementos de mineralogia</i> , 1918; <i>Conceito atual da vida</i> , 1920; <i>Seixos rolados. Estudos brasileiros</i> , 1927; <i>Glória sem rumor</i> , 1928; <i>Ensaio de antropologia brasileira</i> , 1933; <i>Samambaia, contos</i> , 1934; <i>Ensaio brasileiros</i> , 1941.	-	Livros publicados: <i>Meu Recife de outrora</i> , 1935; <i>Os sinos e as lendas</i> , 1968; <i>Santo Antônio na milícia e no folclore</i> , 1976.

Escritores.	Geraldo Osório de Oliveira Andrade. Nasceu em Pernambuco, em 23 de julho de 1912, faleceu em Recife, em 30 de julho de 1986.	Gonçalves Fernandes. Nasceu em Recife, em 1909, faleceu em Recife, em 1986.	Isaac Brown. Nasceu no dia 22 de agosto de 1890 nos Estados Unidos e morreu no mesmo país, no dia 22 de setembro de 1950.	J. Robalinho Cavalcanti. Nasceu em Salvador, em 17 de dezembro de 1915, faleceu em Recife, em 1988.	J. Candido de Assis. Nasceu na Paraíba no dia 18 de fevereiro de 1909 e faleceu no mesmo estado no dia 15 de julho de 1988.
Trabalhos apresentados ao Congresso do Recife.	<i>Nota anthropologica sobre os mulatos pernambucanos.</i>	<i>Xangôs no Nordeste.</i>	Em conjunto com W. Berardinelli e Leonidio Ribeiro, apresentou o seguinte trabalho: <i>Estudo biotipologico de negros e mulatos brasileiros normaes e deliquentes.</i>	<i>O recém nascido branco, negro e mulato.</i>	Em parceria com Cunha Lopes apresentou o seguinte trabalho: <i>Ensaio ethno-psiquiatrico sobre negros e mestiços.</i>
Relações familiares e gestão do capital de relações sociais.	-	-		Irmão mais velho de Luis Robalinho Cavalcanti.	
Formação Acadêmica.	Formou-se em Direito na faculdade de Recife, 1933.	Formou-se em Medicina pela Universidade de Pernambuco, em 1937.	Formou-se em antropologia pela Universidade de Columbia em 1922.	Bacharelou-se pela faculdade de medicina da Bahia, em 1937.	Formou-se em medicina em 1934 pela Faculdade do Recife, na mesma turma de formandos de Cunha Lopes.
Atividades Profissionais.	Professor Livre Docente de Direito Constitucional da Faculdade de Recife; Deputado Estadual pela UDN; líder de sua bancada no quadriênio do governo de Barbosa Lima Sobrinho; ocupou,	Psiquiatra, antropólogo e folclorista especializado em superstições e religiosidade popular; professor da Faculdade de Ciências Médicas do Recife, da Faculdade de Direito do Recife	Foi professor de antropologia na mesma universidade que se formou. Foi etnógrafo e antropólogo.	Lecionou no Colégio Estadual do Sergipe e na Escola Normal Rui Barbosa, na Paraíba, como catedrático.	Foi jornalista e escritor. Trabalhou como residente no Hospital das Tamarineiras, sob a orientação de Ulysses Pernambucano.

	<p>as pastas do Governo e da Educação e Cultura no governo Etelvino Lins; como jornalista, dirigiu o <i>Jornal Pequeno</i>, colaborou no <i>Jornal do Commercio</i> e outros órgãos da Imprensa, entre as décadas de 1920 e 1940; historiador, geógrafo e escritor. Nos anos 1940, pertenceu a Academia Pernambucana de Letras e ao Conselho Estadual de Educação, do qual foi presidente. Pesquisador do Departamento de Ciências Geográficas da Fundação Joaquim Nabuco.</p>	<p>e da Universidade do Brasil; Diretor do Departamento de Psicologia Social do Instituto Joaquim Nabuco de Ciências Sociais (hoje Fundação Joaquim Nabuco), onde coordenou várias pesquisas.</p>			
<p>Outros Trabalhos.</p>	<p>Livro publicado: <i>Complexo Antropogeográfico (Lineamentos para uma geografia total da Amazônia)</i>, em 1940.</p>	<p><i>O folclore mágico do Nordeste</i>, 1938; <i>As religiões no Brasil</i>, 1939; <i>Seitas afro-brasileiras</i>, 1940; <i>O sincretismo religioso no Brasil</i>, 1941.</p>		<p>Livros publicados: <i>O ciclo do folclore do Bom Jesus Conselheiro</i>, 1950; <i>Cachaça moça branca</i>, 1951; <i>O folclore geo-político da Bahia e seu recôncavo</i>, 1970.</p>	

Escritores.	Jarbas Pernambucano de Mello. Nasceu no Recife, em Pernambuco, em 1917 e faleceu na mesma cidade, no dia 04 de julho de 1958.	Jacques Raymundo. Nasceu no dia 18 de agosto de 1900 na Paraíba e morreu no dia 15 de agosto de 1978, na cidade do Recife, em Pernambuco.	José Octavio de Freitas. Nasceu em Teresina, no Estado do Piauí, no dia 24 de fevereiro de 1871 e morreu no Recife no dia 26 de janeiro de 1949.	José Valadares. Nasceu na cidade do Crato, Ceará, no dia 11 de fevereiro de 1872 e faleceu no Recife em 1950.	Justino de Oliveira. Nome de batismo: Francisco Justino de Oliveira Cascudo.
Trabalhos apresentados ao Congresso do Recife.	<i>A maconha em Pernambuco.</i> Em parceria com seu pai Ulysses Pernambucano, Arnaldo di Lascio e Almir Guimarães, <i>Alguns dados anthropologicos da população de Recife.</i>	<i>Ohum êniadúdu.</i>	<i>Doenças trazidas pelos negros.</i>	<i>Organização dos Palmares.</i>	<i>O trabalhador negro em Pernambuco.</i>
Formação Acadêmica.	Filho de Albertina Carneiro Leão de Mello e Ulysses Pernambucano de Mello. Irmão mais velho de Jarbas Pernambucano. Seu avô materno era Virgínio Marques Carneiro Leão, professor e diretor da Faculdade de Direito do Recife; seu avô paterno, José Antonio Gonsalves de Mello, sócio do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano. Primo de João Cabral de Mello Neto e Gilberto		Seus pais eram José Manoel de Freitas, um desembargador que exercia o cargo de Presidente da Província do Maranhão, e Thereza Carolina da Silva. Oriundo de uma família numerosa, Octávio foi o oitavo filho de uma família de 11 filhos.		

	Freyre.				
Relações familiares e gestão do capital de relações sociais.	Formou-se em Medicina pela Faculdade de Recife, na década de 1930.	Formou-se em direito pela Faculdade do Recife, na década de 1930.	Iniciou seus estudos na faculdade de Medicina da Bahia, mas ao ser reprovado em física transferiu-se para a faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, formando-se no ano de 1893.	Formou-se em Direito, na Faculdade de Direito do Recife, na década de 1920.	Pai de Luís da Câmara Cascudo.
Atividades Profissionais.	Sucedeu o pai na cadeira de Clínica Neurológica, na Faculdade de Medicina do Recife; assume a direção do Hospital psiquiátrico da Tamarineira.	Jornalista, advogado, professor de história, etnólogo e antropólogo.	O Dr. Octávio de Freitas foi médico sanitarista, administrador de saúde pública, escritor, jornalista e pesquisador. Em 1886, tornou-se redator da Gazeta Acadêmica da Bahia. Neste mesmo período, ao voltar de férias para a capital pernambucana, fundou o periódico <i>Java</i> , dos estudantes da Faculdade de Direito do Recife. Em 1902, atuou como médico, quando a gripe espanhola atingiu o Recife, por via marítima. Ele conseguiu isolar o bacilo causador dessa epidemia. No início do século XX, quando uma	Advogado, cronista e biógrafo. Em 1890, foi para o Pará e tornou-se deputado estadual, cumpriu o mandato e em 1900, foi para o Ceará trabalhar em vários jornais daquele lugar.	Comerciante, vendia material de construção, conhecido na região em que morava. O seu estabelecimento aglutinava todo tipo de gente, desde os mais simples até a elite política e intelectual da época. Foi chefe da guarda no tempo do Império.

			<p>epidemia de peste bubônica assolou Recife, o combativo médico Octávio conseguiu, pela primeira vez, efetuar o diagnóstico daquela doença, obedecendo à técnica mais rigorosa que havia na época. Em 1920, é fundada a Faculdade de Medicina de Recife foi fundada. Na ocasião, o Dr. Octávio ministrou a aula inaugural para a 1ª. Turma do Curso Médico, analisando as responsabilidades e os deveres dos médicos perante a sociedade.</p>		
Outros Trabalhos.	-		<p>Publicou os seguintes livros: <i>Lições de microbiologia, 1902; Horas de trabalho, 1910; Meus doentes meus clientes, 1911.</i></p>	<p>Livros publicados: <i>Costumes do Ceará, 1897; Os jangadeiros cearenses, 1928; O matuto cearense e o caboclo do Pará, 1928; Etnografia indígena, 1932.</i></p>	

Escritores.	Jorge Amado. Nasceu em Itabuna, Bahia, no dia 10 de agosto de 1912 e faleceu no dia 06 de agosto de 2001.	José Antonio Gonsalves de Mello Neto. Nasceu em Recife, em 16 de dezembro de 1916; faleceu em Recife, em 07 de janeiro de 2002.	José Lins do Rego. Nasceu no Engenho Corredor, Pilar, Paraíba, em 3 de julho de 1901, faleceu no Rio de Janeiro, em 12 de setembro de 1957.	Jovelino M. de Camargo Jr. Nasceu no dia 15 de março de 1915 na cidade de Salvador, Bahia e morreu em 1966 no Rio de Janeiro.	Jovino da Raiz. Nasceu no dia 12 de maio de 1910, na cidade de Cachoeiras, Bahia e morreu no dia 12 de outubro de 1960, na cidade do Recife.
Trabalhos apresentados ao Congresso do Recife.	<i>Biblioteca do povo e coleção moderna.</i>	<i>A situação do negro sob o domínio Holandês.</i>	<i>Xangô em Alagoas.</i>	<i>A Inglaterra e o tráfico e Abolição e suas causas.</i>	<i>O trabalhador negro no tempo do bangüê comparado com o trabalhador negro no tempo das usinas de assucar.</i>
Formação Acadêmica.	Seu pai, João Amado de Faria, era um grande latifundiário plantador de cacau. Filho mais velho de uma família de 3 filhos,, seus irmãos eram Jofre Amado de Faria, nascido em 1915, Joelson Amado de Faria, nascido em 1920; e James Amado de Faria, nascido em 1922.	Filho de Albertina Carneiro Leão de Mello e Ulysses Pernambucano de Mello. Irmão mais velho de Jarbas Pernambucano. Seu avô materno era Virgínio Marques Carneiro Leão, professor e diretor da Faculdade de Direito do Recife. E herdou o nome do seu avô paterno, sócio do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano. Primo de João Cabral de Mello Neto e Gilberto Freyre.	Filho de João do Rego Cavalcanti e de Amélia Lins Cavalcanti. Casou-se em 1924 com d. Filomena (Naná) Masa Lins do Rego. Na década de 1930, ingressou no grupo de Graciliano Ramos, Rachel de Queiroz, Aurélio Buarque de Holanda, Jorge de Lima, Valdemar Cavalcanti, Aloísio Branco, Carlos Paurílio e outros.		
Relações familiares e gestão do capital de relações sociais.	Formou-se em Direito pela Universidade do Rio de Janeiro, em 1935.	Formou-se em Direito pela Faculdade de Recife, em 1937.	Formou-se em Direito pela Faculdade de Recife, em 1923.	Bacharelou-se em medicina pela Faculdade da Bahia no ano de 1933.	Formou-se em direito pela Faculdade da Bahia no ano de 1937.

<p>Atividades Profissionais.</p>	<p>No ano de 1927, emprega-se como repórter policial no <i>Diário da Bahia</i>, no mesmo ano atua no jornal <i>O Imparcial</i>. Em 1929, começou a trabalhar em “O Jornal”. Em 1933, torna-se redator-chefe da revista <i>Rio Magazine</i>. Em 1935, escrevia para o jornal <i>A Manhã</i>, jornal da Aliança Nacional Libertadora. Em 1937, atuou no filme “Itapuã” de Ruy Santos, no qual também colaborou com o argumento. Em 1939, tornou-se redator-chefe das revistas <i>Dom Casmurro</i> e <i>Diretrizes</i>. Colaborou com a revista <i>Vamos ler</i>; até 1941. Compôs, com Dorival Caymmi e Carlos Lacerda, a serenata “<i>Beijos pela noite</i>”. Participou, em janeiro de 1945, na condição de chefe da delegação baiana, do I Congresso de Escritores, em São Paulo. Foi deputado federal pelo PCB no ano de 1945. Em 1949, participou na Tchecoslováquia, de um congresso de escritores. Em</p>	<p>A partir de 1929, sofreu influência do seu primo e amigo, Gilberto de Mello Freyre, que o convidou para colaborar na elaboração da edição de <i>Casa-Grande & Senzala</i> (1933), reunindo anúncios e notícias compilados das coleções dos jornais <i>Diário de Pernambuco</i>, <i>A Província</i>, <i>Jornal do Recife</i> entre outros, conservadas na então Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco. A partir dos anos de 1930, escreveu para o jornal <i>A Província</i>. Em 1949, por indicação de Gilberto Freyre, então deputado constituinte por Pernambuco e autor do projeto de lei que criou o Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais (IJNPS), hoje Fundação Joaquim Nabuco, assumiu a direção da recém-criada instituição, tendo como missão a sua instalação e início do seu funcionamento. Ocupou a função de presidente do (IJNPS) até 1950, quando retornou</p>	<p>Foi jornalista, romancista, cronista, memorialista; ocupou a cadeira 25, na Academia Brasileira de Letras. Em 1917, passou a colaborar no <i>Jornal do Recife</i>; em 1922, fundou o semanário <i>Dom Casmurro</i>. Ingressou no Ministério Público como promotor em Manhuçu, MG, em 1925. Casado, transferiu-se, em 1926, para Maceió, onde exerceu as funções de fiscal de bancos, até 1930, e fiscal de consumo, de 1931 a 1935. Em 1932, tornou-se colaborador do <i>Jornal de Alagoas</i>. Foi secretário geral da Confederação Brasileira de Desportos de 1942 a 1954.</p>	<p>Na década de 1950, atuou como professor na Faculdade de Medicina da Bahia.</p>	<p>Foi poeta, folclorista, antropólogo.</p>
---	--	--	---	---	---

	<p>1953, após a morte de Graciliano Ramos, assumiu a presidência da Associação Brasileira de Escritores. Em 1956, assumiu no Rio a chefia de redação do quinzenário <i>Paratodos</i>, ao lado do irmão James, de Oscar Niemeyer e Moacir Werneck de Castro, dentre outros. Em 1959, fundou a Academia de Letras de Ilhéus. Na condição de vice-presidente da União Brasileira de Escritores, Jorge Amado promoveu, com o então presidente Peregrino Jr., o Festival do Escritor Brasileiro num shopping-center de Copacabana, em 1960. A data do evento, 25 de julho; acabaria sendo consagrada, por decreto governamental, como "Dia do Escritor". Foi eleito, no dia 6 de abril de 1961, para a cadeira 23 da Academia Brasileira de Letras, que pertencia a Otávio Mangabeira. Em 1962, criou a Proa Filmes, companhia de</p>	<p>ao Instituto de Previdência e Assistência dos Servidores do Estado – IPASE. Em 1951, a convite do Reitor da Universidade do Recife, Joaquim Amazonas, realizou pesquisas nos arquivos portugueses (Lisboa, Porto, Coimbra, Évora, Muge - Casa de Cadaval, e Funchal) com a finalidade de identificar e mandar microfilmar os documentos de interesse para a História de Pernambuco e do Nordeste do Brasil. No biênio 1957-1958, realizou missão idêntica nos Países Baixos (Haia, Amsterdam e Leiden), Espanha (Madri, Sevilha e Simancas), França (Paris) e Inglaterra (Londres). Em 1958, em Utrecht, como professor visitante, ofereceu disciplina sobre a presença holandesa no Brasil. Em 1953, ao transferir-se do IPASE para a Universidade do Recife assumiu a cadeira de História da</p>			
--	--	---	--	--	--

	<p>cinema cujo primeiro e único trabalho foi a adaptação de "<i>Seara vermelha</i>", com direção de Alberto D'Avesa e estrelada por Marilda Alves; o filme estrearia no ano seguinte. Em 1967, depôs para o arquivo do Museu da Imagem e do Som, no Rio de Janeiro, na presença de James Amado, do crítico Eduardo Portella e do romancista Antonio Olinto. Recebeu, no ano de 1970, em São Paulo, o Prêmio Juca Pato da União Brasileira de Escritores, como "Intelectual do Ano". Dividiu com Ferreira de Castro o Prêmio Gulbenkian de Ficção, entregue na Academia do Mundo Latino, em Paris. Neste mesmo ano, fez conferência no Instituto de Letras da Universidade da Pensilvânia. Em 1976, participou da Feira Internacional do Livro de Frankfurt, dedicada à literatura latino-americana. Em 1980, recebeu o título de Doutor <i>Honoris Causa</i> da</p>	<p>América na Faculdade de Filosofia. Posteriormente, ensinou também História do Nordeste, Paleografia, Métodos Históricos e Técnicas de Pesquisa. Em 1958, com a morte do irmão Jarbas Pernambucano, assumiu a direção do Hospital Psiquiátrico da Tamarineira ficando até 1975, quando entregou a direção ao filho de Jarbas, Ulysses Pernambucano de Mello. Na mesma Universidade, passou a exercer a função de Diretor do Instituto de Ciências do Homem, em 1964. Com a mudança de centro de formação de pesquisadores em curso de bacharelado e licenciatura e a transformação do Instituto em Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, continuou ministrando aulas no Curso de Mestrado de História até sua aposentadoria em 1977. Ainda, na década de 1960, tornou-se</p>			
--	---	---	--	--	--

	<p>Universidade Federal da Bahia e neste mesmo ano, condecorado como Grande Oficial da Ordem de Santiago da Espada pelo presidente português Ramalho Eanes. Em 1984, o presidente francês, François Mitterrand, outorgou-lhe a comenda da Legião da Honra. Em 1985, Tomou posse na Academia de Letras da Bahia (cadeira 21), recebeu o título de Grão-Mestre da Ordem do Rio Branco, no grau de Grande Oficial, oferecido pelo governo brasileiro e participa do Festival de Cinema de Cannes, foi homenageado pelo Centro Georges Pompidou, de Paris, onde se realizou um debate sobre sua obra. Em 1986, participou, como presidente do júri, do VIII Festival Internacional do Novo Cinema Latino-Americano, em Cuba. Em 1989, recebeu o Prêmio Pablo Neruda, da Associação dos Escritores</p>	<p>presidente do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano. Em 1971, assumiu a cadeira número XXXVII na Academia Pernambucana de Letras.</p>			
--	---	--	--	--	--

	<p>Soviéticos. Em 1990, participou, como representante do Brasil, da comissão internacional que deu assessoria ao projeto de reconstrução da antiga biblioteca de Alexandria, no Egito, neste mesmo ano recebeu o título de Doutor <i>Honoris Causa</i> da Universidade de Israel e da Universidade Dagli Studi de Bari, Itália. Em 1995, recebeu dos governos brasileiro e português, o Prêmio Camões. Em 1998, foi uma das principais atrações e recebeu o título de Doutor <i>Honoris Causa</i> na Sorbonne.</p>				
<p>Outros Trabalhos</p>	<p>Dentre sua vasta obra escreveu vários livros, País do Carnaval de 1931, Cacau de 1933, Suor de 1934, Jubiabá de 1935, Mar Morto de 1936, Capitães da Areia de 1936 Terras do Sem Fim de 1943, São Jorge dos Ilhéus,, de 1944 Seara Vermelha, de 1946, Os Subterrâneos da Liberdade (3v), 1954 (v. 1:Os Ásperos Tempos;</p>	<p>Livros publicados: <i>Estudos Pernambucanos</i>, na década de 1960, primeira versão integral dos <i>Diálogos das Grandezas do Brasil e Ingleses em Pernambuco</i>; em 1975, em comemoração aos 150 anos do Diário de Pernambuco, <i>O Diário de Pernambuco e a história social do Nordeste (1840-1889)</i>. Em 1989,</p>	<p>Livros publicados: <i>Menino de engenho</i> (1932); <i>Doidinho</i> (1933); <i>Bangüê</i> (1934); <i>O moleque Ricardo</i> (1935); <i>Usina</i> (1936); <i>Histórias da velha Totônia</i> (1936); <i>Pureza</i> (1937); <i>Pedra Bonita</i> (1938); <i>Riacho Doce</i> (1939); <i>Água-mãe</i> (1941); <i>Fogo morto</i> (1943); <i>Eurídice</i> (1947); <i>Cangaceiros</i> (1953); <i>Meus verdes anos</i> (1956); <i>Romances reunidos e</i></p>		

	<p>v. 2: Agonia da Noite; v. 3: A Luz no Túnel), Gabriela, Cravo e Canela: crônica de uma cidade do interior de 1958, Os Pastores da Noite de 1964, Dona Flor e Seus Dois Maridos: esotérica e comovente história vivida por Dona Flor, emérita professora de Arte Culinária, e seus dois maridos — o primeiro, Vadinho de apelido; de nome Teodoro Madureira e farmacêutico o segundo ou A espantosa batalha entre o espírito e a matéria de 1966, Tenda dos Milagres de 1969, Teresa Batista Cansada da Guerra de 1972, Tieta do Agreste: pastora de cabras ou A volta da filha pródiga, melodramático folhetim em cinco sensacionais episódios e comovente epílogo: emoção e suspense de, 1977, Farda Fardão Camisola de Dormir:fábula para acender uma esperança de 1979, Tocaia Grande: a face obscura de 1984, O Sumiço</p>	<p><i>Gente da Nação.</i></p>	<p><i>ilustrados</i>, 5 vols. (1980). Publicou também as seguintes crônicas: “Gordos e magros” (1942); “Poesia e vida” (1945); “Homens, seres e coisas” (1952); “A casa e o homem” (1954); “Presença do Nordeste na literatura brasileira” (1957); “O vulcão e a fonte” (1958).</p>		
--	---	-------------------------------	---	--	--

	<p>da Santa: uma história de feitiçaria de 1988, Descoberta da América pelos Turcos ou De como o árabe Jamil Bichara, desbravador de florestas, de visita à cidade de Itabuna, para dar abasto ao corpo, ali lhe ofereceram fortuna e casamento ou ainda Os esponsais de Adma de 1994, O Compadre de Ogum de 1995. Escreveu também várias novelas dentre as quais destacamos: A Morte e a Morte de Quincas Berro Dágua de 1959A Morte e a Morte de Quincas Berro Dágua (publicada juntamente com Os Velhos Marinheiros ou A completa verdade sobre as discutidas aventuras do Comandante Vasco Moscoso de Aragão, capitão de longo curso, in Os velhos marinheiros, 1961, Os Velhos Marinheiros ou A completa verdade sobre as discutidas aventuras do comandante Vasco Moscoso de Aragão, capitão de longo curso, 1976. Na literatura</p>				
--	--	--	--	--	--

	<p>infanto –juvenil escreveu O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá: uma história de amor, 1976, A Bola e o Goleiro de 1984, O Capeta Carybé de 1986. Na poesia publicou: A Estrada do Mar de 1938. No teatro publicou: O Amor do Soldado, 1947 (ainda com o título O Amor de Castro Alves) de 1958. Publicou os seguintes contos: Sentimentalismo, de 1931, O homem da mulher e a mulher do homem de 1931, História do carnaval de 1945, As mortes e o triunfo de Rosalinda de 1965, Do recente milagre dos pássaros acontecido em terras de Alagoas, nas ribanceiras do rio São Francisco, de 1979. O episódio de Siroca de 1982. De como o mulato Porciúnculo descarregou o seu defunto de 1989. Escreveu relatos biográficos, como: O menino grapiúna de 1981, Navegação de cabotagem: apontamentos para um livro de</p>				
--	--	--	--	--	--

	<p>memórias que jamais escrevera de 1992, ABC de Castro Alves de 1941, O cavaleiro da esperança de 1945. Publicou guias de viagens: Bahia de Todos os Santos: guia de ruas e de mistério de 1945, O mundo da paz (viagens), de 1951, Bahia Boa Terra Bahia de 1967 Bahia de 1970, Terra Mágica da Bahia de 1984. Produziu textos políticos: Homens e coisas do Partido Comunista, 1946 e Discursos de 1993. Traduziu o seguinte livro: Dona Bárbara (Doña Barbara), romance do venezuelano Rómulo Gallegos de 1934. Produziu em parceria os seguintes livros: Lenita (novela), com Edison Carneiro e Dias da Costa de 1929, Descoberta do mundo (literatura infantil), com Matilde Garcia Rosa de 1933, Brandão entre o mar e o amor, com José Lins do Rego, Graciliano Ramos, Aníbal Machado e Rachel de Queiroz de 1942, O mistério de MMM, com Viriato Corrêa,</p>				
--	---	--	--	--	--

	Dinah Silveira de Queiroz, Lúcio Cardoso, Herberto Sales, Rachel de Queiroz, José Condé, Guimarães Rosa, Antônio Callado e Orígenes Lessa de 1962.				
--	--	--	--	--	--

Escritores.	Luiz Robalinho Cavalcanti. Nasceu na cidade de Salvador, Bahia, no dia 25 de novembro de 1916 e faleceu na cidade de Salvador, no dia 04 de maio de 1980.	Mário Marroquino. Nasceu em Alagoas em 1910 e morreu em 1985 em Alagoas.	Mário Carneiro do Rego Melo. Nasceu no dia 05 de fevereiro de 1884, em Alagoas, e faleceu no dia 24 de maio de 1959, em Alagoas.	Melville Jean Herskovit. Nasceu na cidade de Bellefontaine, Ohio, no dia 10 de setembro de 1895 e faleceu na cidade de Evanston, Estados Unidos, no dia 25 de fevereiro de 1963.	Miguel Barros. Nasceu no Rio Grande do Sul, no dia 12 de agosto de 1902 e faleceu no dia 30 de outubro de 1977, no Rio de Janeiro.
Trabalhos apresentados ao Congresso do Recife.	<i>Longevidade.</i>	<i>A mestiçagem no Brasil como fato eugênico.</i>	<i>A República do Palmares.</i>	<i>Procedência dos negros no novo mundo e A arte do bronze e do pano em Daomé.</i>	<i>Discurso do representante da Frente Negra Pelotense.</i>
Relações familiares e gestão do capital de relações	Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de direito da Bahia, década de 1930.	Formou-se em medicina pela faculdade de Pernambuco.	Formou-se em Direito pela Faculdade do Recife, em 1907.	Formou-se em História pela Universidade de Chicago em 1920. No mesmo ano iniciou curso de aperfeiçoamento em	

sociais.				Antropologia, trabalhando como graduado na universidade de Colômbia, com Franz Boas. Em 1921, recebeu o título de mestre. Recebeu o título de Ph.D em 1923, com a dissertação <i>O gado complexo em África Oriental</i> .	
Formação Acadêmica.	Irmão mais novo de J. Robalinho Cavalcanti.	-	Filho único; pai era Juiz federal. Formou-se na turma de Augusto dos Anjos.	-	Formado em direito pela Faculdade do Distrito Federal , em 1934.
Atividades Profissionais.	Promotor de Justiça nas diversas comarcas do sertão nordestino - Bahia, Pernambuco, Ceará e Paraíba. Sua experiência pelo interior do nordeste facilitou suas pesquisas.	Médico psiquiatra.	Ingressou como telegrafista no Departamento de Correios de Pernambuco, sendo transferido sucessivamente para o Ceará, Pará e Rio de Janeiro, onde se tornou o secretário particular de José Mariano. Ainda moço começou o seu trabalho na imprensa no jornal <i>O Álbum</i> , do qual era proprietário, tornando-se depois um dos mais atuantes jornalistas brasileiros. Colaborou nos jornais <i>Folha do Povo</i> , <i>O País</i> , <i>Gazeta da Tarde</i> (Rio de Janeiro), <i>Estado de S. Paulo</i> , <i>Correio do Recife</i> , <i>Jornal Pequeno</i> , <i>Pernambuco</i> , <i>Diário de Pernambuco e Jornal do Commercio</i> (Recife). Foi	Atuou na França, no corpo médico do exército de Estados Unidos, durante a Primeira Guerra Mundial. Iniciou sua carreira ensinando História e Antropologia na Universidade de Columbia, na década de 1920. Trabalhou com Franz Boas e, em 1925, foi nomeado professor assistente de Antropologia da Universidade de Howard.	Foi balconista de um armazém no Rio Grande do Sul, até ir para a capital, que na época era no Rio de Janeiro. Após a formatura em 1935, voltou para sua terra natal e engajou-se nos movimentos políticos para inserir o negro na sociedade, ajudando a fundar a Frente Negra Pelotense.

			<p>também historiador, geógrafo, filatelista, numismata e músico. Foi um exímio violonista e grande pianista. Foi secretário perpétuo do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano, da Sociedade de Geografia de Washington nos Estados Unidos, da Sociedade de Geografia de Lisboa em Portugal, do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e da Comissão Nacional de Folclore. Fundou a Associação de Imprensa de Pernambuco em 1931. Em 1938, foi nomeado membro do Conselho Administrativo pelo interventor Agamenon Magalhães, permanecendo no cargo até 1945. Foi eleito deputado estadual por Pernambuco, pelo Partido Social Democrático (1948-1950).</p>		
<p>Outros Trabalhos.</p>	<p>Livros publicados: <i>Hino ao sertão</i>, 1937; <i>Adolescência</i>, 1938; <i>Bilhetes do sertão</i>, 1950 e <i>Padre Cottari – um vigário do pajeú</i>, 1953.</p>	<p>Publicou vários trabalhos, em revista médicas, sobre psiquiatria e miscigenação.</p>	<p>Publicou inúmeros livros dentre os quais destacamos: <i>A Maçonaria no Brasil</i> (1909); <i>A Maçonaria e a Revolução de 1817</i> (1912); <i>Arquipélago de Fernando de Noronha</i> (1916); <i>Pau d'Alho:</i></p>	<p>Publicou vários livros, dentre os quais destacam-se <i>Destino rebelde</i> (1934), <i>O mito do negro</i> (1941), <i>Transição econômica na África</i> (1964).</p>	

			<p><i>monografia histórico-geográfica</i> (1918); <i>A imprensa pernambucana em 1918</i> (1918); <i>Rios de Pernambuco</i> (1919); <i>Ruas do Recife</i> (1920); <i>Oliveira Lima íntimo</i> (1920); <i>História da Loja Maçônica Seis de Março de 1817</i> (1921); <i>Coreografia de Pernambuco</i> (1921); <i>Esboço da literatura pernambucana</i> (1922); <i>Os Carnijós das Águas-Belas</i> (1929); <i>Toponímia pernambucana</i> (1931); <i>Dentro da história</i> (1931); <i>Frei Caneca</i> (1933); <i>Aspectos da história</i> (1935); <i>Elementos da história do Brasil</i> (1936); <i>Aspectos de etnografia brasílica</i> (1938); <i>Como vi Portugal</i> (1938); <i>A Guerra dos Mascates</i> (1941); <i>Síntese cronológica de Pernambuco</i> (1943); <i>Onomástica pernambucana</i> (1944); <i>Relances da história</i> (1956).</p>	
--	--	--	---	--

Escritores.	Leonidio Ribeiro. Nasceu no dia 05 de julho de 1910 no Recife e morreu no Rio de Janeiro, em 1955.	Mário Marroquino. Nasceu em Alagoas em 1910 e morreu em 1985 em Alagoas.	Mário Carneiro do Rego Melo. Nasceu no dia 05 de fevereiro de 1884, em Alagoas, e faleceu no dia 24 de maio de 1959, em Alagoas.	Nair de Andrade. Nasceu no dia 25 de novembro de 1910 na cidade do Recife em Pernambuco, e morreu no ano de 1980 na mesma cidade.
Trabalhos apresentados ao Congresso do Recife.	Em conjunto com W. Berardinelli e Isaac Brawn, apresentou o seguinte trabalho: <i>Estudo biotipológico de negros e mulatos brasileiros normaes e deliquentes.</i>	<i>A mestiçagem no Brasil como fato eugênico.</i>	<i>A Republica do Palmares.</i>	<i>Musicalidade do escravo negro no Brasil.</i>
Relações familiares e gestão do capital de relações sociais.		Formou-se em medicina pela faculdade de Pernambuco.	Formou-se em Direito pela Faculdade do Recife, em 1907.	
Formação Acadêmica.	Formou-se em 1939 em direito na Faculdade de Direito do Recife.	-	Filho único; pai era Juiz federal. Formou-se na turma de Augusto dos Anjos.	Não estudou em nenhuma instituição acadêmica, mas por freqüentar os ciclos letrados e intelectuais pernambucanos de

				sua época, adquiriu uma cultura letrada e política . Questionou a necessidade do voto feminino.
Atividades Profissionais.	Jornalista, romancista, cronista.	Médico psiquiatra.	Ingressou como telegrafista no Departamento de Correios de Pernambuco, sendo transferido sucessivamente para o Ceará, Pará e Rio de Janeiro, onde se tornou o secretário particular de José Mariano. Ainda moço começou o seu trabalho na imprensa no jornal <i>O Álbum</i> , do qual era proprietário, tornando-se depois um dos mais atuantes jornalistas brasileiros. Colaborou nos jornais <i>Folha do Povo</i> , <i>O País</i> , <i>Gazeta da Tarde</i> (Rio de Janeiro), <i>Estado de S. Paulo</i> , <i>Correio do Recife</i> , <i>Jornal Pequeno</i> , <i>Pernambuco</i> , <i>Diário de Pernambuco</i> e <i>Jornal do Commercio</i> (Recife). Foi também historiador, geógrafo, filatelista, numismata e músico. Foi um exímio violonista e grande pianista.	Fez parte da Federação Pernambucana para o Progresso Feminino na década de 1930.

			<p>Foi secretário perpétuo do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano, da Sociedade de Geografia de Washington nos Estados Unidos, da Sociedade de Geografia de Lisboa em Portugal, do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e da Comissão Nacional de Folclore. Fundou a Associação de Imprensa de Pernambuco em 1931. Em 1938, foi nomeado membro do Conselho Administrativo pelo interventor Agamenon Magalhães, permanecendo no cargo até 1945. Foi eleito deputado estadual por Pernambuco, pelo Partido Social Democrático (1948-1950).</p>	
Outros Trabalhos.		<p>Publicou vários trabalhos, em revista médicas, sobre psiquiatria e miscigenação.</p>	<p>Publicou inúmeros livros dentre os quais destacamos: <i>A Maçonaria no Brasil</i> (1909); <i>A Maçonaria e a Revolução de 1817</i> (1912); <i>Arquipélago de Fernando de Noronha</i> (1916);</p>	

			<p><i>Pau d'Alho: monografia histórico-geográfica</i> (1918); <i>A imprensa pernambucana em 1918</i> (1918); <i>Rios de Pernambuco</i> (1919); <i>Ruas do Recife</i> (1920); <i>Oliveira Lima íntimo</i> (1920); <i>História da Loja Maçônica Seis de Março de 1817</i> (1921); <i>Coreografia de Pernambuco</i> (1921); <i>Esboço da literatura pernambucana</i> (1922); <i>Os Carnijós das Águas-Belas</i> (1929); <i>Toponímia pernambucana</i> (1931); <i>Dentro da história</i> (1931); <i>Frei Caneca</i> (1933); <i>Aspectos da história</i> (1935); <i>Elementos da história do Brasil</i> (1936); <i>Aspectos de etnografia brasílica</i> (1938); <i>Como vi Portugal</i> (1938); <i>A Guerra dos Mascates</i> (1941); <i>Síntese cronológica de Pernambuco</i> (1943); <i>Onomástica pernambucana</i> (1944); <i>Relances da história</i> (1956).</p>	
--	--	--	---	--

Escritores.	Nóbrega da Cunha. Nasceu em 1889, na cidade de Bonito, Pernambuco e faleceu em 1966 no Recife.	Odorico Tavares. Nasceu no Recife, em 1912 e faleceu no Recife, em 1988.	Olívio Montenegro. Nasceu em Alagoinha, Pernambuco, em 1901 e morreu em 1962.	Oscar Almeida (babalorixá). Nasceu no dia 15 de Junho de 1911 em Pernambuco e faleceu no mesmo estado no dia 22 de outubro de 1980.	Paulo Barros. Nasceu no dia 13 de março de 1888, em Maceió, Alagoas e morreu no dia 24 de abril de 1945 no Recife, Pernambuco.
Trabalhos apresentados ao Congresso do Recife	<i>A macumba no Rio de Janeiro.</i>	<i>O negro e a poesia brasileira.</i>	<i>O negro e a sua situação atual no Brasil.</i>	Junto com o babalorixá Apolinário Gomes e a iyalorixá Santa, <i>Receitas de quitutes afro-brasileiros.</i>	<i>O negro na obra de Silvio Romero.</i>
Relações familiares e gestão do capital de relações sociais.				Tornou-se amigo do professor Ulysses Pernambucano pelo seu esforço e trabalho em proteger e manter os cultos afro-brasileiros, ora perseguidos pela polícia, da cidade do Recife.	
Formação Acadêmica.	Conclui o curso de bacharel em direito em 1917, na faculdade de direito do Recife.	Formou-se em direito na Faculdade do Recife.	Formou-se em direito pela Faculdade do Recife.		Formou-se em medicina pela faculdade da Bahia.
Atividades	Jornalista, colaborou no	Trabalhou no "Diário	Jornalista, escritor,		Foi folclorista, filósofo,

Profissionais.	Diário de Pernambuco.	de Pernambuco", na década de 1930. Na capital baiana, no ano de 1940, dirigiu "O Estado da Baía".	folclorista e antropólogo.		poeta. Na década de 1920, ajudou a fundar a Academia Alagoana de Letras.
Outros Trabalhos.	Escreveu o seguinte livro <i>Brasil viagens</i> , 1933.	Publicou os livros <i>26 poemas</i> , 1936, em parceria com Aderbal Jurema; <i>A Sombra do mundo</i> , 1939.	Autor de vários livros, entre os quais <i>Os Irmãos Marçal</i> (romance, 1922) e <i>O Romance Brasileiro: Suas Origens e Tendências</i> (1938).		Publicou o livro <i>Temas e processos cançãoeiros de alagoas</i> , 1910.

Escritores.	Pedro Cavalcanti. Nasceu na cidade de Olinda, em Pernambuco, no dia 25 de maio de 1915 e faleceu no Recife, no dia 31 de maio de 1995.	Renato Mendonça. Nasceu no município de Pilar, Alagoas no dia 23 de dezembro de 1912 e faleceu no dia 30 de novembro de 1991, em Alagoas.	Rodrigues de Carvalho. Nasceu na cidade de Maceió na Paraíba no dia 18 de dezembro de 1867 e faleceu na mesma cidade no dia 20 de Junho de 1944.	Rubens Saldanha. Nasceu na cidade do Recife, Pernambuco no dia 05 de junho de 1905 e faleceu no dia 04 de julho de 1986, na cidade do Recife, Pernambuco.	Ruy Coutinho. Nasceu no dia 05 de julho de 1904 e faleceu no dia 20 de abril de 1970, na cidade onde nasceu, em Barreiro, Pernambuco.	Samuel Campello. Nasceu na cidade de Escada, Pernambuco, no dia 25 de julho de 1890 e faleceu no Rio de Janeiro no dia 30 de agosto de 1960.
Trabalhos apresentados ao Congresso do Recife.	<i>As Seitas africanas do Recife.</i>	<i>O negro no folclore e na literatura do Brasil.</i>	<i>Influência etnológica do negro no Brasil e Aspectos da influencia africana na formação social do Brasil.</i>	<i>Influência indiana do negro no espírito do direito nacional.</i>	<i>Alimentação e estado nutricional do escravo no Brasil.</i>	<i>Fizeram os negros teatro no Brasil?</i>
Relações familiares e gestão do capital de relações sociais.					O pai era comerciante, mas não há registro do nome dele e nem o da mãe. Filho único.	-
Formação Acadêmica.	A duras penas, em 1937, conseguiu refazer o curso médio em dois períodos letivos, sob o regime do Art. 100, e ingressou na Faculdade de Direito do Recife.	Formou-se em direito pela faculdade do Recife em 1938.	Formou-se em direito pela faculdade do Recife em 1922.	Formou-se em direito pela faculdade do Recife em 1928.	Formou-se em direito pela faculdade do Recife em 1938.	Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito do Recife.
Atividades Profissionais.	Em 1928, conseguiu o primeiro emprego: foi ser conferente	Diplomata, escritor, antropólogo, ensaísta e jornalista.	Advogado, professor e jurista.	Na década de 1930, atuou como professor na Universidade do Recife.	Na década de 1930, atuou como professor na Universidade do Recife e	Foi advogado, promotor público, jornalista, teatrólogo,

	<p>de carga e descarga no Porto do Recife. trabalhou na Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas, no município de Salgueiro. Ingressou, em 1933, na Ação Integralista Brasileira (AIB), mas, logo entrou em conflito com a teoria e a prática dessa instituição, e solicitou o seu desligamento da mesma. Terminou sendo expulso de lá, acusado de ser um espião do Partido Comunista Brasileiro (PCB). Em 1937, atuou no Diretório Estudantil, passou a apoiar os estudantes de esquerda, e engajou-se na política contra o Estado Novo e o Governo de Agamenon Magalhães. Em 1941, assume secretário no Hospital Português. Em 1943,</p>				<p>catedrático em educação na Universidade Federal de Pernambuco. Em 1940, foi eleito deputado estadual por Pernambuco.</p>	<p>diretor do teatro Santa Isabel na década de 1930. Neste mesmo período fundou o grupo Gente Nossa de teatro em Pernambuco. Foi membro da Academia Pernambucana de Letras.</p>
--	---	--	--	--	---	---

	<p>assume o cargo de promotor interino no município de Alagoa de Baixo (hoje, chamado de Sertânia), situado no sertão pernambucano . Em 1946, é nomeado para assumir o cargo de promotor público, no município de Goiana. Tempos depois, junto com mais dois colegas, fundaria a Associação do Ministério Público de Pernambuco.</p>					
Outros Trabalhos.	<p>Publicou os livros <i>Eça de Queiroz: agitador no Brasil</i>, em 1959, que ganhou notoriedade nacional ao ser premiado pela Academia Pernambucana de Letras e pela Câmara Brasileira do Livro; <i>O caso eu conto como o caso foi – memórias políticas</i>, 1o. volume de memórias 1978; <i>O caso</i></p>	<p>Publicou o livro <i>Saudades da Paraíba</i>, 1940.</p>	<p>Publicou o livro <i>Cancioneiro do norte</i>, 1928.</p>	<p>Publicou o livro <i>Enigmas populares</i>, 1950.</p>	<p>Publicou os livros: <i>Introdução à pedagogia</i>, 1941; <i>Pequena história da educação</i>, 1970; <i>Filosofia da educação</i>, 1972; <i>Estácio Coimbra senhor de engenho, o político e o homem</i>, 1973, <i>Maria Rita</i>, 1976.</p>	<p>Publicou os livros <i>Danças populares</i>, 1928; <i>Quem foi que inventou o frevo?</i>, 1938.</p>

	<p><i>eu conto como o caso foi</i>, 2o. volume de memórias 1980; <i>Nos tempos de Prestes</i>, 1981/1982; <i>A luta clandestina</i>, 3o. volume de memórias 1984/1985; <i>Homens e idéias do meu tempo</i> 1993; <i>Vale a pena (ainda) ser comunista</i>, 1994.</p>					
--	--	--	--	--	--	--

Escritores.	<p>Santa (iyalorixá). Nasceu em Maceió, Alagoas, no dia 30 de dezembro de</p>	<p>Sylvio Rabello. Nasceu no dia 29 de novembro de 1900, na cidade de Aliança, PE e faleceu no Recife em 1972.</p>	<p>Rodolpho Garcia. Nasceu na cidade de Salvador, Bahia, no ano de 1900 e faleceu no Recife,</p>	<p>Vicente Fittipaldi. Nasceu no Recife em 1903 e morreu na mesma cidade em</p>	<p>W. Berardinelli. Nasceu em São Paulo no dia 30 de novembro de 1900 e morreu na mesma cidade no dia 15 de agosto</p>	<p>Waldir Cavalcanti. Nasceu em Pernambuco em 1900 e faleceu em 1970, no Rio de Janeiro.</p>
--------------------	--	---	---	--	---	---

	1910 e faleceu no ano de 1970.		Pernambuco no dia 18 de julho de 1989.	1978.	de 1970.	
Trabalhos apresentados ao Congresso do Recife.	Junto com os babalorixás Oscar Almeida e Apolinário Gomes, <i>Receitas de quitutes afro-brasileiros.</i>	Apresentou uma reunião na seção de psicologia social sobre o tamanho do crânio do indivíduo, no Gabinete de Antropometria da Brigada Militar.	<i>Vocabulário nagô.</i>	Junto com Ernani Braga apresentou os seguintes trabalhos sobre a musicalidade afro-brasileira <i>Bamilê Odé, Xuxuaglô, Ogundê-narêrê, Oguntóberinan, Ogunde-Xangôdê, Ogun-Kaloxó e ô Kinimba, Kinimba (toadas de Xangô do Recife).</i>	Em conjunto com Leonidio Ribeiro e Isaac Brawn, <i>Estudo biotipológico de negros e mulatos brasileiros normaes e deliquentes.</i>	<i>Ensaio etnopsiquiátrico sobre negros e mestiços.</i>
Relações familiares e gestão do capital de relações sociais.	Tornou-se amiga do professor Ulysses Pernambucano pelo seu esforço e trabalho em proteger e manter os cultos afro-brasileiros, ora perseguidos pela polícia, da cidade do Recife.	Sua mãe era professora estadual e trabalhou no colégio onde Sylvio fez o curso primário. Filho único.				
Formação Acadêmica.		Bacharelou-se em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito do Recife, em 1922.	Formou-se em ciências sociais pela faculdade da Bahia no ano de 1930.	Estudou música no Conservatório de Pernambuco.	Formou-se em ciências sociais pela Faculdade do Distrito Federal, no Rio de Janeiro, no ano de 1940.	Formou-se em Direito pela Faculdade do Recife em 1933.
Atividades Profissionais.		Foi professor de Psicologia da Escola Normal (1926-1969), diretor da mesma Escola Normal	Foi antropólogo, etnólogo, jornalista e escritor. Trabalhou com Arthur Ramos na	Primeiro maestro da Orquestra Sinfônica do Recife.	Participou ativamente da Semana de Arte Moderna de 1922, ao lado de Oswald de	Folclorista, jornalista, cronista e advogado.

		(1934-1935), diretor do Departamento de Educação (1948), Secretário de Educação e Cultura (1949-1950), diretor do Departamento de Psicologia Social do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, hoje Fundação Joaquim Nabuco.	década de 1930, quando o mesmo começou a desenvolver seus estudos antropológicos sobre o negro.		Andrade e Mário de Andrade. Foi jornalista, antropólogo e musicista.	
Outros Trabalhos.		Publicou vários livros, dentre os quais <i>Psicologia do Desenho Infantil</i> (1935), <i>Representação do tempo na criança</i> (1938), <i>Psicologia da infância</i> (1937-1940), <i>Farias Brito – uma aventura do espírito</i> (1940), <i>Itinerário de Sílvio Romero</i> (1944), <i>Euclides da Cunha</i> (1948), <i>Pedro Malasarte</i> (1961), <i>Cabeleira, aí vem</i> (1965), <i>Caminhos da província</i> (1965), <i>Os artesãos do Padre Cícero</i> (1967), <i>Cana-de-Açúcar e Região</i> (1969), <i>Tempo ao tempo e Povoado</i> (póstumos).		Fundada em 1930, a Orquestra Sinfônica do Recife.		Publicou o livro <i>Veredas na janela</i> , em 1945.

Capítulo 3.

Do cientificismo à inserção do negro: os trabalhos apresentados.

Os trabalhos de psiquiatria e biologia.

Um outro aspecto que caracterizou os trabalhos apresentados no I Congresso foi os que tinham nos estudos médicos e psiquiátricos a sua linha mestra. Muitos destes trabalhos, à época do Congresso, encontravam-se em andamento. São exemplos desse enfoque: *As Doenças mentais entre os negros de Pernambuco e alguns dados anthropologicos da população de Recife* de Ulysses Pernambucano; *Juliano Moreira e o problema do negro e do mestiço no Brasil* de Augusta Malta; *O recém nascido branco, negro e mulato* de J. Robalinho Cavalcanti; *A maconha em Pernambuco* de Jarbas Pernambucano; *Doenças trazidas pelos negros* de Octávio de Freitas; *Longevidade* de Luiz Robalinho Cavalcanti; *A mestiçagem no Brasil como fato eugênico* de Mário Marroquino; *Alimentação e estado nutricional do escravo no Brasil* de Ruy Coutinho; *Ensaio etno-psiquiátrico sobre negros e mestiços* de Waldir Cavalcanti; *Estudo biotipologico de negros e mulatos brasileiros normaes e delinquentes* de Leonidio Ribeiro; *A mestiçagem no Brasil como factor eugênico* de Rodrigues Lima; *O negro em nosso meio escolar* de Bastos de Ávila; *Ensaio ethno-psiquiatrico sobre negros e mestiços* de Cunha Lopes e J. Cândido de Assis; *Grupos sanguineos da raça negra* de Abelardo Duarte; *O problema da tuberculose no preto e no branco e relações de resistência racial* de Álvaro de Faria.

Dentre estas obras destaco, inicialmente, a de Ruy Coutinho²²⁵ por ter analisado o tipo de alimentação pertinente ao escravo e quais as doenças que mais lhe acometia. Logo de início, analisou que a alimentação do negro africano escravizado se conservou em solo brasileiro, em alguns aspectos, idêntica à africana, contendo em sua maioria vegetais, concluindo o autor ser este possuidor de uma alimentação, para as suas condições de escravo, bastante razoável. Porém, não deixou de observar os defeitos da alimentação dos escravos, às vezes, bem acentuados, revelando a existência de doenças que tinham a sua

²²⁵ COUTINHO, Ruy. Alimentação e estado nutricional do escravo no Brasil. In: Congresso afro-brasileiro. (2:1936: Recife). Estudos afro-brasileiros. Apresentação: José Gonçalves de Mello. Recife: FUNDAJ/Massangana, 1988. Volume: 7.

origem por causa de uma carência alimentar. Assim, o “negro deve ter sofrido bastante os efeitos de uma dieta inadequada, apesar do interesse do senhor em bem alimentá-lo, desde que era sua propriedade”.²²⁶

Algumas doenças se apresentaram mais acentuadamente no negro escravizado pela carência de alimentação, como a “xerophthalmia” e a “hemeralopia”, muito conhecida como “cegueira noturna”. Este tipo de doença aparecia em indivíduos entre os sete primeiros anos de vida e tinha como causa má nutrição. Um outro tipo de doença que era comum aos negros era o “escorbuto”, muito numeroso entre os negros jovens. Diz o autor: “O escorbuto estragava carregamentos inteiros de escravos, quase sempre jovens, ao lado da disenteria”.²²⁷ O “raquitismo” era outra moléstia que sempre atacava o negro devido a sua “precária” alimentação. Impedia o seu desenvolvimento e o seu crescimento deixando-o sempre magro e raquítico. Estas doenças, durante muito tempo, serviram como fatores para defender a tese de que o sangue negro maculava a sociedade e a impedia de desenvolver-se de forma positiva.

José Octávio de Freitas²²⁸ foi um outro intelectual que participou do evento do Recife, apresentando o trabalho *Doenças trazidas pelos negros*. Neste trabalho, Octávio de Freitas procurou analisar que tipos de doenças eram mais comuns entre os negros em virtude de sua má alimentação, como “xerophthalmia”, “hemeralopia”; assim como o escorbuto e o raquitismo, causado principalmente pela carência de uma alimentação rica em vitaminas.

O médico Álvaro de Faria²²⁹ participou do I Congresso com trabalho *O problema da tuberculose no preto e no branco e relações de resistência racial*. Nesse artigo, o autor analisou a questão do mestiço e do negro serem considerados fracos em face de doenças infecciosas, em especial ao bacilo da tuberculose, um mal que assolava a sociedade no início do século XX, em relação aos indivíduos de origem branca.

²²⁶ *ibidem*, p. 200.

²²⁷ *ibidem*, p. 209.

²²⁸ FREITAS, José Octávio de. *Doenças trazidas pelos negros*. In: *Jornal Pequeno*. 1.o Congresso Afro-Brasileiro: a audição de ontem no Santa Isabel. 17/11/1934.

²²⁹ FARIA, Álvaro de. *O problema da tuberculose no preto e no branco e relações de resistência racial*. In: Congresso afro-brasileiro. (2:1936: Recife). Estudos afro-brasileiros. Apresentação: José Gonçalves de Mello. Recife: FUNDAJ/Massangana, 1988. Volume: 7.

Rubens Saldanha²³⁰, outro intelectual a participar do evento do Recife, apresentou o trabalho *Influência indiana do negro no espírito do direito nacional*. Neste trabalho, o autor procurou analisar qual a influência que o negro ofereceu à reformulação de um direito nacional. Observou o autor que, desde os estudos de Nina Rodrigues²³¹, havia a necessidade de uma legislação específica para os negros pelo simples fato destes indivíduos serem considerados pelo médico maranhense e por outros intelectuais, como Euclides da Cunha e Silvio Romero, degenerados e necessitados de uma maior assistência psicológica. O autor analisou que desde o início da República o negro ficou desassistido de toda forma de cidadania que o novo regime pretendia oferecer à sua população.

Um dos intelectuais que, no final do século XIX, utilizou-se desta interpretação foi o médico Raymundo Nina Rodrigues²³². Para ele, os africanos existentes aqui e seus

²³⁰ SALDANHA, Rubens. *Influência indiana do negro no espírito do direito nacional*. In: *Jornal Pequeno*. 1.º Congresso Afro-Brasileiro: a audição de ontem no Santa Isabel. 17/11/1934.

²³¹ Raymundo Nina Rodrigues ao publicar a sua obra em 1896, em oito números da *Revista Brasileira*, e entitulado de “O animismo fetichista dos negros baianos”²³¹ buscava analisar a formação dos candomblés baianos e o processo de transe dos adeptos dessa religião, que na época de Nina Rodrigues eram caracterizados como seitas. Observou que a sobrevivência dessa religião em terras estrangeiras, como o Brasil, se fez através do sincretismo com os santos da Igreja Católica e que pelo seu comportamento rudimentar e pela sua falta de inteligência, não podiam os negros comportarem outra religião se não o candomblé. Para o então médico os africanos existentes aqui e seus descendentes, encontravam-se em estágio social, cultural e político inferior, principalmente em comparação ao branco europeu e por isso incapazes e impossibilitados de chegarem ao patamar de desenvolvimento das sociedades européias. Para o Brasil do final do século XIX, que ao abolir a escravidão absorveu uma população de negros sem uma função social, a idéia de civilização parecia algo distante de acontecer. Ver: RODRIGUES, Raimundo Nina. *O animismo fetichista dos negros bahianos*. Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 1935.

²³² Raimundo Nina Rodrigues nasceu no Maranhão em 1862. Seus pais eram o coronel Solano Rodrigues e dona Luísa Rosa Nina Rodrigues. Nina Rodrigues estudou no Colégio São Paulo e no Seminário das Mercês, em São Luís, no Maranhão. Em 1882, matriculou-se na Faculdade de Medicina da Bahia, seguiu o curso até 1885, quando se transferiu para o Rio de Janeiro, onde concluiu o quarto ano da faculdade de medicina. Voltou à Bahia no ano de 1886, quando escreveu seu primeiro artigo sobre a epidemia de lepra no Maranhão. Em 1887, retornou ao Rio de Janeiro, concluiu, então o curso de medicina, defendendo uma tese de final de curso sobre três casos de paralisia progressiva numa família em São Luís. Em 1888, retorna novamente para São Luís onde clinica, abre um consultório na antiga rua do Sol e que hoje se chama rua Nina Rodrigues. É hostilizado pelos médicos conterrâneos por atribuir à má alimentação problemas de saúde da população carente da região onde vivera, resolveu fugir do provincianismo e do apelido que lhe deram de “Dr. Farinha Seca” e adotar definitivamente a Bahia como morada. Na cidade de Salvador encontrou ambiente favorável às pesquisas sociais que tanto o atraíam. Havia naquela cidade mais de dois mil africanos catalogados à época da abolição da escravatura (1888). Dessa forma dedicou-se à clínica médica e ao atendimento dos menos favorecidos, o que lhe valeu um outro apelido intitulado “Doutor dos Pobres”. Em 1889, ano da Proclamação da República, prestou concurso para a Faculdade de Medicina da Bahia, vindo a ocupar o lugar de adjunto da cadeira de Clínica Médica, cujo titular era o conselheiro José Luís de Almeida Couto, republicano histórico, abolicionista e político de projeção nacional. Porém, não abria mão de conviver com as mazelas da população excluída do centro de poder, por mais criticado que fosse. Nina Rodrigues e Alfredo Tomé de Brito, também médico e mais tarde diretor da Faculdade de Medicina da Bahia, casaram-se com filhas do Conselheiro José Luís de Almeida Couto. Em 1890, escreveu uma nota apoiando a iniciativa de Brás do Amaral, professor de “Elementos de Antropologia” do Instituto de Instrução Secundária de Salvador, de iniciar uma coleção de objetos antropológicos: esqueletos, chumaços de cabelo e recortes de pele dos índios do estado da Bahia. Neste mesmo ano, participou do Terceiro Congresso Brasileiro de Medicina e Cirurgia reunido em Salvador,

descendentes encontravam-se em estágio social, cultural e político inferior, principalmente em comparação ao branco europeu e, por isso, incapacitados e impossibilitados de chegarem ao patamar de desenvolvimento das sociedades européias. Para o Brasil, do final do século XIX, que ao abolir a escravidão absorveu uma população de negros sem uma função social, a idéia de civilização parecia algo distante de acontecer.

Para Nina Rodrigues, essa população negra e seus descendentes estariam em um estágio animista bastante difuso e somente os mais inteligentes conseguiriam chegar a um estágio um pouco mais elevado. Esse pensamento vinha principalmente das doutrinas e ideologias racistas européias de valorização da raça forte e soberana e que fazia com que a cultura dependesse exclusivamente da raça. Era o tempo em que a eficiência ou a fraqueza de uma nação ou sociedade estava amparada no seu caráter biologizante. Esse era o tipo de pensamento que ganhava força dentro da sociedade brasileira do final do século XIX. Ora, se entre os séculos XIX e XX, a medicina era o veículo mais importante para explicar e legitimar a teoria de que a presença do sangue negro seria nocivo para o desenvolvimento da nação, caberia a ela desmistificar esta teoria. Se no alvorecer do século XX o mestiço era visto como algo prejudicial ao desenvolvimento nacional por alguns estudiosos, e como alternativa para uma política de embranquecimento da sociedade por outros, na década de 1930 desenvolveu-se, ao lado disso, uma série de estudos de valorização e de defesa da mestiçagem.

Arthur Ramos, talvez, foi o intelectual que mais se definiu com o perfil analítico de Nina Rodrigues. Para Florestan Fernandes²³³ Arthur Ramos partiu da medicina para a antropologia. “Arthur Ramos transportou para o novo campo a mentalidade empiricista e de respeito aos fatos, única capaz de conduzir realmente a ciência e de pôr-nos ao abrigo das teorias pseudocientíficas”.²³⁴ Em seus primeiros estudos procurou analisar os

foi eleito tesoureiro pela Congregação da Faculdade de Medicina da Bahia para este evento. Em 1891, assumiu a cadeira de Medicina Pública, na Faculdade de Medicina da Bahia, e que antes era ocupada pelo professor Virgílio Damásio. Tempos depois, assumiu a cadeira de Medicina Legal, o que aumentou ainda mais o seu desempenho de por em prática as propostas do professor Damásio, que depois de ter visitado vários países da Europa, sugeriu em seu relatório acadêmico a implantação do ensino prático e a nomeação dos professores de medicina legal como peritos da polícia. Com os resultados de seus estudos, propôs uma reformulação no conceito de responsabilidade penal, sugerindo a reforma dos exames médico-legais. Foi pioneiro no serviço de implantação da assistência médico-legal a doentes mentais, além de ter defendido a aplicação da perícia psiquiátrica não apenas nos manicômios, mas também nos tribunais. Faleceu em Paris, França, no ano de 1906. CORRÊA, Mariza. As ilusões da liberdade: a Escola Nina Rodrigues e a antropologia no Brasil. Bragança Paulista: Edusf, 1998.

²³³ FERNANDES, Florestan. Arthur Ramos 1903 – 1949, Revista do Museu Paulista, Volume 04, Museu Paulista: São Paulo, 1950.

²³⁴ ibidem, p. 440.

problemas de inserção do negro na sociedade brasileira e no processo de constituição da identidade nacional. Porém, era criticado por se prender a um esquema cientificista ultrapassado, muito próximo a Nina Rodrigues, na forma como se deveria analisar as questões sociais que envolviam o negro no início do século XX. Ramos, como seu mestre, ainda apontava como causas do atraso da sociedade brasileira e ao subdesenvolvimento da nação à questão biológica. De certo modo analisava que o tráfico negreiro trouxe uma gama considerável de seres humanos que, ao se amalgamaram aqui criou um tipo de população que variava em função do meio, criando um novo ser, o mestiço. Para ele, o negro era um problema de cunho sociológico, a influência do negro na vida social do país.

Florestan Fernandes analisava que havia quatro questões importantes que norteavam o trabalho de Arthur Ramos: 1) *o problema das etnias*: que consistia num estudo mais eficaz dos trabalhos produzidos nos centros acadêmicos. Existia a necessidade de estudar os mais variados grupos étnicos que entraram no Brasil e que de forma errônea eram confundidos com os europeus, africanos e indígenas; 2) *a questão da dinâmica da sociedade e da cultura*: observava que contra o passado provincial deveria existir um nova orientação ao estudo da língua; 3) *a questão da formação dos especialistas*: que consistia em verificar que as ciências sociais do início do século XX estavam em fase de formação e desenvolvimento no Brasil e, por isso, havia a necessidade de oferecer uma maior formação profissional ao seu quadro de profissionais; 4) *a questão sobre os conhecimentos antropológicos*: que verificava que a disciplina se apresentava como uma ciência investigativa da realidade. Dessa forma, via nesse método um caminho a ser seguido, em especial aos estudos sobre as religiões negras no Brasil. Observou-se, então, que os estudos de Arthur Ramos em relação ao negro possibilitaram a formulação, através do conceito de “aculturação”, analisar o processo de inserção desse grupo em uma nova terra e em uma nova cultura. Observou Florestan Fernandes que esse processo foi fundamental, principalmente, para a análise de uma nova cultura mestiça que se gestava.

Para Guerreiro Ramos²³⁵, as análises e os estudos sobre o negro brasileiro ainda eram feitos sobre uma ótica européia. Criticava, de forma contundente, que deveria existir pesquisadores, estudiosos, cientistas sociais e antropólogos de uma formação cultural nacional e sem os modismos estrangeiros. “A inoperância de tais requisitos retarda o aparecimento em nosso país de uma ciência nacional. Ela é notória, por exemplo, em nossa

²³⁵ RAMOS, Guerreiro. O problema do negro na sociologia brasileira, Cadernos do nosso tempo, nº 02, USP/FFLCH: São Paulo, jan./jun. de 1954.

antropologia”.²³⁶ Tal crítica vinha a reboque da sua observação de que, na década de 1950, muitos trabalhos ligados aos estudos sobre o negro tinha uma metodologia relacionada às instituições internacionais como a UNESCO. Essa instituição que teve como um de seus membros Arthur Ramos, entre os anos de 1940 e 1950, efetuou uma série de trabalhos sobre a questão social do negro no Brasil. A crítica de Guerreiro Ramos, um dos participantes desse projeto era muito mais em cima de uma metodologia baseada numa produção muito mais quantitativa do que qualitativa das fontes.

Suas análises estavam voltadas ainda no processo de “aculturação” dos negros que aqui chegaram. Pois analisava negativamente que o processo de construção cultural de um grupo em detrimento do outro se fazia a partir de uma política racista. Dessa forma, observava que o processo de “aculturação” não se fazia pela “eugenia”, mas pela inculcação de estilos de comportamento que eram inseridos, através de processos sociais formais e informais, diretos e indiretos. Todo esse mecanismo levaria à diminuição das disparidades sociais existentes no país. Via que o problema da inserção do índio, do negro e do mestiço na formação social e cultural do país, se verificava em termos econômicos e sociais, desfazendo um tipo de pensamento que via na questão biológica a degradação da raça.

²³⁶ ibidem, p. 190.

Costa Pinto²³⁷, na década de 1950, efetuou uma série de pesquisas tendo como elemento central as relações raciais no Brasil. Este trabalho era patrocinado pela UNESCO que, entre os anos de 1940 e 1950, convocou uma série de antropólogos brasileiros e estrangeiros que tinham como tema de estudos o negro brasileiro. Muitos foram os pesquisadores envolvidos nesse processo, como: Thales de Azevedo, Florestan Fernandes, Guerreiro Ramos, Darci Ribeiro e tantos estudiosos desse assunto. Esses estudos, em que Costa Pinto se inseria vinha a reboque de como analisar as relações raciais, após os horrores deixados na humanidade da Segunda Guerra Mundial. Esse processo, por parte de alguns antropólogos como Costa Pinto, levou ao aumento em diversas partes do mundo a uma persistência do racismo. E o Brasil havia sido escolhido como objeto de análise por conter em sua estrutura étnica, uma possível superação dos dilemas acerca da etnicidade. Dessa forma, uma pergunta se fazia presente aos antropólogos, africanistas e estudiosos da cultura afro-brasileira, como foi possível a partir de uma hibridação atenuar as disparidades étnicas? O Brasil havia sido escolhido pela Unesco como em contraponto em relação ao mesmo dilema norte-americano.

Na década de 1940, a participação de Arthur Ramos na UNESCO, como idealizador de um projeto que estudasse as relações étnicas no Brasil, favoreceu ao crescimento das ciências sociais e ao aumento das pesquisas de campo. Era um novo tempo de se pensar o negro na formação da nação e na formação da identidade nacional e

²³⁷ Luiz Aguiar da Costa Pinto nasceu no dia 06 de fevereiro de 1920, em Salvador, Bahia. De família de posses, seu avô era proprietário de engenhos no interior da Bahia e fora senador da República. Seu pai se chamava José de Aguiar Costa Pinto, era médico e trabalhou com Nina Rodrigues na Faculdade de Medicina da Bahia, instituição que anteriormente, havia cursado e se formado no curso de medicina. Com a ditadura estadonovista (1937), Costa Pinto inseriu-se no movimento estudantil e militou no movimento comunista no antigo distrito federal. Em 1939, ingressa no curso de ciências sociais da Faculdade Nacional de Filosofia, no Rio de Janeiro. Não chega a concluir o curso, pois é preso, várias vezes, por seu envolvimento com o comunismo. Nesse mesmo ano participou da criação da Universidade do Brasil, instituição na qual foi professor de sociologia até o ano de 1945. A partir da década de 1940, sua vida intelectual sofreu uma grande transformação, em especial a partir da sua ligação com Arthur Ramos com que estabeleceu fortes laços de amizade e profissionalismo e Jacques Lambert, com quem se relacionou profissionalmente e teoricamente. Em 1941, em companhia de Arthur Ramos, fundou a Sociedade Brasileira de Antropologia e Etnologia. Essa instituição foi criada com o intuito de incentivar os estudos e as pesquisas academicistas no interior da Faculdade Nacional de Filosofia (FNF). Em 1942, foi assistente do então professor e sociólogo Jacques Lambert na cadeira de sociologia. Dessa parceria surgiria um amplo trabalho, através do mapeamento da composição e dos problemas da população contemporânea. Em 1949, ano do falecimento de Arthur Ramos, a convite do próprio, participa do fórum da UNESCO sobre o estatuto científico do conceito de raça. Na década de 1950, Costa Pinto foi convidado por Anísio Teixeira e Charles Wagley a participar através do projeto entre a universidade de Columbia e o Estado da Bahia de um projeto que tinha como meta, apresentar subsídios de natureza sociológica, realizado em alguns municípios do interior da Bahia, de melhorias dessas áreas com a implantação de melhorias sociais, como: saúde pública, educação pública, saneamento básico e etc. Esse projeto tinha a iniciativa de Anísio Teixeira que na época era Secretário de Educação e Saúde do governo de Otávio Mangabeira. Cf. PINTO, Luiz de Aguiar. O negro no Rio de Janeiro: relações de raças numa sociedade em mudança. 2ª edição, Editora da UFRJ: Rio de Janeiro, 1998.

cultural. Nesse período, o país ainda era visto como um enorme “laboratório de civilização uma vez que teria ‘apresentado à solução mais científica e mais humana para o problema, tão agudo entre os outros povos, da mistura de raças e culturas’”.²³⁸ Todavia, esse alavancamento dos estudos não diminuía um outro lado da moeda, que eram os problemas da desigualdade social existente entre branco e negro e do preconceito racial. Mesmo assim, havia por parte desses estudiosos uma preocupação em inserir o negro, o índio e o mestiço, dentro da sociedade, enquanto elementos ativos e constitutivos e participativos da identidade nacional.

Para Lilia Moritz Schwarcz²³⁹, o Brasil do final do século XIX era visto, por parte de intelectuais e estudiosos estrangeiros, como um país de singular miscigenação racial. A autora aponta que o país deixava à mostra que o exótico não era mais a fauna ou a flora, que havia encantado muitos viajantes, mas, sim, a sua população com sua textura racial que, para muitos, era visto com bastante horror e desdém. Gustave Aimard, cientista francês, que aqui esteve no final do século XIX, afirmou que o Brasil nada mais era do que um país de “cores diversas”, por ser um país formado por diversas etnias e, por isso, uma nação multiétnica. Silvio Romero, crítico literário, nos definia como uma nação mestiça, se não no sangue na alma. Com esse pensamento, o escritor brasileiro deixava escapar o seu temor em relação ao destino trágico do país, formado em sua maioria por uma etnia que tinha no estigma da escravidão o seu maior manancial formador. O cientista inglês William Adans, que aqui esteve no início do século XIX, observou que o Brasil era um país “mulato” não apenas no sexo, mas na raça e na condição social do indivíduo. Essa era a visão do Brasil pelos cientistas e viajantes estrangeiros: ceticismo, análise cuidadosa e temor eram os sentimentos que esses homens tinham da mestiçagem brasileira.

Havia, portanto, por detrás desse pensamento um temor latente que se fazia ouvir na intelectualidade cultural e política. Em 1911, João Batista Lacerda²⁴⁰, diretor do Museu Nacional do Rio de Janeiro na época, participou como representante de uma nação mestiça

²³⁸ *ibidem*, p. 18.

²³⁹ SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil - 1870 - 1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

²⁴⁰ João Batista de Lacerda nasceu na cidade de Campos dos Goytacazes no dia 12 de julho de 1846. Na década de 1870, formou-se em medicina pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Com o nascimento da República, foi nomeado subdiretor da seção de antropologia, zoologia e paleontologia do Museu Nacional. Nesta época, fez estudos pioneiros com os venenos de ofídios e anfíbios, descobriu, assim a ação neutralizadora do permanganato de potássio sobre a peçonha das cobras. Faleceu no Rio de Janeiro no dia 06 de agosto de 1915. Cf. ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento. Florestan Fernandes e a Escola Paulista. In: Miceli, Sérgio (org.) *História das Ciências Sociais no Brasil*. São Paulo: FAPESP, 1995.

do Primeiro Congresso Internacional das Raças, em Londres. Nesse Congresso, apresentou um trabalho que primava por uma cultura de “branqueamento” em relação à sociedade brasileira, explicando a todos os ouvintes que, no prazo de cem anos, o processo acelerado de miscigenação, uma marca latente de nossa sociedade, levaria a nação a ser uma população de brancos. Como exemplo ilustrativo utilizou-se do quadro “A redenção de Can”²⁴¹ (1895) do artista Modesto Brocos. Para Lilia Moritz Schwarcz, o que estava em questão é que, mesmo sendo um país mestiço, isso seria um processo limitado, pelo fato das raças no Brasil estarem em constante transformação e transição.

Para muitos intelectuais do final do século XIX e início do século XX, a questão da mestiçagem servia para explicar tanto atraso e uma possível inviabilidade nacional. Esse modelo racial de analisar a sociedade brasileira nascia paralelamente a um discurso de cunho liberal que se tornava bastante consensual. Como diz a autora: “De fato, a hibridação das raças significava nesse contexto ‘um tumulto’”.²⁴² Esse processo de cruzamento das raças era visto como um elemento indicativo para o futuro da nação, em especial em verificar que, após o fim da escravidão e o nascimento da República, as teorias raciais ganharam força por apresentarem um modelo teórico aceitável para definir os parâmetros políticos que se configuravam. “É nesse sentido que o tema racial, apesar de suas implicações negativas, se transforma em um novo argumento de sucesso para o estabelecimento das diferenças sociais”.²⁴³ Essa fomentação teórica em relação à mestiçagem fazia com que o projeto nacional se tornasse inviável.

Este processo paradoxo, que estava na aceitação total das diferenças humanas e no elogio do cruzamento das raças que via na miscigenação uma saída viável, apontava para o surgimento de modelos teóricos e explicativos ligados às questões biológicas de forma diversificada. O darwinismo social adotou a diferenciação das raças e a sua forma hierárquica como um modelo simples de encarar as vicissitudes sociais. O evolucionismo social defendia a tese de que as raças humanas não permaneciam estáticas, sofrendo transformações contínuas e evolutivas que levariam ao aperfeiçoamento do homem

²⁴¹ Para Modesto Brocos a obra descrevia que Can, filho de Noé, castigado por Deus por um pecado cometido e, como castigo, foi transformado em um escravo dos tios e dos irmãos. Ao ser transportado para o contexto brasileiro, observamos que, um país em que, até muito pouco tempo atrás, ser negro significava ser escravo, a “redenção” pintada por Brocos personificasse no nascimento de uma criança branca e, portanto, não mais escrava. Cf. PICCOLI, Valéria. A identidade brasileira no século XIX, Revista do Museu de Arte Moderna de São Paulo, número 8, jan. 2007.

²⁴² Cf. SCHWARCZ, Lilia Moritz., op. cit., p. 13; e o jornal “A Província de São Paulo” de 1887.

²⁴³ ibidem, p. 18.

brasileiro. Havia uma busca desesperada por explicações que pudessem explicar desde o atraso ao aperfeiçoamento da raça, transformando modelos de difícil concordância em teorias aceitáveis.

A permanência de trabalhos baseados nas explicações de cunho cientificista no I Congresso demonstra o quão arraigadas tais teorias estiveram no pensamento intelectual brasileiro e como não se pode pensar numa ruptura abrupta, mas, sim, na construção de novas vias de interpretação do papel social do negro que se alimentaram, ao mesmo tempo que se contrapuseram à produção anterior.

Cunha Lopes e J. Candido de Assis²⁴⁴, em conjunto, apresentaram um trabalho intitulado *Ensaio ethno-psiquiatrico sobre negros e mestiços*. Os estudiosos observaram que a fusão entre brasileiro e guaranis, africanos e europeus, influenciou na nossa população, especialmente, com preponderância ariana, cabendo aos ensaístas o estudo da parcela africana que aqui chegou e da população mestiça que dela se originou.

Um outro intelectual que participou do I Congresso do Recife foi Bastos de Ávila²⁴⁵ que apresentou o trabalho *Contribuição ao estudo do índice de Lapique*. Nele, se propunha a analisar as indagações no meio escolar a respeito do índice rádio-pélvico ou índice de Lapique, entre negros e brancos, avaliando que o estudo que vigorava na época - início do século XX - tinha como elemento principal de análise o biológico, apontando para a questão étnica como sendo a causa para o subdesenvolvimento nacional. Apresentou ainda um outro trabalho intitulado *O negro em nosso meio escolar*²⁴⁶. Nesse artigo, procurou analisar que no meio escolar há dois tipos de negros: um com o índice de Lapique superior a 100 e outro negativo de estatura menos pronunciada.

Luis Robalinho Cavalcanti²⁴⁷ apresentou o trabalho intitulado *Longevidade*. Nesse artigo, o autor procurou apresentar o resultado de uma estatística procedida no Hospital de Psicopatas do Rio de Janeiro, na qual percebeu, de forma surpreendente, a veracidade da

²⁴⁴ LOPER, Cunha & REIS, J. Candido de A. Ensaio ethno-psiquiatrico sobre negros e mestiços. In: Congresso afro-brasileiro. (1:1934: Recife). Estudos afro-brasileiros. Apresentação: José Gonçalves de Mello. Recife: FUNDAJ/Massangana, 1988. Volume: 6.

²⁴⁵ ÁVILA, Bastos. Contribuição ao estudo do índice de Lapique. In: Congresso afro-brasileiro. (1:1934: Recife). Estudos afro-brasileiros. Apresentação: José Gonçalves de Mello. Recife: FUNDAJ/Massangana, 1988. Volume: 6.

²⁴⁶ ÁVILA, Bastos. O negro em nosso meio escolar. In: Congresso afro-brasileiro. (1:1934: Recife). Estudos afro-brasileiros. Apresentação: José Gonçalves de Mello. Recife: FUNDAJ/Massangana, 1988. Volume: 6.

²⁴⁷ CAVALCANTI, Luis. Robalinho. Longevidade. In: Congresso afro-brasileiro. (2:1936: Recife). Estudos afro-brasileiros. Apresentação: José Gonçalves de Mello. Recife: FUNDAJ/Massangana, 1988. Volume: 7.

longevidade da população negra em relação à população branca. É importante observar que, neste trabalho, autor destacou a idéia de que enquanto os negros velhos, antigos escravos, ainda viviam, mesmo que esquecidos e indigentes, os seus senhores já haviam há muito tempo falecido.

Seu irmão e também médico J. Robalinho Cavalcanti participou do Congresso com a apresentação de um trabalho intitulado²⁴⁸ *O recém-nascido branco, negro e mulato*. Nesse artigo, ele trabalhou de forma curiosa e interessante por apresentar de forma não documentada observações apanhadas nos estudos das fichas de recém-nascidos - brancos, negros e mulatos - da maternidade do Recife. Concluiu que as crianças oriundas de meios mais indigentes, nasceram com igualdade de condições idênticas às crianças de famílias de posses. O interessante foi observar a confirmação da tese de que havia a possibilidade de afirmação de que a mestiçagem geraria indivíduos que poderiam ser considerados fisicamente tão aptos ao sucesso quanto os considerados etnicamente “puros”.

O doutor Waldir Cavalcanti²⁴⁹ apresentou o trabalho *Ensaio etno-psiquiátrico sobre negros e mestiços*, onde procurou analisar que a doença mental que mais cometia o negro era a demência, em virtude da sua longevidade, dos maus tratos que sofreram no tempo do cativo e do esquecimento e do abandono por parte dos seus senhores e das autoridades locais.

Abelardo Duarte²⁵⁰ apresentou o trabalho *Grupos sanguíneos da raça negra*. Nesse artigo, o autor procurou analisar as relações existentes entre os grupos sanguíneos e as raças humanas, observando que tais estudos, desde o início do século XX, foram de muita importância para o que já vinha se desenvolvendo, acerca das análises das observações sobre a biologia das raças.

Geraldo de Andrade²⁵¹ participou do evento com o seguinte trabalho *Nota antropológica sobre os mulatos pernambucanos*. Nesse artigo, o autor procurou analisar

²⁴⁸ CAVALCANTI, J. Robalinho. O recém-nascido branco, negro e mulato. In: Congresso afro-brasileiro. (2:1936: Recife). Estudos afro-brasileiros. Apresentação: José Gonçalves de Mello. Recife: FUNDAJ/Massangana, 1988. Volume: 7.

²⁴⁹ CAVALCANTI, Waldir. Ensaio etno-psiquiátrico sobre negros e mestiços. In: Jornal Pequeno. 1.º Congresso Afro-Brasileiro: a audição de ontem no Santa Isabel. 17/11/1934.

²⁵⁰ DUARTE, Abelardo. Grupos sanguíneos da raça negra. In: Congresso afro-brasileiro. (2:1936: Recife). Estudos afro-brasileiros. Apresentação: José Gonçalves de Mello. Recife: FUNDAJ/Massangana, 1988. Volume: 7.

²⁵¹ ANDRADE, Geraldo. Nota antropológica sobre os mulatos pernambucanos. In: Congresso afro-brasileiro. (2:1936: Recife). Estudos afro-brasileiros. Apresentação: José Gonçalves de Mello. Recife: FUNDAJ/Massangana, 1988. Volume: 7.

como um país, no caso o Brasil, de intensa mestiçagem, observava que o mulato era um indivíduo que estaria muito próximo do homem branco. Esta conclusão, segundo Geraldo de Andrade só se tornava possível através dos estudos de craneologia, muito executado na época.

Augusto Austregésilo²⁵² apresentou o trabalho *A mestiçagem no Brasil como fator eugênico*. Nesse artigo, o autor analisou que a eugenia, presente na formação da nossa identidade nacional, não era caracterizada como um fator demonstrativo de inferioridade ou degeneração, mas como um processo que mesmo com o alvorecer da “mestiçagem”, ainda era um pensamento corrente na sociedade brasileira da década de 1930 e que a própria idéia de mestiçagem havia surgido deste processo de eugenia.

Paulo Barros²⁵³ participou com o trabalho *O negro na obra de Silvio Romero*. Neste trabalho o autor procurou analisar de como o negro e o mestiço eram vistos e analisados por Silvio Romero, entre o final do século XIX e o início do século XX. Analisou que para este autor, a miscigenação era vista como algo viável, ainda que com ressalvas, para o processo de evolução da sociedade brasileira que tenderia a se embranquecer. O homem brasileiro visto por Silvio Romero, segundo o autor, era degenerado por ter traços negros na sua composição e, por isso, era visto como um elemento que retardava o desenvolvimento nacional. A partir de tal pesquisa, Paulo Barros procurou comparar o homem brasileiro do final do século XIX e o homem brasileiro do seu momento, miscigenado e rico no processo de construção da identidade brasileira.

Leonidio Ribeiro em parceria com W. Berardinelli e Isaac Brown apresentaram o trabalho *Estudo biotipológico de negros e mulatos brasileiros normais e delinquentes*.²⁵⁴ O trabalho tinha por base, através de estudos sobre as etnias que haviam formado a nossa nação, verificar que a mestiçagem era algo benéfico para a perpetuação da população, observando que o processo de evolução da sociedade brasileira tenderia para a miscigenação. “Um grande estudioso dos assuntos de antropologia, o Coronel Dr. Arthur Lobo de Oliveira, assim se manifestou: ‘Penso, mesmo, que hoje, como ontem, como daqui

²⁵² AUSTREGÉSILO, Antônio. A mestiçagem no Brasil como fator eugênico. In: Congresso afro-brasileiro. (2:1936: Recife). Estudos afro-brasileiros. Apresentação: José Gonçalves de Mello. Recife: FUNDAJ/Massangana, 1988. Volume: 7.

²⁵³ BARROS, Paulo. O negro na obra de Silvio Romero. In: Jornal Pequeno. 1.o Congresso Afro-Brasileiro: a audição de hontem no Santa Isabel. 17/11/1934.

²⁵⁴ RIBEIRO, Leonidio, BERARDINELLI, W. & BROWN, Isaac. Estudos biotipológico de negros e mulatos brasileiros normaes e delinqüentes. In: Congresso afro-brasileiro. (2:1936: Recife). Estudos afro-brasileiros. Apresentação: José Gonçalves de Mello. Recife: FUNDAJ/Massangana, 1988. Volume: 7.

a cem anos, não haverá um tipo brasileiro; haverá diversos tipos brasileiros”.²⁵⁵ Os autores observavam, através dos seus estudos, de que no Brasil, o que houve foi um processo de caldeamento das raças e não uma individualidade como nos Estados Unidos, nação que a todo tempo era comparada ao Brasil.

Mário Marroquino²⁵⁶ apresentou o trabalho ao Congresso do Recife *A mestiçagem no Brasil como fato eugênico*. Neste trabalho, o autor procurou analisar que a idéia da mestiçagem era um conceito que começava a ser aceito por parte da intelectualidade. Verificou, através e estudos feitos, em especial, a partir do que já havia em termos de publicação sobre o assunto, que a miscigenação era o que iria ocorrer na sociedade brasileira futuramente. Mário Marroquino abordou que o conceito ou a idéia de um país mestiço, a partir da década de 1930, começou a ser aceito pela sociedade brasileira, mesmo observando de que havia uma certa resistência por parte de alguns intelectuais que viam no homem brasileiro elementos degenerativos, em virtude da miscigenação. O Brasil de Vargas que construía um homem forte, vigoroso e sem deficiências, confrontava-se com o Brasil defendido pelos intelectuais que estavam a participar do Congresso do Recife.

Patrimônio cultural e os trabalhos afro-religiosos

O Primeiro Congresso Afro-brasileiro do Recife reuniu trabalhos sobre a construção de um “patrimônio cultural” negro. Para Maria Isaura Pereira de Queiroz²⁵⁷, os intelectuais brasileiros do final do século XIX e início do século XX tiveram como ponto central de seus estudos a busca de características que pudessem forjar uma verdadeira “identidade brasileira”²⁵⁸. Esta procura estaria calcada na composição de duas vertentes, a primeira repousando na construção de um patrimônio cultural que teria na sua formação, elementos formadores desta identidade e que seriam eternos através do tempo e do espaço; a segunda, que este patrimônio cultural deveria ser partilhado e compartilhado por todos os povos, grupos ou classes que compunham um país. E, segundo a autora, estes elementos

²⁵⁵ Idem. Pg. 152.

²⁵⁶ MARROQUINO, Mário. A mestiçagem no Brasil como fato eugênico. In: Jornal Pequeno. 1.o Congresso Afro-Brasileiro: a audição de hontem no Santa Isabel. 17/11/1934.

²⁵⁷ QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Identidade cultural, identidade nacional no Brasil, Tempo social. Revista Social, USP: São Paulo, 2 (1), 1º semestre, 1989.

²⁵⁸ A autora preferiu utilizar o termo “brasildade” ao invés de “identidade brasileira”. ibidem, p. 29.

que constituem o patrimônio corresponderiam a bens materiais, maneiras de viver e de agir, bens espirituais e maneiras de pensar.

A construção deste grande projeto, que era a busca de uma identidade, em um momento em que a intelectualidade deparava-se com duas problemáticas - a abolição da escravidão, 1888, e a Proclamação de República, 1889 - mostrou-se uma tarefa bem difícil, pois havia uma grande massa heterogênea de elementos culturais, ligados as muitas variedades dos grupos étnicos presentes no país. “Os traços culturais não configuravam de modo algum um conjunto harmonioso que uniria os habitantes, comungando nas mesmas visões do mundo e da sociedade, nas mesmas formas de orientar seus comportamentos.”²⁵⁹ Os intelectuais deste período acusavam a persistência de costumes indígenas e africanos, tidos como “bárbaros”, de serem um problema para o desenvolvimento civilizatório da nação.

“Consideravam-nos assim como uma barreira retardando o encaminhamento do país para a formação de uma verdadeira *identidade nacional*, que naturalmente embaraçava também um desenvolvimento econômico mais eficiente”.²⁶⁰

Alguns trabalhos reunidos no Congresso do Recife tiveram, pois, como objeto de discussão o elemento cultural. Assim poderiam ser apontados os trabalhos *O negro na música do nordeste* de Diógenes Junior; *Biblioteca do povo e coleção moderna* de Jorge Amado; *A arte do bronze e do pano em Daomé* de Melville Herskovit; *O negro e a poesia brasileira* de Odorico Tavares; *O negro na obra de Silvio Romero* de Paulo Barros; *O negro no folclore e na literatura do Brasil* de Renato Mendonça; *Influência etnológica do negro no Brasil* e *Aspectos da influência africana na formação social do Brasil* de Rodrigues de Carvalho; *Influência indiana do negro no espírito do direito nacional* de Rubens Saldanha; *Fizeram os negros teatro no Brasil?* de Samuel Campello; *Musicalidade do escravo negro no Brasil* de Nair de Andrade; *O negro na arte popular e doméstica de Pernambuco* de Cícero Dias e Gilberto Freyre; *Ohum êniadúdu* de Jacques Raymundo; *Vocabulário nagô* de Rodolpho Garcia; *A calunga dos maracatus* de Mário de Andrade.

Mário de Andrade em *A calunga dos maracatus* analisava a importância de uma boneca que se apresenta nas mãos da “dama do passo”, responsável pelos bailados nos maracatus. Observou neste trabalho que a escolhida para o cargo de apresentar o bloco

²⁵⁹ *ibidem*, p. 30.

²⁶⁰ *ibidem*.

festivo tinha que possuir algo a mais do que um simples rebolado, ou seja “um *donair* especial no dançar”, além disto tinha como obrigação carregar uma boneca ricamente trajada com roupas femininas. Segundo o autor, este adereço de mão que é esta boneca, tinha que fazer alusão aos cultos afro-ameríndios, informando aos presentes a origem do povo brasileiro. Apresentava-se por vários nomes, mas a alcunha que Mário de Andrade resolveu analisar foi o da “calunga”. Palavra de origem banto, segundo o autor, o nome “calunga” adquiriu vários significados no Brasil, como planta rutácea, um camundongo, uma boneca, caso analisado pelo autor, e um indivíduo vadio. “Nos quatro sentidos calunga é brasileiríssimo, afirma o aplicado dicionarista”²⁶¹.

Concluiu o autor que o nome calunga queria designar “negro” que era a mistura do dialeto banto com o tupi, daí a origem da palavra em tupi: *acã-uma* que significa “cabeça preta”, referindo-se a um alto posto de tribo indígena de origem tupi, ou de algum grupo de negros africanos de origem banto (congo/angola). Dentre estes negros tem como significado apontar o senhor ou o chefe maior do grupo, como diria Mário de Andrade: “A voz é bem africana e bântu. Ocorre nas frases feitas de saudação: ‘cuaco mueto, calunga!’, ‘calunga, tuameneca!’, isto é, ‘apertemo-nos a mão, grande!’, ‘saudemo-nos, Senhor”²⁶². Para o autor, através dos seus estudos, esta seria a origem da palavra calunga e as formas como se apresentou, mas cheia de uma finalidade mística e derivada da mistura cultural do negro congolês como o índio ameríndio.

Rodolpho Garcia²⁶³ participou do evento apresentando o trabalho *Vocabulário nagô*. O objetivo do trabalho era o de estudar o vocabulário nagô e compará-lo com outros vocabulários como o tupi e o português.

O colunista do Jornal Pequeno do Recife, Rodrigues de Carvalho²⁶⁴ participou do evento com um trabalho intitulado *Aspectos da influência africana na formação social do Brasil*. Nesse artigo, o autor procurou analisar a importância do negro para a formação da vida social, política e cultural do país. Procurou, com o trabalho, verificar que o negro não serviu apenas para trabalhar nos eitos e enriquecer o senhor, ou, como durante muito tempo

²⁶¹ Cf. ANDRADE, Mário de. A calunga dos maracatus In: Congresso Afro-brasileiro (1:1934), p. 40.

²⁶² ibidem, p. 40.

²⁶³ GARCIA, Rodolfo. Vocabulário nagô. In: Congresso afro-brasileiro. (1:1934: Recife). Estudos afro-brasileiros. Apresentação: José Gonçalves de Mello. Recife: FUNDAJ/Massangana, 1988. Volume: 6.

²⁶⁴ CARVALHO, Rodrigues de. Aspectos da influencia africana na formação social do Brasil. In: Congresso afro-brasileiro. (2:1936: Recife). Estudos afro-brasileiros. Apresentação: José Gonçalves de Mello. Recife: FUNDAJ/Massangana, 1988. Volume: 7.

mostrou a história, viver apanhando. A sua importância para a formação do patrimônio cultural e nacional foi de muita fortuna e que, naquele momento, estavam sendo mostrados e analisados no Primeiro Congresso do Recife.

Diógenes Júnior²⁶⁵ participou do evento com o trabalho *O negro na música do nordeste*. Diógenes procurou averiguar a influência dos ritmos africanos para a formação da música brasileira. Os toques executados nos terreiros de candomblés, o lundu, o samba, o maracatu e tantos outros ritmos musicais, trazidos da África pelos negros foram absorvidos rapidamente, formando um novo caldeirão cultural.

Nair de Andrade²⁶⁶ apresentou o trabalho *Musicalidade do escravo negro no Brasil*. Nesse artigo a autora procurou analisar a história da música africana e a sua contribuição para a formação do patrimônio cultural brasileiro. A autora procurou elaborar um estudo desde os tempos da colônia até o início da República, procurando estudar a influência do batuque africano na formação da musicalidade brasileira.

Samuel Campello apresentou o trabalho *Fizeram os negros teatro no Brasil?*²⁶⁷. O autor procurou analisar que, através dos autos religiosos, os negros também fizeram teatro no Brasil demonstrando o processo de catequização exercitado pela Igreja Católica. É importante observar um processo de “hibridação” cultural entre estes indivíduos e que foi de muita importância para a nossa formação social e cultural.

Odorico Tavares²⁶⁸ apresentou o trabalho *O negro e a poesia brasileira*. O autor observou que havia muitos poemas produzidos por autores negros e muitos tinham como fonte de inspiração, a sua situação social – de miséria e abandono gerados pela estigma da escravidão – por um certo saudosismo passado de geração a geração, pela saudade da terra natal, a África, ou simplesmente da contribuição que os negros depositaram em solo brasileiro e que fizeram a riqueza de muitos senhores e a miséria de tantos negros. Odorico

²⁶⁵ JÚNIOR, Diógenes. O negro na música do nordeste. In: Jornal Pequeno. 1.o Congresso Afro-Brasileiro: a audição de hontem no Santa Isabel. 17/11/1934.

²⁶⁶ ANDRADE, Nair. *Musicalidade do escravo negro no Brasil*. In: Congresso afro-brasileiro. (2:1936: Recife). Estudos afro-brasileiros. Apresentação: José Gonçalves de Mello. Recife: FUNDAJ/Massangana, 1988. Volume: 7.

²⁶⁷ CAMPELLO, Samuel. *Fizeram os negros teatro no Brasil?* In: Congresso afro-brasileiro. (2:1936: Recife). Estudos afro-brasileiros. Apresentação: José Gonçalves de Mello. Recife: FUNDAJ/Massangana, 1988. Volume: 7.

²⁶⁸ TAVARES, Odorico. *O negro e a poesia brasileira*. In: Jornal Pequeno. 1.o Congresso Afro-Brasileiro: a audição de hontem no Santa Isabel. 17/11/1934.

Tavares, ao efetuar tais estudos, ofereceu ao público leitor uma visão de que o negro africano ou brasileiro teve influência forte na formação do patrimônio cultural brasileiro.

Ernani Braga²⁶⁹ em conjunto com Vicente Fittipaldi apresentaram uma toada de Xangô, a partir de pesquisas nos diversos terreiros afro-brasileiros existentes na cidade do Recife, como Bamilê Odé, Xuxuaglô, Ogundê-narêrê, Ogun-tóberinan, Ogunde-Xangôdê, Ogun-Kaloxó e ô Kinimba, Kinimba. Estas toadas são cânticos e rezas entoados nas cerimônias religiosas dos negros e que serviam para louvar, evocar e agradecer as bênçãos recebidas aos orixás e ancestrais. O interessante deste trabalho foi observar a passagem de ritmos e cânticos, muitos de origem yorubá e banto, para acordes melódicos dos centros letrados.

A religiosidade do negro e o resultado da mistura religiosa foram outros elementos que marcaram a apresentação dos trabalhos no I Congresso. O entendimento de que haveria uma continuidade das religiões africanas sob a máscara de uma adesão superficial, solúvel e ínfima ao catolicismo levou à observação da “religião dos negros” como “bárbara” por manter diferentes formas de pensar, se relacionar com o sagrado e agir socialmente. As “seitas”, como eram definidas as manifestações religiosas dos negros, antes da década de 1930, tinham, entretanto, um cunho organizado e com uma hierarquia própria, em que cada casa ou terreiro tinha o seu pai ou mãe-de-santo e respectivamente seus filhos.

Para Maria Isaura Pereira de Queiroz, as formas de se pensar a nação brasileira e seus habitantes na virada do século XIX para o XX, encontrava fortes ecos nos trabalhos do médico baiano Raymundo Nina Rodrigues (1862 – 1906). Verificava que a causa do atraso nacional e da sociedade brasileira provinha das misturas raciais, que tinha nas questões biológica e cultural as bases de sustentação. Em virtude dos seus mais variados trabalhos publicados, durante muito tempo permaneceu no imaginário social, a tese de que era o fator biológico o principal responsável pelas anomalias sociais. Toda esta heterogeneidade étnica e cultural levaria a população ao desequilíbrio mental, tanto individual como coletivo.

Para a autora, o médico maranhense foi um dos precursores dos estudos de etnografia e de psicologia social no país. Muito semelhante à maneira de pensar de Nina Rodrigues, os intelectuais Sylvio Romero (1851 – 1914) e Euclides da Cunha (1866 –

²⁶⁹ BRAGA, Ernani. Toadas de Xangô. In: Congresso afro-brasileiro. (2:1936: Recife). Estudos afro-brasileiros. Apresentação: José Gonçalves de Mello. Recife: FUNDAJ/Massangana, 1988. Volume: 7.

1909) apresentaram contemporaneamente, ainda que com pequenas particularidades, formas de pensar idênticas ao anterior, pois levantavam questões de que como elementos culturais tão distantes e diferentes, poderiam existir de forma recíproca sem se aniquilarem? Havia algo de muito comum nos trabalhos destes intelectuais que girava na questão do racismo. Para eles, a falta de harmonia étnica e cultural levaria ao caos e ao retrocesso do processo civilizatório. Seus pensamentos estavam muito mais voltados às teorias evolucionistas que floresciam na Europa e que defendiam a tese da superioridade da “raça” branca, dolicocefala e habitante da Inglaterra, da França, da Bélgica, da Itália e da Alemanha, regiões tidas como industrializadas.

Raymundo Nina Rodrigues, ao publicar a sua obra em 1896, em oito números da Revista Brasileira, intitulado de *O animismo fetichista dos negros baianos*²⁷⁰ buscava analisar a formação dos candomblés baianos e o processo de transe dos adeptos dessa religião. Observou que a sobrevivência dessa religião em terras estrangeiras, como o Brasil, se fez através do sincretismo com os santos da Igreja Católica e que pelo seu comportamento rudimentar e pela sua falta de inteligência, os negros não podiam comportar outra religião, se não o candomblé. A justificativa da incapacidade dos negros estava na sua falta de aptidão em assimilar os aspectos mais comuns da teologia cristã. Esse era o tipo de pensamento que ganhava força dentro da sociedade brasileira do final do século XIX.

O sentimento de estranheza social em relação às religiões africanas no Brasil advinha também da inexistência na sua cosmogonia da idéia de pecado, presente no catolicismo. “As divindades não eram nem boas nem ruins, elas se comportavam com os fiéis em função do tratamento que destes recebiam”.²⁷¹ Dessa forma, observou-se que os candomblés africanos se distinguiram das demais religiões existentes, simplesmente, por formarem cada um uma totalidade independente sem se subjugarem a um poder central. Para Maria Isaura Pereira de Queiroz:

“As religiões, comumente chamadas candomblés, significaram, portanto, uma defesa cultural para os africanos e seus descendentes, muito embora esporadicamente delas participassem brancos; por seu

²⁷⁰ Os artigos foram reunidos tempos depois e publicados em um livro em 1935, por Arthur Ramos, discípulo de Nina Rodrigues. RODRIGUES, Raimundo Nina. *O animismo fetichista dos negros bahianos*. Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 1935.

²⁷¹ Cf. QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de, *op. cit.*, p. 32.

intermédio, salvaguardavam as maneiras de ser e pensar que constituíam seu patrimônio específico, impedindo que a cultura ocidental, fortemente hegemônica durante os períodos colonial e imperial, destruísse e totalmente anulasse tudo quanto os caracterizava enquanto coletividades específicas, distintas da coletividade branca e possuindo seus grupos peculiares”²⁷².

Roberto Motta²⁷³ analisa que os primeiros estudos feitos acerca da cultura do negro, no final do século XIX e início do século XX, realizados pelo médico Raymundo Nina Rodrigues, foram executados influenciados pelo positivismo de Augusto Comte e pelo evolucionismo de Edward Taylor. Segundo o autor, havia no racismo de Nina Rodrigues um certo grau de evolucionismo, pois verificava que o médico ao estudar a cultura negra observava estar a mesma nutrida de uma inferioridade e que seria impossível de recuperar ao longo do tempo a sua superioridade. A população negra, remanescente da escravidão, estaria fadada ao “animismo”. Para Roberto Motta: “Nina Rodrigues não se faz explícito a respeito do tempo necessário para que os africanos e seus descendentes cheguem a estágio mais elevado de mentalidade e religião”.²⁷⁴

Com o passar do tempo, muitos estudiosos sobre a cultura afro-brasileira, foram se separando da visão de Nina Rodrigues. Esses estudos passaram a ter por base uma leitura distanciada de uma visão evolucionista e racista adotada pelo estudioso no final do século XIX. Nesse sentido, a cultura não estava atrelada à raça como acontecia anteriormente, quando os estudiosos efetuavam esse tipo de leitura a partir de um conceito internacionalizado, cheio de vícios que apontavam para algumas raças como inferiores por não terem o esplendor de algumas culturas européias.

Durante o século XIX, a defesa do patrimônio cultural existente nos candomblés deixava transparecer muito das tensões oriundas das relações entre senhores e escravos. Maria Isaura apontou que, após o fim da escravidão, as perseguições e as destruições em relação aos costumes africanos e aos seus candomblés, aumentaram significativamente. “Estas maneiras de ver refletiram nas especulações sobre a falta de uma identidade cultural nacional que viesse costurar entre si pedaços tão díspares e que ao mesmo tempo lhes

²⁷² ibidem, p. 33.

²⁷³ MOTTA, Roberto. De Nina Rodrigues a Gilberto Freyre: estudos afro-brasileiros 1896 – 1934, Revista do Arquivo Público do Recife. Recife, vol. 31-32, nº 33 - 34, 1977 – 1978.

²⁷⁴ ibidem, p. 51.

apagasse as arestas”.²⁷⁵ Havia um pessimismo central nos trabalhos de alguns intelectuais como Nina Rodrigues, Sylvio Romero e Euclides da Cunha. Para eles, a mistura de “raças” e culturas era péssima para o desenvolvimento da nação, pois verificavam que a formação da nossa identidade cultural deveria ser forjada à imagem e semelhança das nações européias: brancas, civilizadas.

Observou-se a existência de trabalhos de valorização das religiões afro no I Congresso tais como *Xangô* de Édison Carneiro; *Notas sobre o catimbó* de Luis da Câmara Cascudo; *Os mitos de Xangô e sua degradação no Brasil* de Arthur Ramos; *Influência do negro na formação religiosa do nosso povo* de Fernando Mota; *As Seitas africanas do Recife* de Pedro Cavalcanti; *Xangô em Alagoas* de José Lins do Rego; *Bamilê Odé, Xuxuaglô, Ogundê-narêrê, Ogun-tóberinan, Ogunde-Xangôdê, Ogun-Kaloxó e ô Kinimba, Kinimba (toadas de Xangô do Recife colhidas nos Xangôs nordestinos)* por Ernani Braga e Vicenti Fittipaldi; *Xangôs no Nordeste* de Gonçalves Fernandes; *Receitas de quitutes afro-brasileiros* apresentados pelos babalorixás Apolinário Gomes e Oscar Almeida e pela iyalorixá Santa. Neste artigo, os babalorixás e a iyalorixá procuraram registrar receitas de quitutes de origem africana como o *eôfupá* ou *eôfunfun* – que deve ser feito com inhame do norte, cozinhá-lo, ainda quente, farofá-lo e, depois, acrescentar azeite de dendê e misturar até virar um pasta – e o *acará* – pega-se o feijão fradinho, coloca-o de molho, depois descasca-se, molha-se e rale na pedra, depois, bate-se e acrescenta-se cebola, camarão seco, pimenta e sal e assar²⁷⁶. As receitas de comidas africanas apresentadas nos “Xangôs” pernambucanos, nos “candomblés” baianos ou nas “macumbas” cariocas eram as mesmas oferecidas aos convidados. Após o preparo, eram colocadas para descansar nos “pés” dos orixás, representados pelos seus assentamentos e, depois da cerimônia, servido ao público.

Jacques Raymundo²⁷⁷ apresentou o trabalho *Ohum eniadudu*. Ele analisou que entre os negros, a religião era um traço importante para a sua inserção nesta terra estranha, era algo de caráter moral, ações principais da vida, bondade, carinho, sacrifício e a maldade em requinte de agonia e vingança. O culto aos seus ancestrais e deuses era uma forma de sempre estarem em perpétuo contato com sua terra natal.

²⁷⁵ *ibidem*.

²⁷⁶ Cf. ALMEIDA, Oscar & GOMES, Apolinário & SANTA. *Receitas de quitutes afro-brasileiros* In: *Congresso Afro-brasileiro* (1:1934). p. 259.

²⁷⁷ RAYMUNDO, Jacques. *Ohum eniadudu*. In: *Congresso afro-brasileiro*. (2:1936: Recife). Estudos afro-brasileiros. Apresentação: José Gonçalves de Mello. Recife: FUNDAJ/Massangana, 1988. Volume: 7.

O médico Fernando Mota²⁷⁸ participou com o trabalho *Influência do negro na formação religiosa do nosso povo*. Neste trabalho o doutor Mota procurou analisar a contribuição do aparato religioso do negro para o processo de construção da nossa identidade étnica e cultural. O culto à ancestralidade e a devoção aos orixás foram às bases desta religião que na época era denominada enquanto seita. A mistura da religião dos negros com a religião católica do europeu e a pajelança dos índios gerou, segundo o autor, um sincretismo presente em quase todas as manifestações religiosas do Brasil.

Nóbrega da Cunha²⁷⁹ apresentou o trabalho *A macumba no Rio de Janeiro*. O autor procurou analisar como era a estrutura das macumbas no Rio de Janeiro, apontando que, em outros lugares, tinham várias nomenclaturas, como: “Xangôs” na Paraíba, Pernambuco e Alagoas; e “candomblés” na Bahia. Nóbrega da Cunha se utilizou da análise de João do Rio que, no início do século XX, havia desenvolvido trabalho semelhante nos centros espíritas cariocas.

Gonçalves Fernandes²⁸⁰ apresentou o seguinte trabalho *Xangôs no nordeste*. Neste trabalho observou todo o desenvolvimento dos cultos afro-brasileiros no Recife. “Xangô” em Pernambuco como em outros estados como: a Paraíba é utilizado para designar os locais onde ocorre às festividades aos orixás, são os tradicionais “candomblés” baianos. Analisou de como o orixá Xangô – o deus dos yorubás – passou a designar o lugar onde é praticado o culto aos deuses africanos e os ancestrais e toda a sua importância hierárquica. Estudou também, o quanto estes cultos foram perseguidos pela polícia e de como foram as estratégias utilizadas para negociar a liberdade de culto.

Foram, então, os candomblés baianos, os xangôs do Recife e a macumba do Rio de Janeiro fonte de estudos para a maioria dos intelectuais que se debruçaram em estudar a cultura negra entre as décadas de 1890 e 1930. Pois, se num primeiro momento eram vistos como redutos de uma cultura animista e depreciada, a partir dos anos de 1920, em especial com a Semana de Arte Moderna de 1922, que procurou valorizar uma cultura mestiça e nacional, esses candomblés ganharam uma nova interpretação. Alguns se tornaram redutos de uma intelectualidade, como Gilberto Freyre, Jorge Amado, Edison Carneiro, Arthur

²⁷⁸ MOTA, Fernando. *Influência do negro na formação religiosa do nosso povo*. In: *Jornal Pequeno*. 1.o Congresso Afro-Brasileiro: a audição de ontem no Santa Isabel. 17/11/1934.

²⁷⁹ CUNHA, Nóbrega. *A macumba no Rio de Janeiro*. In: *Jornal Pequeno*. 1.o Congresso Afro-Brasileiro: a audição de ontem no Santa Isabel. 17/11/1934.

²⁸⁰ FERNANDES, Gonçalves. *Xangôs no nordeste*. In: *Jornal Pequeno*. 1.o Congresso Afro-Brasileiro: a audição de ontem no Santa Isabel. 17/11/1934.

Ramos e tantos outros que transformaram esses espaços em “pequenas empresas”, capazes de assegurar benfeitorias sociais, como moradia, saúde e educação, exercendo, em alguns momentos, o papel do Estado.

Os trabalhos de cunho histórico e a participação política dos negros

Alguns intelectuais presentes ao I Congresso do Recife procuraram analisar a participação do negro na história nacional, em especial após o fim da abolição e no nascimento da República. José Murilo de Carvalho²⁸¹ observou que a busca de uma identidade que pudesse legitimar a República foi uma questão que permeou o imaginário dos intelectuais neste período (1889 – 1930). Em 1902, ano de publicação de *Os sertões*, Euclides da Cunha revelava um *outro Brasil* existente no interior do país, núcleo de onde poderia surgir uma nova identidade étnica. A revelação deste espaço, completamente avesso ao que existia na capital republicana, dava a tônica de dois mundos existentes e conflitantes: se de um lado havia um país que absorvia ares da civilização parisiense, do outro lado havia um país grotesco e cheio de mazelas sociais. Segundo José Murilo de Carvalho.

“A revelação de Euclides da Cunha era particularmente chocante porque se dava apenas um ano antes do início das reformas do Rio de Janeiro, no auge do espírito *Belle Époque*, que procurava dar ao país, ao menos à sua capital, ares de civilização parisiense. Era a época em que o ministro das Relações Exteriores, Rio Branco, procurava exhibir ao exterior um país com cara branca e européia. Era a época em que boa parte da intelectualidade, especialmente no Rio, era cooptada pelo governo e se perdia num consumismo exacerbado dos produtos da cultura européia”.²⁸²

Porém Euclides da Cunha não verificava um problema tão evidente: a situação do negro liberto. As explicações para esta marginalização no pensamento das elites estariam nas ideologias racistas de Gobineau e Lapouge inculcadas em conjunto com os modismos, valores e culturas que vinham da Europa. Esse processo teria seu momento inflexão na reversão desse quadro com a publicação de *Casa grande & senzala*. Sobre este aspecto, José Murilo de Carvalho observou o mérito da obra de Gilberto Freyre nos círculos

²⁸¹ CARVALHO, José Murilo de. *Entre a liberdade dos antigos e a dos modernos: a república no Brasil*. Companhia das Letras: Rio de Janeiro, 2001.

²⁸² Cf. CARVALHO, José Murilo de, *op. cit.*, p. 277.

intelectuais. Publicado em 1933, o livro de Freyre procurou romper com o pensamento racista que permeou a intelectualidade do final do século XIX e início do século XX e fazendo da população negra e conseqüentemente de sua cultura, elementos que ajudaram a gerar uma nova identidade brasileira. Dessa forma, o caboclo, o imigrante, o negro e o mestiço, tornaram-se brasileiros e elementos formadores de uma identidade nacional.

No I Congresso, observamos, então, trabalhos sobre a participação do negro na história brasileira, como *Situação do negro no Brasil* de Édison Carneiro; *Três séculos de escravidão na Parahyba* de Adhemar Vidal; *O negro na história de Alagoas* de Alfredo Brandão; *A situação do negro sob o domínio Holandês* de José Antônio Gonçalves de Melo Neto; *Organização dos Palmares* de José Valadares; *O trabalhador negro no tempo do Bangüê comparado com o trabalhador negro no tempo das usinas* de Justino de Oliveira; *A Republica do Palmares* de Mário Melo; *O negro e a sua situação atual no Brasil* de Olívio Montenegro; *Uma escrava original* de Carlos Pontes; *A Inglaterra e o trafico e Abolição e suas causas* de Jovelino de Camargo Jr. É importante ressaltar que a maioria dos trabalhos apresentados com este enfoque tratou da questão do Quilombo dos Palmares.

O trabalho de Alfredo Brandão²⁸³, *O negro na história de Alagoas*, observou a presença do negro, desde o período colonial, em Alagoas que à época pertencia à capitania de Pernambuco. “Como deixa entrever Varnhagen, e como acha muito plausível Rocha Pombo, o trafico do negro em Pernambuco começou com o seu primeiro donatário, Duarte Coelho”.²⁸⁴ Por volta de 1580, já havia a utilização de mão-de-obra negra nas terras alagoanas. “Portanto podemos concluir que o primeiro negro apareceu em Alagoas quase com o primeiro branco”.²⁸⁵ Alfredo Brandão apontava que, por volta do século XVII, em especial ao período do domínio holandês o número de escravos em Alagoas ultrapassava a quantia de cinquenta mil escravos, todos alocados em apenas quinze engenhos de açúcar, que ficavam nos distritos de Porto Calvo e Alagoas.

Palmares, então, segundo o autor, surgiu desta imensa massa de negros escravos que, por maus tratos, fugiam para as matas e florestas da região. Ocorreu uma enorme carência de mão-de-obra escrava na região, em virtude das fugas.

²⁸³ Cf. BRANDÃO, Alfredo. Os negros na história de Alagoas In: Congresso Afro-brasileiro (1:1934), p. 55.

²⁸⁴ ibidem, p. 55.

²⁸⁵ ibidem.

“É preciso notar que se havia carência de escravos nos engenhos foi, entretanto, nesse período que as matas começaram a se encher de negros fugidos, os quais formando a princípio um simples valha-couto, transformaram-se mais tarde nesse formidável agrupamento que se tornou notável na história, não só pela tenacidade com que defendeu a sua liberdade, mas ainda pelo fim trágico dos seus derradeiros defensores”.²⁸⁶

Os negros que constituíram Palmares eram angolanos, congoleses, rebolos e moçambicanos, compondo assim um caldeirão de grupos étnicos de origem africana. Segundo o autor, este conglomerado de fugitivos constituiu o maior feito heróico da raça africana em terras brasileiras, bem como o primeiro protesto do escravo sofredor e o primeiro grito de independência do Brasil.

Jovelino M. de Camargo Jr.²⁸⁷ foi outro intelectual que participou do evento, com o trabalho *Abolição e suas causas*. O autor procurou analisar a história do desenvolvimento da sociedade brasileira, desde a abolição em 1888 até o início do século XX. Observou que a condição do nosso país ser atrasado se dava pela falta de independência econômica, por estar atrelado ao imperialismo semicolonial, conservando em suas relações de produção métodos feudais e escravistas, entremeados por fórmulas do capitalismo racionalizado e com um proletariado urbano pequeno em relação à massa dos trabalhadores agrários. Apresentou ainda um outro trabalho intitulado *A Inglaterra e o tráfico*. Nesse artigo, analisou a contribuição da Inglaterra para a diminuição do tráfico de negros africanos para as Américas. Um outro ponto observado neste trabalho foi o de que com a civilização cristã, o mundo ocidental conseguiu firmar o princípio jurídico de que a condição natural do negro era o de ser escravo.²⁸⁸

Adhemar Vidal²⁸⁹ foi outro intelectual que aceitou o convite para participar do evento do Recife, apresentando um o trabalho *Três séculos de escravidão na Parahyba*.

²⁸⁶ *ibidem*, p. 56.

²⁸⁷ CAMARGO JR, Jovelino M. de. *Abolição e suas causas*. In: *Congresso afro-brasileiro*. (2:1936: Recife). Estudos afro-brasileiros. Apresentação: José Gonçalves de Mello. Recife: FUNDAJ/Massangana, 1988. Volume: 7.

²⁸⁸ CAMARGO JR, Jovelino M. de. *A Inglaterra e o tráfico*. In: *Congresso afro-brasileiro*. (2:1936: Recife). Estudos afro-brasileiros. Apresentação: José Gonçalves de Mello. Recife: FUNDAJ/Massangana, 1988. Volume: 7.

²⁸⁹ VIDAL, Adhemar. *Três séculos de escravidão na Parahyba*. In: *Congresso afro-brasileiro*. (2:1936: Recife). Estudos afro-brasileiros. Apresentação: José Gonçalves de Mello. Recife: FUNDAJ/Massangana, 1988. Volume: 7.

Nesse artigo, dividido em 13 tópicos, o autor observou como se deu à inserção e qual a importância da mão-de-obra negra na formação sócio-política para o estado da Paraíba.

Mário Mello²⁹⁰ foi outro estudioso das coisas dos negros e que participou do Primeiro Congresso Afro-brasileiro do Recife com o trabalho *A República dos Palmares*. Nesse artigo o autor procurou analisar que a destruição de Palmares, numa visão colonialista, foi eficaz para o processo administrativo do futuro da nação, observando uma grande simpatia pelos negros que fugindo da escravidão, defenderam a liberdade de modo heróico.

Sobre o mesmo tema, José Valadares²⁹¹ apresentou o trabalho *Organização dos Palmares*. Neste trabalho, procurou analisar o nascimento e toda a organização do Quilombo dos Palmares, constituído no século XVII. Como dois outros participantes do evento, José Antônio Gonçalves de Melo e Alfredo Brandão, que em seus respectivos trabalhos no Congresso se detiveram na questão do Quilombo dos Palmares, o professor José Valadares procurou dar a sua contribuição, ao argumentar, através de pesquisas e estudos realizados, sobre um dos maiores focos de resistência negra à opressão do colonizador.

Jovino da Raiz²⁹² apresentou o seguinte trabalho *O trabalhador negro no tempo do bangüê comparado com o trabalhador negro no tempo das usinas de açúcar*. Nesse artigo, o autor comparou a situação do trabalhador negro do campo, na época do bangüê, quando havia grande satisfação entre o senhor de engenho e o trabalhador negro, e o tempo das usinas de açúcar quando o trabalhador negro viu-se privado de convivência, de alimentação, de cidadania e de diversão.

O historiador Carlos Pontes²⁹³ participou do evento com um trabalho intitulado *Uma escrava original*. Nesse artigo, o autor analisou a trajetória de uma escrava de nome Cafuza Joanna Baptista que, para fugir da fome e das doenças, vendeu a si própria pela quantia de 80\$000. Esse trabalho do historiador mostrava uma nova faceta da história da

²⁹⁰ MELLO, Mario. *A República dos Palmares*. In: Congresso afro-brasileiro. (2:1936: Recife). Estudos afro-brasileiros. Apresentação: José Gonçalves de Mello. Recife: FUNDAJ/Massangana, 1988. Volume: 7.

²⁹¹ VALADARES, José. *Organização dos Palmares*. In: Jornal Pequeno. 1.o Congresso Afro-Brasileiro: a audição de hontem no Santa Isabel. 17/11/1934.

²⁹² RAIZ, Jovino da. *O trabalhador negro no tempo do bangüê comparado com o trabalhador negro no tempo das usinas de açúcar*. In: Congresso afro-brasileiro. (2:1936: Recife). Estudos afro-brasileiros. Apresentação: José Gonçalves de Mello. Recife: FUNDAJ/Massangana, 1988. Volume: 7.

²⁹³ PONTES, Carlos. *Uma escrava original*. In: Congresso afro-brasileiro. (2:1936: Recife). Estudos afro-brasileiros. Apresentação: José Gonçalves de Mello. Recife: FUNDAJ/Massangana, 1988. Volume: 7.

escravidão, que apontava, àquela época, que o negro nunca podia negociar a sua liberdade, ou a sua sobrevivência. A negra Cafuza ao negociar a própria venda, mostrava o quanto o negro podia movimentar-se em uma sociedade conservadora e não muito móvel nas relações sociais que se costumavam.

Vale também destacar o trabalho *Discurso do representante da Frente Negra Pelotense*, de Miguel Barros. Como representante e porta-voz da Frente Negra Pelotense, Miguel Barros²⁹⁴, em nome de pertencentes às frentes negras, discursava em prol de melhores condições de vida para os negros. A Frente Negra Pelotense tinha como lema: “união”, “cultura” e “igualdade”, que sempre eram evocados quando se iniciava algum tipo de movimento.

Maria do Carmo Gregório²⁹⁵ observou que inúmeras instituições e organizações foram criadas com o intuito de valorizar as contribuições dos negros à civilização brasileira. A imprensa negra, a Frente Negra Brasileira, as agremiações e clubes negros de São Paulo, o Centro de Cultura Afro-brasileiro do Recife, a Frente Negra Pelotense e a União das Seitas Afro-brasileiras da Bahia foram algumas das organizações que segundo Maria do Carmo, foram evidências da vontade dos negros de trabalharem pela sua “emancipação” econômica, social, política e cultural.

É importante observar que segundo a autora, essas instituições não eram possuidoras de um espírito segregador, muito pelo contrário, negros, mulatos, mestiços, caboclos e brancos eram elementos importantíssimos na manutenção dessas entidades. O que se propunha era uma “política racial” de cunho valorizativo com o intuito de integração do negro à sociedade brasileira. É importante salientar que a Frente Negra Brasileira²⁹⁶, criada em São Paulo, no início da década de 1930, teve um papel fundamental na luta pela inserção do negro na sociedade brasileira, pois visava à sua integração. Rapidamente, sua doutrina tomou corpo e se espalhou por outros estados do Brasil, como Pernambuco, reforçando-se a idéia da construção de um projeto intelectual de proporção

²⁹⁴ Cf. BARROS, Miguel. Discurso do representante da Frente Negra Pelotense In: *Estudos afro-brasileiros* (1:1934).

²⁹⁵ Cf. GREGÓRIO, Maria do Carmo. *Solano Trindade: raça e classe, poesia e teatro na trajetória de um afro-brasileiro* (1930 – 1960).

²⁹⁶ Esta instituição foi criada em 1931 e funcionou até o ano de 1932, quando ocorreu em seu interior uma divergência entre as lideranças, que levou a cisão do movimento e da Frente Negra Brasileira, no estado de São Paulo, e o seu objetivo era o de criar mecanismos que pudesse reivindicar e exigir direitos sociais para os negros, que durante muito tempo, devido ao estigma da escravidão, ficaram alijados dos seus direitos enquanto cidadãos, além de combater o preconceito racial que alimentava a exclusão social e a miséria. *ibidem*, p. 24.

nacional. Para Maria do Carmo Gregório, um dos desdobramentos desse projeto foi o alavancamento dos estudos afro-brasileiros que tiveram, a princípio, no Primeiro Congresso Afro-brasileiro do Recife, um pilar significativo²⁹⁷.

Para a autora, o que se mostrava visível nos discursos de algumas lideranças dessas frentes negras era uma possível negação de uma identidade africana em favor de uma identidade brasileira. Tal pensamento se fazia presente devido à necessidade de serem aceitos enquanto cidadãos e pela mobilidade diferenciada entre o negro e o imigrante estrangeiro. Esse processo diferenciativo ganhava força devido às barreiras raciais existentes e a mudança desse mal-estar estaria, segundo alguns intelectuais e fundadores das frentes negras como José Correia Leite²⁹⁸, estava na promoção em larga escala da educação e da inserção ao trabalho operariado.

Dentro da perspectiva de uma cultura afro-brasileira havia a idéia de uma valorização de um patrimônio cultural, presente, em especial, a partir da década de 1920. A formação de uma nova intelectualidade como: Gilberto Freyre, Mário de Andrade, José Lins do Rego, Jorge Amado, Câmara Cascudo e outros mais defenderiam a idéia de que a civilização brasileira era mestiça porque era mestiço o seu arcabouço cultural, advindo das várias etnias que constituíram a nação brasileira. Segundo a autora: “A meta-raça nacional, ícone representativo do povo brasileiro, como queria Freyre, possuía como marca cultural ‘a influência negra’”.²⁹⁹ No conceito de “afro-brasileiro” estaria contido a idéia de mestiçagem e de nacionalidade que tinha na mistura das raças, entre negros e brancos, uma possível mobilidade e ascensão social por parte do negro e do mestiço.

Coube aos congressos afro-brasileiros (Recife – 1934 e Salvador – 1937) a função primordial de promover tais estudos em favor da valorização do negro brasileiro e de uma cultura nacional mestiça. Toda essa produção intelectual em relação ao negro ocorria mediante a realização desses eventos, em parceria com uma imprensa negra e da criação das Frentes Negras que surgiriam em diversos pontos do país. Todo esse conjunto valorizativo tinha por finalidade a construção de um sentimento de pertencimento àqueles

²⁹⁷ ibidem, p. 24. Cf. também: OLIVEIRA, Waldir Freitas & LIMA, Vivaldo da Costa. Cartas de Édison Carneiro a Arthur Ramos. São Paulo: Corrupio, 1987. p. 24.

²⁹⁸ José Correia Leite em conjunto com Francisco Lucrécio e Raul Joviano do Amaral, fundaram a 16 de setembro de 1931, a Frente Negra Nacional cuja sede social e central localizava-se na rua da Liberdade. Sua estrutura organizacional já era bastante complexa, pois era dirigida por um grande conselho constituído de 20 membros, além de um conselho auxiliar, formado pelos cabos distritais da capital. Cf. MOURA, Clóvis. História do Negro Brasileiro. São Paulo: Editora Ática S.A, 1992.

²⁹⁹ Cf. GREGÓRIO, Maria do Carmo, op. cit., p. 27.

que, durante muito tempo, ficaram à margem da sociedade brasileira. Havia a necessidade de criar uma memória cujas bases deitar-se-iam em um passado africano e integrado a nacionalidade brasileira, com a função de não permitir a cisão e a destruição da identidade nacional que se formava nesse processo de institucionalização política, iniciado com o fim da Primeira República. Para a autora, o Primeiro Congresso Afro-brasileiro do Recife, inicialmente, teve essa função de estabelecer uma relação forte e duradoura entre as origens africanas e a sociedade brasileira da década de 1930. Os trabalhos reunidos no Congresso do Recife foram todos compilados e transformados em anais que tiveram como objetivos a preocupação e a necessidade de abordar o negro (brasileiro e africano) e a sua cultura sob todos os aspectos: político, econômico, social e cultural, apontando para uma necessidade de parte da intelectualidade em legitimar um discurso de defesa do negro, dentro e fora do mundo acadêmico.

<i>Participantes</i>	<i>Trabalhos no I Congresso</i>
A. Austregesilo	A mestiçagem no Brasil como fator eugênico
Abelardo Duarte	Grupos sanguíneos da raça negra
Aderbal Jurema	Potencial revolucionário do negro americano
Adhemar Victor de Menezes Vidal	Negros fugidos na Paraíba
	Três séculos de escravidão na Parahyba
Affonso Costa	Congresso Afro-brasileiro
Alfredo Brandão de Castro Ferreri	O negro na história de Alagoas
Álvaro de Faria	O problema da tuberculose no preto e no branco e relações de resistência racial.
Apolinario Gomes, Oscar Almeida (babalorixás), Santa (iyalorixa)	Receitas de quitutes afro-brasileiros
Arthur Ramos	Religiões no Brasil

	Mitos de Xangô e sua degradação no Brasil
Ascenço Carneiro Gonçalves Ferreira	O que eu devo à influência negra?
Astrogildo Pereira Duarte Silva	O negro e a sua situação atual no Brasil
Augusta Moreira	Juliano Moreira e o problema do negro e do mestiço no Brasil
Bastos de Avila	Contribuição ao estudo do índice de Lapicque
	O negro em nosso meio escolar
Carlos Pontes	Uma escrava original
Cícero dos Santos Dias	Dois trabalhos e xilogravura sobre “o negro no Brasil
Clarival do Prado Valladares	Uma exposição de um estandarte, bonecas e colares da rainha do maracatu de Pernambuco que na época do evento era a senhora Albertina de Fleury
Cunha Lopes e J. Candido de A. Reis	Ensaio ethno-psiquiátrico sobre negros e mestiços
Diógenes Junior	O negro na música do nordeste
Edgar Roquette Pinto	Prefacia o primeiro volume dos anais do Primeiro Congresso Afro-brasileiro do Recife de 1934
Edison de Souza Carneiro	Situação do negro no Brasil e Xangô
	Xangô
Ernani Braga e Vicente Fittipaldi	Bamilê Odé, Xuxuaglô, Ogundê-narêrê, Oguntóberinan, Ogunde-Xangôdê, Ogun-Kaloxó e ô Kinimba, Kinimba
Fernando Mota	Influência do negro na formação religiosa do nosso povo.
Geraldo Osório de Oliveira Andrade	Psicologia do afro-brasileiro
	Nota anthropologica sobre os mulatos pernambucanos
	Não consta do outro quadro
Gilberto Freyre	O negro na arte popular e doméstica de Pernambuco
	Deformações de corpo dos negros fugidos
	O que foi o 1º Congresso Afro-Brasileiro do Recife

Gonçalves Fernandes	Xangôs no Nordeste
J. Robalinho Cavalcanti	O recém-nascido branco, negro e mulato
Jacques Raymundo	Ohum eniadudu
Jarbas Pernambucano de Mello	A maconha em Pernambuco
Jorge Amado	Biblioteca do povo e coleção moderna
José Antonio Gonsalves de Mello Neto	A situação do negro sob o domínio holandês
José Lins do Rego	Xangô em Alagoas
José Octavio de Freitas	Doenças trazidas pelos negros
José Valadares	Organização dos Palmares
Jovelino M. de Camargo Jr.	Abolição e suas causas
	A Inglaterra e o tráfico
Justino de Oliveira	O trabalhador negro em Pernambuco.
Luis da Câmara Cascudo	Notas sobre o catimbó
Luiz Robalinho Cavalcanti	Longevidade do branco, do negro e do mulato no Brasil
Mário Raul de Moraes Andrade	A calunga dos maracatus
Mário Marroquino	A mestiçagem no Brasil como fato eugênico
Mário Carneiro do Rego Melo	Os negros do Palmares ou A Republica dos Palmares
Melville Jean Herskovit	Procedência dos negros no Novo Mundo
	A arte do bronze e do pano em Daomé
Miguel Barros	Discurso do representante da frente negra Pelotense
Nair de Andrade	Musicalidade do escravo negro no Brasil
Nóbrega da Cunha	A macumba no Rio de Janeiro
Odorico Tavares	O negro e a poesia brasileira
Olívio Montenegro	O negro e a sua situação atual no Brasil
Paulo Barros	O negro na obra de Silvio Romero
Pedro Cavalcanti	Seitas africanas no Recife
Renato Mendonça	O negro no folclore e na literatura do Brasil
Rodolfo Garcia	Vocabulário nagô
Rodrigues de Carvalho	Influência etnológica do negro no Brasil

	Aspectos da influência africana na formação social do Brasil
Rubens Saldanha	Influência indiana do negro no espírito do direito nacional
Ruy Coutinho	Alimentação e estado nutricional do escravo no Brasil
Samuel Campello	Fizeram os negros teatro no Brasil?
Sylvio Rabello	Apresentou uma reunião na seção de psicologia social sobre o tamanho do crânio do indivíduo
Ulysses Pernambucano de Mello Sobrinho	Doenças mentais entre os negros de Pernambuco
Ulysses Pernambucano de Mello Sobrinho, Arnaldo di Lascio, Jarbas Pernambucano e Almir Guimarães	Alguns dados anthropologicos da população do Recife
Waldir Cavalcanti	Ensaio etno-psiquiátrico sobre negros e mestiços

Conclusão.

O Primeiro Congresso Afro-brasileiro do Recife, acreditamos poder afirmar, cumpriu um papel importante para a época por pretender estudar a trajetória do negro e a sua importância para o processo de formação da identidade sócio-cultural do país, principalmente, a partir do desenvolvimento de discussões sobre o papel do negro no pós-abolição. E fazer tal afirmação não significa desconsiderar às críticas ao Congresso, nem tomá-lo como um verdadeiro marco de ruptura dos estudos afro-brasileiros. Mas tão somente considerar o lugar desse Congresso na divulgação, circulação e fomentação de pesquisas que tomaram os negros sem a marca exclusiva da degeneração e como elementos constitutivos de uma identidade cultural e nacional.

Na década de 1930, houve um aumento de atividades na área cultural, principalmente com a realização de congressos e movimentos de valorização de uma cultura mestiça e negra, como as frentes negras, o Teatro Experimental do Negro, a União das Seitas Afro-brasileiras e os Congressos afro-brasileiros. Por outro lado, podemos observar que, com o passar do tempo, muitos estudiosos sobre a cultura afro-brasileira, foram se separando da visão de Nina Rodrigues. Esses estudos passaram a ter por base uma leitura distanciada do evolucionismo, que na virada do século XIX para o século XX era muito corrente, e mesmo da visão racista, adotada por estudiosos no final do século XIX.

Para reverter este tipo de pensamento, é preciso ressaltar a contribuição de muitos intelectuais como Edison Carneiro, Ulysses Pernambucano, Mario de Andrade. Em “Macunaíma”¹⁸⁸, de 1928, Mário de Andrade, a partir das andanças de Macunaíma, desfraldava um Brasil doente socialmente, mostrando que o problema em relação ao atraso da nação não se centrava sobre questões biológicas ou raciais, como fora entendido

188 A obra chamada de rapsódia pelo seu autor Mário de Andrade é constituída a partir de inúmeras lendas que misturam, acima de tudo, superstições, vários provérbios e muitas anedotas, com o intuito de fugir de todas as regras de verossimilhança. Nessa obra, a questão de tempo e espaço não obedecem a nenhuma idéia de verdade e a idéia do que é real e surreal, confronta-se o tempo todo. O material que serve de matéria prima, é o processo de constituição do Brasil a partir das três raças principais: o negro, o branco e o índio, pois segundo Cavalcanti Proença – “Macunaíma” (personagem central dessa narrativa), tem como origem o negro e o índio, depois, com o passar do tempo torna-se esteticamente um europeu de olhos azuis, mas sua alma, segundo o autor, permanece negra-índia. Seu próprio nome representa a mistura racial e algumas características peculiares suas. Assim, a preguiça, a falta de caráter e a malícia seriam resultados da mistura de várias etnias que constituiria o Brasil. PROENÇA, Cavalcanti. Roteiro de Macunaíma. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969.

anteriormente por outros intelectuais como Silvio Romero e Euclides da Cunha, mas no descaso que havia em relação a boa parte da população.

Mas a Gilberto Freyre, talvez, se deva uma consideração à parte, pois, em *Casa-Grande & Senzala*, atribuiu ao escravo uma importância ímpar e decisiva na formação brasileira. Com Gilberto Freyre e *Casa grande & senzala*, segundo Roberto Motta, pudemos ter uma visão de nós mesmos. “A diferença entre o Brasil da década dos vinte e o de hoje é que os brasileiros se descobriram a si próprios”.¹⁸⁹ É interessante observar como o autor trata os cultos afro-brasileiros, mesmo não mergulhando nesse universo, de modo descritivo, apontando um caráter etnográfico de metodologia. Em especial há uma preocupação em apresentar o negro como ser ativo no processo de construção da identidade nacional, rompendo com a visão racista que permeou os trabalhos anteriores:

“Separados dos traços de raça os efeitos do ambiente ou da experiência cultural, aprendi a considerar fundamental a diferença entre raça e cultura; a discriminar entre os efeitos de relações puramente genéticas e os de influências sociais, de herança cultural e de meio”¹⁹⁰.

Roberto Motta observou que, a partir dos anos de 1930 e da realização dos dois congressos afro-brasileiros, a produção intelectual voltada a analisar o negro e a cultura negra passou por um enorme processo de mudanças. Na visão de muitos estudiosos, a realização do Primeiro Congresso Afro-brasileiro do Recife foi muito fecunda, principalmente, por conceber novos métodos de análises e estudos em relação ao negro. Para Roberto Motta: “Ficou Gilberto e ficou o Recife”¹⁹¹.

Assim, se o Primeiro Congresso Afro-brasileiro do Recife não se mostrou um ponto de chegada, pode ter sido um ponto de partida para muitas das mudanças nos estudos afro-brasileiros durante o século XX.

¹⁸⁹ Ibidem. Pg. 55.

¹⁹⁰ FREYRE, Gilberto. Casa grande & senzala. 5ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1946.

¹⁹¹ MOTTA, Roberto. De Nina Rodrigues a Gilberto Freyre: estudos afro-brasileiros 1896 – 1934, Revista do Arquivo Público do Recife. Recife, vol. 31-32, nº 33 - 34, 1977 – 1978. p. 58.

Bibliografia.

Periódico.

Jornal Pequeno do Recife.

Fontes secundárias.

ABREU, Martha. O império do divino. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

ALMEIDA, Renato. História da Música Brasileira. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora Schimid, 1942.

AMARAL, Aracy. Artes plásticas na semana de 22. 4ª edição, Perspectivas: Rio de Janeiro, 1970.

AMARAL, Rita de Cássia. Awon xirê - A festa de candomblé como elemento estruturante da religião.” In: MOURA, Carlos Eugênio Marcondes de (org.). Leopardo dos Olhos de Fogo. São Paulo: Atelier Editores, 1998.

_____. Povo-de-santo, povo-de-festa. O estilo de vida dos adeptos do candomblé paulista. São Paulo: FFLCH/USP. Dissertação de Mestrado, 1992.

ALMEIDA, Horácio de. Contribuição para uma bibliografia paraibana. Rio de Janeiro: 1972.

ALMEIDA, Ricardo Cariello de - A Higienização da Psicanálise: um projeto dos leitores de Freud no Rio de Janeiro dos anos 20 e 30. Dissertação de mestrado apresentada ao curso de Pós Graduação em História da Universidade Federal Fluminense, 1995.

AMADO, Jorge. Bibliotheca do povo’ e ‘coleção moderna. In: Congresso afro-brasileiro. (2:1936: Recife). Estudos afro-brasileiros. Apresentação: José Gonçalves de Mello. Recife: FUNDAJ/Massangana, 1988. Volume: 7.

ANDRADE, Geraldo. Nota anthropológica sobre os mulatos pernambucanos. In:

Congresso afro-brasileiro. (2:1936: Recife). Estudos afro-brasileiros. Apresentação: José

Gonçalves de Mello. Recife: FUNDAJ/Massangana, 1988. Volume: 7.

ANDRADE, Nair. Musicalidade do escravo negro no Brasil. In: Congresso afro-brasileiro.

(2:1936: Recife). Estudos afro-brasileiros. Apresentação: José Gonçalves de Mello.

Recife: FUNDAJ/Massangana, 1988. Volume: 7.

ARAÚJO, Ricardo Benzaquen. Guerra e paz: Casa grande & senzala e a obra de Gilberto

Freyre nos anos 30. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento. Florestan Fernandes e a Escola Paulista. In:

Miceli, Sérgio (org.) História das Ciências Sociais no Brasil. São Paulo: FAPESP, 1995.

AUSTREGÉSILO, Antônio. A mestiçagem no Brasil como fator eugênico. In: Congresso

afro-brasileiro. (2:1936: Recife). Estudos afro-brasileiros. Apresentação: José Gonçalves

de Mello. Recife: FUNDAJ/Massangana, 1988. Volume: 7.

ÁVILA, Bastos. Contribuição ao estudo do índice de Lapicque. In: Congresso afro-

brasileiro. (1:1934: Recife). Estudos afro-brasileiros. Apresentação: José Gonçalves de

Mello. Recife: FUNDAJ/Massangana, 1988. Volume: 6.

_____. O negro em nosso meio escolar. In: Congresso afro-brasileiro. (1:1934: Recife).

Estudos afro-brasileiros. Apresentação: José Gonçalves de Mello. Recife:

FUNDAJ/Massangana, 1988. Volume: 6.

AUGE, Marc. Por uma Antropologia dos mundos contemporâneos. Rio de Janeiro:

Bertrand Brasil, 1997.

BACZKO, Bronislaw. Imaginação social. In: ENCICLOPÉDIA EINAUDI. Lisboa:

Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985. vol. 5.

BARRETTO, Maria Amália P. Os voduns do Maranhão. São Luís: FUNC, 1977.

BARROS, José Flávio Pessoa de. O segredo das folhas. Sistema de classificação de vegetais no candomblé jêje-nagô do Brasil. Rio de Janeiro: Pallas/UERJ, 1993.

BASTIDE, Roger. As Religiões africanas no Brasil. 3ªed.. São Paulo: Pioneira, 1989.

- BEOZZO, J. O.. A Igreja entre a Revolução de 30, o Estado Novo e a Redemocratização. In: FAUSTO, Bóris (org.). História Geral da Civilização Brasileira. São Paulo: Difel, 1984. Tomo III, vol. 4.
- BITTENCOURT, Liberato. Homens do Brasil. In: Parahybanos ilustres, vol. III. Rio de Janeiro: Gomes Pereira, 1914.
- BORGES, Geninha da Rosa. Teatro de Santa Isabel: nascedouro & permanência. Recife: Cepe, 2000.
- BOURDIEU, P. A economia das trocas simbólicas. São Paulo: Perspectiva, 1987.
- _____. O poder simbólico. Lisboa: Difel, 1989.
- BRAGA, Ernani. Toadas de Xangô. In: Congresso afro-brasileiro. (2:1936: Recife). Estudos afro-brasileiros. Apresentação: José Gonçalves de Mello. Recife: FUNDAJ/Massangana, 1988. Volume: 7.
- BRANDÃO, Alfredo. Viçosa de Alagoas e a escrita pré-histórica. Civilização brasileira, Pernambuco: 2005.
- _____. Os negros na história de Alagoas. In: Congresso afro-brasileiro. (2:1936: Recife). Estudos afro-brasileiros. Apresentação: José Gonçalves de Mello. Recife: FUNDAJ/Massangana, 1988. Volume: 7.
- BURKE, Peter (org.). A escrita da História: novas perspectivas. São Paulo: UNESP, 1992.
- CAES, André Luiz. A Igreja Católica no Brasil: as estratégias da reestruturação, 1890 – 1934. Cadernos de História Social, Campinas, n. 1, jun. 1995.
- CAMARGO JR, Jovelino M. de. Abolição e suas causas. In: Congresso afro-brasileiro. (2:1936: Recife). Estudos afro-brasileiros. Apresentação: José Gonçalves de Mello. Recife: FUNDAJ/Massangana, 1988. Volume: 7.
- _____. A Inglaterra e o tráfico. In: Congresso afro-brasileiro. (2:1936: Recife). Estudos afro-brasileiros. Apresentação: José Gonçalves de Mello. Recife: FUNDAJ/Massangana, 1988. Volume: 7.
- CAMPELLO, Samuel. Fizeram os negros teatro no Brasil? In: Congresso afro-brasileiro.

- (2:1936: Recife). Estudos afro-brasileiros. Apresentação: José Gonçalves de Mello.
Recife: FUNDAJ/Massangana, 1988. Volume: 7.
- CARPEAUX, Otto Maria. Pequena bibliografia crítica da literatura brasileira. Letras e Artes: Rio de Janeiro, 1964.
- CARNEIRO, Édison. Religiões Negras. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1936.
- _____. Evolução dos estudos de folclore no Brasil. In: Centro de estudos afro-asiáticos. Nº 33, 1945.
- _____. O problema do negro. In: Cadernos brasileiros. Ano: VIII, nº 5, set./out. 1966.
- _____. Situação do negro no Brasil. In: Congresso afro-brasileiro. (2:1936: Recife). Estudos afro-brasileiros. Apresentação: José Gonçalves de Mello. Recife: FUNDAJ/Massangana, 1988. Volume: 7.
- _____. Xangô. In: Congresso afro-brasileiro. (2:1936: Recife). Estudos afro-brasileiros. Apresentação: José Gonçalves de Mello. Recife: FUNDAJ/Massangana, 1988. Volume: 7.
- CARVALHO, José Murilo de. A formação das almas: o imaginário da República no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- _____. Os bestializados: o Rio de Janeiro e República que não foi. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- _____. Entre a liberdade dos antigos e a dos modernos: a república no Brasil. Companhia das Letras: Rio de Janeiro, 2001.
- CARVALHO, Maria Alice Rezende de (org). República no Catete. Rio de Janeiro: Museu da República, 2001.
- CARVALHO, Rodrigues de. Aspectos da influencia africana na formação social do Brasil. In: Congresso afro-brasileiro. (2:1936: Recife). Estudos afro-brasileiros. Apresentação: José Gonçalves de Mello. Recife: FUNDAJ/Massangana, 1988. Volume: 7.
- CAVALCANTI, Luis. Robalinho. Longevidade. In: Congresso afro-brasileiro. (2:1936:

- Recife). Estudos afro-brasileiros. Apresentação: José Gonçalves de Mello. Recife: FUNDAJ/Massangana, 1988. Volume: 7.
- CAVALCANTI, J. Robalinho. O recém-nascido branco, negro e mulato. In: Congresso afro-brasileiro. (2:1936: Recife). Estudos afro-brasileiros. Apresentação: José Gonçalves de Mello. Recife: FUNDAJ/Massangana, 1988. Volume: 7.
- CORRÊA, Mariza. As ilusões da liberdade: a Escola Nina Rodrigues e a antropologia no Brasil. Bragança Paulista: Edusf, 1998.
- CASCUDO, Luiz da Câmara. Notas sobre o catimbó. In: Congresso afro-brasileiro. (2:1936: Recife). Estudos afro-brasileiros. Apresentação: José Gonçalves de Mello. Recife: FUNDAJ/Massangana, 1988. Volume: 7.
- CASTRO, Oscar de Oliveira. Vultos da Paraíba. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1955.
- COSTA, Emília Viotti. Da Monarquia à República: momentos decisivos. 5a ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- COUTINHO, Edilberto. A imaginação do real: uma leitura da ficção de Gilberto Freyre. Livraria J. Olympio e Editora em convênio com o Instituto Nacional do Livro, Fundação Nacional Pró-Memória, Rio de Janeiro, 1983.
- COUTINHO, Ruy. Alimentação e estado nutricional do escravo no Brasil. In: Congresso afro-brasileiro. (2:1936: Recife). Estudos afro-brasileiros. Apresentação: José Gonçalves de Mello. Recife: FUNDAJ/Massangana, 1988. Volume: 7.
- CAVALCANTI, Pedro. As seitas africanas do Recife. In: Congresso afro-brasileiro. (2:1936: Recife). Estudos afro-brasileiros. Apresentação: José Gonçalves de Mello. Recife: FUNDAJ/Massangana, 1988. Volume: 7.
- Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro pós 1930. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2001.

5v.

DORSON, Richard M. Obituary: Melville J. Herskovits, 1895-1963, O jornal do folklore americano. Vol. 76, nº. 301 (julho - setembro, 1963), pp. 249-250.

_____. Elementos africanos na música e na dança brasileira. In: Cadernos brasileiros. Número especial, Rio de Janeiro: 1962.

DUARTE, Abelardo. Grupos sanguíneos da raça negra. In: Congresso afro-brasileiro. (2:1936: Recife). Estudos afro-brasileiros. Apresentação: José Gonçalves de Mello. Recife: FUNDAJ/Massangana, 1988. Volume: 7.

FARIA, Álvaro de. O problema da tuberculose no preto e no branco e relações de resistência racial. In: Congresso afro-brasileiro. (2:1936: Recife). Estudos afro-brasileiros. Apresentação: José Gonçalves de Mello. Recife: FUNDAJ/Massangana, 1988. Volume: 7.

FEIJÓ, Martin Cezar. O revolucionário Cordial, Boitempo, São Paulo, 2001.

FERNANDES, Florestan, BASTIDE, Roger. Brancos e Negros em São Paulo. São Paulo: Nacional, 1971.

_____. Arthur Ramos 1903 – 1949, Revista do Museu Paulista, Volume 04, Museu Paulista: São Paulo, 1950.

FERREIRA, Ascenso. Poemas: Catimbó, Cana caiana, Xenhenhém. Recife: Nordestal, 1981.

FERREIRA, Marieta de Moraes, AMADO, Janaína. Usos e abusos da História Oral. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

FERRETI, Mundicarmo Maria Rocha. De segunda a domingo, etnografia de um mercado coberto: Mina uma religião de origem africana. São Luis: SIOGE, 1985.

FERRETI, Sérgio Figueiredo. Querebatan de Zomanodu: etnografia da Casa das Minas. São Luis: Editora da Universidade de São Luis do Maranhão, 1986.

FREYRE, Gilberto. O que foi o Primeiro Congresso Afro-brasileiro do Recife. In: Congresso afro-brasileiro. (1:1934: Recife). Estudos afro-brasileiros. Apresentação: José

- Antônio Gonsalves de Mello. Recife: FUNDAJ/Massangana, 1988.
- _____. Deformações de corpo dos negros fugidos. In: Congresso afro-brasileiro. (2:1936: Recife). Estudos afro-brasileiros. Apresentação: José Gonçalves de Mello. Recife: FUNDAJ/Massangana, 1988. Volume: 7.
- _____. Região e tradição. Rio de Janeiro: José Olympio, 1942.
- _____. Casa-Grande e Senzala. 5ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1946.
- GARCIA, Rodolfo. Vocabulário nagô. In: Congresso afro-brasileiro. (1:1934: Recife). Estudos afro-brasileiros. Apresentação: José Gonçalves de Mello. Recife: FUNDAJ/Massangana, 1988. Volume: 6.
- GEERTZ, C.. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.
- GENOVESE, E. Roll, Jordan, roll: the world the slaves made. Pantheon: New York, 1972.
- GINZBURG, C.. Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- GOLDSTEIN, Ilana Seltzer. O Brasil best seller de Jorge Amado: literatura e identidade nacional. Senac: Rio de Janeiro, 2000.
- GOMES, Angela de Castro Essa gente do Rio... os intelectuais cariocas e o modernismo. Estudos Históricos, volume 6, Rio de Janeiro, 1993.
- _____. Em família: a correspondência de Oliveira Lima e Gilberto Freyre. Editora Mercado: Rio de Janeiro, 2004.
- GONÇALVES, Fernandes. Xangôs do Nordeste. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1937.
- GREGÓRIO, Maria do Carmo. Solano Trindade: raça e classe, poesia e teatro na trajetória de um afro-brasileiro (1930 – 1960). Rio de Janeiro: UFRJ/IFCS, Dissertação de mestrado, 2005.
- GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. Cor, classe e *status* nos estudos de Pierson, Azevedo e Harris na Bahia 1940 – 1960 In: MAIO, Marcos Chor & SANTOS, Ricardo

- Ventura (orgs.). Raça, ciência e sociedade. Rio de Janeiro: FIOCRUZ/CCBB, 1996.
- HEALEY, Mark. Os desencontros da tradição em A cidade das mulheres: raça e gênero na etnografia de Ruth Landes. Cadernos Pagu, Rio de Janeiro, v. 6/7, 1996.
- HERSKOVITS, Melville J. Procedência dos negros no novo mundo. In: Congresso afro-brasileiro. (2:1936: Recife). Estudos afro-brasileiros. Apresentação: José Gonçalves de Mello. Recife: FUNDAJ/Massangana, 1988. Volume: 7.
- _____. A arte do bronze e do pano em Dahomé. In: Congresso afro-brasileiro. (2:1936: Recife). Estudos afro-brasileiros. Apresentação: José Gonçalves de Mello. Recife: FUNDAJ/Massangana, 1988. Volume: 7.
- HOBBSAWM, Eric & RANGER, Terence (org.). A invenção das tradições. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- Ícones de Pernambuco. In: Jornal do Commercio. Recife, fascículo 5 [encarte], 29 abr. 2004.
- KONDER, Leandro. Intelectuais brasileiros e marxismo, Oficina de Livros, BH, 1991.
- LANDES, Ruth. A cidade das mulheres. 2º ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002.
- LEAL, Eneida. Os Orixás no Brasil. Rio de Janeiro: Spala Editora, 1988.
- LEAL, Vitor Nunes. Coronelismo, enxada e voto: o município e o regime representativo no Brasil. 2ª ed. São Paulo: Alfa-Omega, 1975.
- LEITE, José Correia. Depoimento. In.: QUILOMBHOJE. São Paulo: Fundo Nacional de Cultura, 1998.
- LIMA, Sérgio. Edgar Roquette Pinto: o primeiro radialista brasileiro. Editora Massangana, Pernambuco, 1996.
- LIMA, Vivaldo da Costa. A família de Santo nos candomblés Gêge-nagôs da Bahia: um estudo das relações intergrupais. Salvador, 1977. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Universidade Federal da Bahia.
- LODY, Raul, Espaço - Orixá - Sociedade: Arquitetura e Liturgia do Candomblé. 2ª ed. Salvador: Ianamá, 1988.

- LOPER, Cunha & REIS, J. Candido de A. Ensaio ethno-psiquiátrico sobre negros e mestiços. In: Congresso afro-brasileiro. (1:1934: Recife). Estudos afro-brasileiros. Apresentação: José Gonçalves de Mello. Recife: FUNDAJ/Massangana, 1988. Volume: 6.
- LUSTOSA, Oscar de Figueiredo. A Igreja católica no Brasil-República: cem anos de compromisso: 1889 - 1989. São Paulo: Ed. Paulinas, 1991. (Coleção estudos e debates latino-americanos).
- MAGGI, Yvone. Medo do feitiço: relações entre magia e poder no Brasil. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1992.
- MARINHO, Roberval José. Arte e Educação no Universo Cultural Nàgó: o Ilê Ase Opó Àfónjã: um estudo de caso 1977 - 1978. São Paulo, 1989. Tese (Doutorado em Arte) – Universidade de São Paulo.
- MEDEIROS, Adailson. Ulysses Pernambucano, psicólogo In: ROSAS, Paulo (org.), Memórias da psicologia em Pernambuco. Recife: UFPE, editora Universitária/Conselho Regional de Psicologia, 2001. p. 67 – 81.
- MELLO, José Antônio Gonçalves de. Uma reedição necessária In: Congresso afro-brasileiro. (1:1934: Recife). Estudos afro-brasileiros. Apresentação: José Gonçalves de Mello. Recife: FUNDAJ/Massangana, 1988. v. 6.
- _____. A situação do negro sob o domínio hollandez. In: Congresso afro-brasileiro. (2:1936: Recife). Estudos afro-brasileiros. Apresentação: José Gonçalves de Mello. Recife: FUNDAJ/Massangana, 1988. Volume: 7.
- MELLO, Mario. A República dos Palmares. In: Congresso afro-brasileiro. (2:1936: Recife). Estudos afro-brasileiros. Apresentação: José Gonçalves de Mello. Recife: FUNDAJ/Massangana, 1988. Volume: 7.
- MENDONÇA, Renato. O negro e a cultura no Brasil. In: O negro no Brasil. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira Editora, 1940.
- _____. O negro no folk-lore e na literatura do Brasil. In: Congresso afro-brasileiro. (1:1934: Recife). Estudos afro-brasileiros. Apresentação: José Gonçalves de Mello. Recife: FUNDAJ/Massangana, 1988. Volume: 6.

- MENEZES, Diogo Melo. Gilberto Freyre. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1944.
- MIRANDA, Waldemir. Vida médica em Pernambuco. scientia et caritas. Recife: Sociedade de Medicina de Pernambuco, 1974.
- MONTENEGRO, Olívio. Memórias do Ginásio Pernambucano. Recife: Assembléia Legislativa de Pernambuco, 1979.
- MOREIRA, Augusta (viúva Juliano Moreira). Juliano Moreira e o problema do negro e do mestiço no Brasil. In: Congresso afro-brasileiro. (2:1936: Recife). Estudos afro-brasileiros. Apresentação: José Gonçalves de Mello. Recife: FUNDAJ/Massangana, 1988. Volume: 7.
- MOREIRA, Juliano. As diretrizes da Higiene Mental entre nós. In: Revista de medicina e higiene militar. Rio De Janeiro, 1922.
- MORICONI, Ítalo (org.). Os cem melhores poemas brasileiros do século. Editora Objetiva: Rio de Janeiro, 2001.
- MOTA, Mauro. O Ginásio e seu memorialista. In: MONTENEGRO, Olívio. Memórias do Ginásio Pernambucano. Recife: Assembléia Legislativa de Pernambuco, 1979.
- MOTTA, Roberto. De Nina Rodrigues a Gilberto Freyre: estudos afro-brasileiro 1896.
- MOURA, Carlos Eugenio Marcondes de. Orixás, voduns, inquices, caboclos, encantados e loas: bibliografia complementar. In: Candomblé - desvendando identidades: novos escritos sobre a religião dos Orixás. São Paulo: EMW Editores, 1987.
- MOURA, Clóvis. História do Negro Brasileiro. São Paulo: Editora Ática S.A, 1992.
- NASCIMENTO, Iris S. Salles do. O espaço do terreiro e o espaço da cidade: cultura negra e estruturação do espaço nos séculos XIX e XX. Salvador, 1989. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) - Universidade Federal da Bahia.
- Notas de Arte - Sociedade de Cultura Artística. In : Diário da Manhã. Ribeirão Preto, 12 de novembro de 1929.

- OLIVEIRA, Elza Régis de. Documentos para a história da Paraíba. In: Arquivo Histórico Ultramarino, João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba – Núcleo de documentação e informação histórica regional, 1978, 2 vols.
- OLIVEIRA, Lucia Lippi. A questão nacional na Primeira República. São Paulo: Brasiliense, 1990. p. 55 -56.
- OLIVEIRA, Naldo. A força do Catimbó e suas verdadeiras orações. Editora Pallas: Rio de Janeiro, 2000.
- OTAVIO, Rodrigo. Festas nacionais. Rio de Janeiro: Briguiet, 1893.
- PEARSON, Donald. O candomblé da Bahia, Curitiba: Guaíra, 1942.
- PEIXOTO, Afrânio. À memória de Juliano Moreira: fundador e presidente da Academia (ata da sessão Ordinária de 23 de maio de 1933) In: Anais da Academia Brasileira de Ciências. Tomo V, n 2, junho 1933.
- PERÉA, Romeu. Três nordestinos ilustres no campo da educação e no terreno da cultura. Recife: Arquivo Público Estadual, 1962.
- PEREIRA, Astrogildo. Construindo o PCB (1922-1924). São Paulo: Ed. Ciências Humanas, 1980.
- _____. O negro e a sua situação atual no Brasil. In: Congresso afro-brasileiro. (2:1936: Recife). Estudos afro-brasileiros. Apresentação: José Gonçalves de Mello. Recife: FUNDAJ/Massangana, 1988. Volume: 7.
- Pernambucanidade consagrada: discursos de Gilberto Freyre e Waldemar Lopes na Academia Pernambucana de Letras Recife: Editora Massangana, 1987.
- PERNAMBUCANO, Ulysses. As doenças mentaes entre os negros de Pernambuco. In: Congresso afro-brasileiro. (2:1936: Recife). Estudos afro-brasileiros. Apresentação: José Gonçalves de Mello. Recife: FUNDAJ/Massangana, 1988. v. 7.

- _____. & DI LASCIO, Arnaldo & PERNAMBUCANO, Jarbas. Alguns dados anthropologicos da população do Recife. In: Congresso afro-brasileiro. (2:1936: Recife).
- Estudos afro-brasileiros. Apresentação: José Gonçalves de Mello. Recife: FUNDAJ/Massangana, 1988. Volume: 7.
- PICCOLI, Valéria. A identidade brasileira no século XIX, Revista do Museu de Arte Moderna de São Paulo, número 8, jan. 2007.
- PIERSON, Donald. Ascensão social do mulato brasileiro. In: Revista do arquivo municipal de São Paulo. Vol.: LXXXVII, ano: VIII, dezembro de 1942.
- PINTO. Edgar Roquette. Prefácio. In: Congresso afro-brasileiro. (1:1934: Recife). Estudos afro-brasileiros. Apresentação: José Gonsalves de Mello. Recife: FUNDAJ/Massangana, 1988. Volume: 6.
- PINTO, Luiz de Aguiar. O negro no Rio de Janeiro: relações de raças numa sociedade em mudança. 2ª edição, Editora da UFRJ: Rio de Janeiro, 1998.
- PINTO, Luís. Rodrigues de Carvalho, o jornalista. Rio de Janeiro: Aurora, 1970.
- PONTES, Carlos. Uma escrava original. In: Congresso afro-brasileiro. (2:1936: Recife). Estudos afro-brasileiros. Apresentação: José Gonçalves de Mello. Recife: FUNDAJ/Massangana, 1988. Volume: 7.
- PRANDI, Reginaldo. A dança dos caboclos: uma síntese do Brasil segundo os terreiros afro-brasileiros. São Paulo: EDUSP, 2000.
- PROENÇA, Ivan Cavalcanti. Ascenso Ferreira. In: Azevedo Filho, Leodegário A. (org.) POETAS do modernismo: antologia crítica. Brasília: INL, 1972. v. 5, p. 15 - 17. (Literatura brasileira, 9).
- _____. Herdeiras do Axé In: Deuses africanos no Brasil. São Paulo: Hucitec, 1997.
- _____. Roteiro de Macunaíma. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira,

1969.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Identidade cultural, identidade nacional no Brasil.

Tempo Social: Revista de Sociologia da USP, São Paulo, v. 1 n. 1, p.29 - 46, 1º sem.

1989. p. 29.

QUERINO, Manoel. Costumes africanos no Brasil. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1938.

RAIZ, Jovino da. O trabalhador negro no tempo do bangüê comparado com o trabalhador

negro no tempo das usinas de assucar. In: Congresso afro-brasileiro. (2:1936: Recife).

Estudos afro-brasileiros. Apresentação: José Gonçalves de Mello. Recife:

FUNDAJ/Massangana, 1988. Volume: 7.

RAMOS, Arthur. As culturas negras. Rio de Janeiro: Livraria - Editora da Casa do Estudante do Brasil, 1946.

_____. Os mythos de Xangô e sua degradação no Brasil. In: Congresso afro-brasileiro.

(1:1934: Recife). Estudos afro-brasileiros. Apresentação: José Gonçalves de Mello.

Recife: FUNDAJ/Massangana, 1988. Volume: 6.

_____. Prefácio. In: Congresso afro-brasileiro. (2:1936: Recife). Estudos afro-brasileiros.

Apresentação: José Gonçalves de Mello. Recife: FUNDAJ/Massangana, 1988. Volume:

7.

RAMOS, Guerreiro. O problema do negro na sociologia brasileira In: Cadernos do nosso tempo. São Paulo, USP – FFLCH, Jan. - Jun. de 1954.

RAYMUNDO, Jacques. Ohum eniadudu. In: Congresso afro-brasileiro. (2:1936: Recife).

Estudos afro-brasileiros. Apresentação: José Gonçalves de Mello. Recife:

FUNDAJ/Massangana, 1988. Volume: 7.

RIBEIRO, Darcy. Gilberto Freyre: uma introdução a Casa grande & senzala In: Casa grande & senzala. 46ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

RIBEIRO, Leonidio, BERARDINELLI, W. & BROWN, Isaac. Estudos biotipológico de negros e mulatos brasileiros normais e delinquentes. In: Congresso afro-brasileiro.

(2:1936: Recife). Estudos afro-brasileiros. Apresentação: José Gonçalves de Mello.

- Recife: FUNDAJ/Massangana, 1988. Volume: 7.
- RIO, João do. *As Religiões no Rio*. Rio de Janeiro: Garnier, 1906.
- RODRIGUES, Raimundo Nina. O animismo fetichista dos negros bahianos. Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 1935.
- _____. *Os africanos no Brasil*. 5a. ed. São Paulo: Editora Nacional, 1977.
- ROSA, Teófilo. Elogio Acadêmico. Editora Massangana: Pernambuco, 1969.
- ROSENDAHL, Zeny. *Espaço e religião: uma abordagem geográfica*. Rio de Janeiro: UERJ, NEPEC, 1996.
- SALES, Maria Letícia Xavier. O Clube do Cupim e a memória pernambucana In: Revista do Arquivo Público, Recife, v.40, n.43, p. 101 - 115, out. 1990.
- SANSONE, Lívio. As relações em *casa grande & senzala* revisitadas à luz do processo de internacionalização e globalização In: MAIO, Marcos Chor & SANTOS, Ricardo Ventura (orgs.). Raça, ciência e sociedade. Rio de Janeiro: FIOCRUZ/CCBB, 1996.
- SANTOS, Deoscoredes M. dos Axé Opô Afonjá. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Estudos Afro-Asiáticos, 1962.
- SANTOS, Juana Elbein dos. *Os Nàgô e a Morte: pàdè, asèsè e o culto Égun na Bahia*. Petrópolis: Vozes, 1976.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil - 1870 - 1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- SILVA, Eduardo, REIS, João José. *Negociação e conflito: a resistência negra no Brasil escravista*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- SILVA, Jorge Fernandes da. Vidas que não morrem. Recife: Secretaria de Educação, Departamento de Cultura, 1982.
- SOIHET, Rachel. História, Mulheres, Gênero: Contribuições para um Debate. In: AGUIAR, Neuma (org.). Gênero e Ciências Humanas. Rio de Janeiro: Ed. Rosa dos Tempos, 1997.
- SOUZA, Juliana Beatriz Almeida de. *A identidade posta no altar: devoção à Nossa Senhora da Conceição Aparecida e questão Nacional*. Niterói, 1996. Dissertação (Mestrado em

- História) - Universidade Federal Fluminense.
- SOUTO, Cláudio. Ciência do Direito e Ciência Social: revisitando Gilberto Freyre em seu centenário In: Revista ciência & trópico. vol. 28, n. 1, jan./jun. 2000.
- VAINFAS, Ronaldo, CARDOSO, Ciro (org.) Domínios da História. Ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- VALLADARES, Clarival do Prado. Aspectos da Arte Religiosa no Brasil: Bahia, Pernambuco, Paraíba e Rio Barroco. Núcleo de Cultura Odebrecht, 1985.
- VERGER, Pierre. Notícias da Bahia - 1850. Salvador: Corrupio, 1981.
- VIDAL, Adhemar. O outro Eu de Augusto dos Anjos. José Olympio: Rio de Janeiro, 1967.
- _____. Três séculos de escravidão na Parahyba. In: Congresso afro-brasileiro. (2:1936: Recife). Estudos afro-brasileiros. Apresentação: José Gonçalves de Mello. Recife: FUNDAJ/Massangana, 1988. Volume: 7.
- VILELA, Carneiro. O Clube do Cupim In: SILVA, Leonardo Dantas (org.). A abolição em Pernambuco. Recife: Fundaj. Ed. Massangana, 1988. p. 25 - 35. (Abolição, 10).
- OLIVEIRA. Waldir Freitas & LIMA, Vivaldo da Costa. Cartas de Édison Carneiro a Arthur Ramos. São Paulo: Corrupio, 1987.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)